FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.808 — DOMINGO, 21 DE JULHO DE 2024 — R$ 9,90



A produtora de eventos Marcella de Oliveira Santos, 37, que frequenta a igreja evangélica Renascer no bairro da Mooca, na zona leste de São Paulo Karime Xavier/Folhapress

Negras são maioria nas igrejas evangélicas de SP

Maior parte do segmento frequenta templos de pequeno porte, diz Datafolha

As igrejas evangélicas de São Paulo têm em sua base uma maioria de mulheres negras, em famílias com renda de até três salários mínimos. Esse é o retrato apresentado por pesquisa do Datafolha com 613 moradores da capital paulista que se declaram parte desse ramo cristão.

De acordo com o levantamento, 71% do segmento frequentam templos de pequeno porte, que comportam até 200 pessoas e se multiplicam pelas periferias. Quatro em cada dez entrevistados disseram ir a uma igreja evangélica desde que nasceram ou antes dos 12 anos.

São 43% os que afirmam ao Datafolha pertencer a uma igreja pentecostal, categoria que abrange Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Deus É Amor.

Em seguida, com 22%, estão os adeptos de casas neopentecostais, como a Universal e a Renascer.

O levantamento foi formulado com colaboração de especialistas, como o antropólogo Juliano Spyer, colunista da **Folha**, e a socióloga Christina Vital. **Cotidiano B1**

Armas e homeschooling afastam evangélicos em SP do bolsonarismo **B2**

Suspeito de ser informante na Receita esteve com Bolsonaro

Um coronel da reserva do Exército apontado por pessoas com conhecimento do assunto como o informante junto à Receita citado por Jair Bolsonaro (PL) na reunião em que discutiu acionar o órgão para ajudar seu filho Flávio no caso das "rachadinhas" teve ao menos seis encontros com o então presidente em 2019. Eles não comentaram. **Política A4**

Boulos já pode se considerar futuro prefeito, diz Lula

Na convenção que oficializou Guilherme Boulos (PSOL) como candidato apoiado pelo PT na disputa paulistana, o presidente Lula disse que o deputado "já pode se considerar o futuro prefeito". A petista Marta Suplicy ocupa a vice na chapa. **Política A8**

Celso R. de Barros

O tiro de 2024 é a facada de 2018?

O tiro vai ajudar a eleger Donald Trump como a facada de Adélio Bispo ajudou a eleger Bolsonaro? É difícil dizer. Se Trump já era favorito, e o atentado deve ajudá-lo, podemos cravar que a eleição americana já está decidida? Ainda não. **Política A10**

Após atentado, Trump abandona discurso de união

Ao retomar comícios de campanha após o atentado que o feriu levemente há uma semana, Donald Trump abandonou o discurso ensaiado de união nacional. Ao lado do vice, J.D. Vance, atacou democratas e elogiou líderes como Putin e Xi. **Mundo A14**

ilustrada / **ilustríssima**

Megashows enfrentam dificuldade

Turnês canceladas, cachês milionários e eventos gratuitos levam a crise **C1**

MÔNICA BERGAMO

Complexo de vira-lata nos Jogos acabou, diz Ney Wilson, do COB **C2**

Esporte **B8**

Mulheres superam preconceitos e os homens no histórico do tiro olímpico

Ciência **B5**

Mapa mostra onde vivem 1,73 bilhão de pessoas sob ameaça de terremoto

Equilíbrio **B7**

Amores possíveis

SÉRIES FOLHA — É TUDO AMOR

Casais que têm relacionamento aberto dizem que, para driblar o ciúme e promover responsabilidade afetiva, passaram a estabelecer acordos e limites.

João Petrocelli e Lucas Bezerra namoram há cinco anos e têm encontros individuais com outras pessoas Allison Sales/Folhapress

Equipe econômica sugere que Lula antecipe indicação ao BC

Auxiliares do ministro Fernando Haddad (Fazenda) avaliam que Lula (PT) deveria antecipar a indicação do nome que irá substituir o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, desafeto do petista cujo mandato acaba em 31 de dezembro deste ano.

Para eles, se Lula colocar o novo nome entre agosto e outubro, poderá dar um sinal de previsibilidade acerca da política monetária e acalmar o mercado. A turbulência das críticas recentes do presidente ao BC tem elevado a cotação do dólar e os juros futuros. **Mercado p.1**

Esgoto desafia a nova sócia da Sabesp em concessão no Amapá

A única concessão de saneamento da nova sócia da Sabesp, iniciada em 2022 no AP, trazia realidade bem diferente daquela que a Equatorial irá enfrentar em SP.

O esgoto só chegava a 15% da população e a água tratada, a 38%. Ainda não há dados para comprovar a alegação da empresa de melhoria nos itens. **Mercado p.6**

Agência autoriza 870 garimpos em unidades de conservação

Ambiente B6

EDITORIAIS **A2**

Fora da lei, prefeituras não têm transparência

Sobre falta de informações nos portais municipais.

Revolta contra turistas

Acerca de recentes protestos em cidades europeias.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

24° 12°

0h 6h 12h 18h 24h

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 34808

INÊS 249

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão



EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Fora da lei, prefeituras não têm transparência

Portais de municípios falham em apresentar dados básicos sobre contratos e execuções orçamentárias; capitais também têm opacidade

Grande parte das prefeituras brasileiras exibe em seus portais na internet verdadeiras peças de ficção a fim de burlar a legislação que as obriga a prestar contas com transparência aos cidadãos. Tanto no que se refere à administração das taxas e impostos que arrecadam quanto ao detalhamento orçamentário e execução de obras.

O engodo fere frontalmente a Lei de Responsabilidade Fiscal, de 2000, e lei complementar subsequente de 2009 que obrigam as prefeituras, assim como os estados e a União, a disponibilizar documentos e demais informações, em tempo real e de forma minuciosa, sobre a execução orçamentária.

Levantamento recente da ONG Transparência Brasil sobre o tema revelou que, mesmo entre as capitais, três em cada quatro apresentam níveis "regular" ou "ruim" de transparência em aspectos como execução de emendas parlamentares, andamento de obras públicas e valores pagos, entre outros.

Assim, cerca de 21,4 milhões de pessoas —o equivalente à população de Minas Gerais— vivem em capitais com índices inadequados de livre acesso a dados públicos.

A pesquisa mostrou que apenas Vitória, no Espírito Santo, alcançou classificação "ótimo" no ranking, com nota 98,6 (em escala de 0 a 100). Nos últimos anos, o estado capixaba notabilizou-se como exemplo para o país no que se refere ao ajuste das contas públicas e a boas práticas administrativas.

São Paulo, a maior cidade brasileira, obteve 78,9 pontos e ficou em terceiro lugar, antecedida por Recife (79) —ambas com a classificação "bom". As seis piores ("ruim") estão no Norte e Nordeste: Natal, Rio Branco, Boa Vista, Belém, Teresina e Macapá.

Outro levantamento abrangente sobre a qualidade dos portais das prefeituras realizado pelo Tribunal de Contas da União (TCU), entre 2021 e 2022, avaliou 2.376 municípios em oito estados.

Nada menos que 66% dessas cidades não possuíam ferramenta adequada. E muitas das que as tinham não proporcionavam o direcionamento para dados ou informações de contratos, tal como a legislação exige, apenas conduziam o usuário do site a notícias da imprensa sobre o município.

Apesar de realizar outros trabalhos para estimular as prefeituras a divulgar informações de forma sistemática, o TCU reconheceu que há muitos desafios a serem enfrentados, à época do extenso levantamento de 2021-2022.

Em ano de eleição municipal, é fundamental que o tema seja abordado com seriedade pelos órgãos de fiscalização como o TCU e os tribunais de contas estaduais e municipais, além das câmaras de vereadores, assim como nos debates entre os candidatos.

Revolta contra turistas

Regulação é meio mais eficiente para conter os efeitos negativos das ondas de visitação em massa

Europeus estão se rebelando contra enxames de turistas em cidades como Barcelona, Veneza, Atenas e Amsterdã. Nelas, moradores têm organizado protestos contra os visitantes estrangeiros. Na Espanha, pessoas de fora chegaram a ser recepcionadas por locais com "tiros" de pistolas de água.

Há algo de ludismo nesses movimentos. Eles obviamente não expulsarão os turistas e nem interessa aos países que isso ocorra. O velho continente é a região mais visitada do planeta. O setor de turismo representa 10% do PIB da União Europeia, chegando a incríveis 25% em países como a Croácia.

No entanto se o turismo gera enorme bônus, também produz alguns ônus, e a distribuição dos dois não é equânime. Quem se apropria da maior parte dos lucros são as companhias aéreas e marítimas e redes hoteleiras. Proprietários de imóveis para aluguel, donos de restaurantes e de outros comércios e serviços também faturam.

Já o cidadão comum, embora se beneficie indiretamente com o aumento da arrecadação de impostos, é quem enfrenta mais diretamente os efeitos negativos.

O mais importante deles é o fenômeno da gentrificação —uma inflação geograficamente localizada associada à chegada de pessoas com maior poder aquisitivo.

Em Barcelona, os aluguéis subiram 60% em dez anos. Há ainda impactos ecológicos (consumo de energia e água, geração de lixo) e até sobre o sossego público.

Porém, quaisquer que sejam os problemas, a resposta sensata não é atacar visitantes, mas regulação.

O desenho específico depende de muito das condições locais, e há várias ferramentas que podem ser utilizadas. A mais óbvia são taxas ou licenças que limitem o número diário de turistas.

Regras mais rígidas para aluguéis de curta temporada, com maior tributação, podem ajudar a conter a especulação imobiliária. O risco neste caso é errar na dose e acabar criando um mercado negro, que só beneficiaria os ilegais.

A regulação existe justamente para lidar com situações de interesses conflitantes. Ela não elimina os desentendimentos, mas pode torná-los administráveis.

América iliberal

Hélio Schwartsman

Uma das grandes narrativas de nosso tempo assevera que os EUA, fiéis a suas tradições liberais, não apenas se converteram numa das primeiras democracias do mundo como ajudaram a espalhar esse regime pelo planeta. Tal enunciado, embora tenha algo de verdade, esconde problemas, como toda grande narrativa. Na vida real, as coisas tendem a ser mais complexas e nuançadas, quando não contraditórias.

"Illiberal America", do historiador Steven Hahn, mostra que, se o liberalismo está inscrito no DNA dos EUA, movimentos iliberais também fazem parte da história do país, desde o início e em altas doses. O mesmo comunitarismo —a auto-organização da sociedade em associações, congregações, clubes etc.— que Alexis de Tocqueville viu como fonte do vigor democrático dos EUA está na origem de disposições autoritárias que muitas vezes se converteram em violência.

Hahn descreve esses movimentos. Há desde os óbvios, como as várias campanhas de limpeza étnica que os colonizadores lançaram contra as populações autóctones, até outros mais sutis, como o formato que a República assumiu a partir do jogo de forças entre federalistas e antifederalistas.

Preconceitos que transitam entre o etnocentrismo, a xenofobia e o racismo sempre estiveram presentes. Pôr indesejáveis para correr cobertos de piche e penas, também. Um elemento bastante forte até os anos 60, o anticatolicismo, quase desapareceu, depois que evangélicos e católicos decidiram unir forças contra o aborto.

O autor mostra ainda que as forças iliberais eram ecumênicas. Grupos indubitavelmente progressistas no século 19 e início do 20 abraçaram com gosto a eugenia. Foi aliás na eugenia americana que Hitler buscou inspiração.

O livro é interessante, altamente informativo e tem uma pegada bem de esquerda. O autor destrincha alguns elementos iliberais no neoliberalismo.

A história é sempre mais complexa do que querem as grandes narrativas.

helio@uol.com.br

Normalizar não é preciso

Bruno Boghossian

Se os franceses tivessem acordado no dia 1º de julho convencidos de que a ultradireita representava uma alternativa normal na política do país, a Reunião Nacional estaria hoje no poder. No segundo turno da disputa, a maior parte daqueles atores decidiu que a turma de Marine Le Pen não deveria governar a França.

O problema da "normalização da ultradireita" começa e termina no desejo do eleitor, mas é também uma questão de debate público e de organização política. Quando a população de um país identifica uma plataforma radical como melhor opção de governo, a escolha está feita. Ela não deixa de ser radical nem passa a ser admitida com menos resistência.

O mundo já mostrou que programas que incluem a redução de controles democráticos ou a violação de direitos humanos são capazes de obter apoio eleitoral majoritário. A necessidade de compreendê-los como fenômenos de massa, sancionados pelo voto, não deveria ser suficiente para que sejam encarados como uma opção qualquer.

A objeção feita na arena pública costuma ser uma tentativa de convencer o eleitor a não abandonar valores morais mínimos ou não aceitar determinadas ideias como um mal menor. Nas elites partidárias e institucionais, a crítica representa um gatilho para ações de coordenação política que, em geral, têm o objetivo de isolar grupos radicais.

O erro grosseiro dos adversários da ultradireita é que a maior parte se recusa a compreendê-la como um fenômeno de massa. Para piorar, ainda revertem contra si aquele esforço de isolamento a partir do momento em que entregam a seus rivais o monopólio de temas como segurança ou imigração.

A normalização oferece à ultradireita a possibilidade de apresentar soluções radicais como itens aceitáveis do cardápio político, avalizados por uma demanda popular. Condenar esses programas, por outro lado, é uma maneira de impor um custo a candidatos que os adotam e, principalmente, dar respaldo às instituições que podem conter seus abusos.

O seu CD favorito

Ruy Castro

Em sua enquete de domingo, há duas semanas (7/7), a **Folha** perguntou ao leitor: "Qual é o seu CD favorito? Você ainda tem exemplares físicos?". Seguiram-se 18 respostas. Li-as atentamente e, fazendo uma tabulação de orelhada, apurei o seguinte.

Dos 18 discos citados, há apenas três de artistas brasileiros: Sandy & Junior, Marisa Monte e o Clube da Esquina. Três em 18. Não sei explicar essa desnacionalização do nosso gosto musical. Em outros tempos seriam citados Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jorge Ben Jor, Wilson Simonal, Rita Lee, Elis Regina, Maria Bethânia, Gal Costa, Beth Carvalho, Clara Nunes, Fagner, Ney Matogrosso e outros, para ficarmos apenas nos artistas de grande vendagem e prestígio. Talvez fosse uma questão de idade —os leitores, certamente mais jovens, já não se identificariam com aqueles nomes, todos dos anos 60 e 70.

Mas, ao observar quais os discos estrangeiros, vêem-se George Harrison, Bonnie Tyler, Iron Maiden, Pink Floyd, Queen, os Bee Gees e os Beatles, todos igualmente dos anos 60 e 70, e Madonna, o Tears for Fears e o Destruction, dos anos 80. A caçula das referências é a pop-punk Avril Lavigne, que já tem mais de 20 anos de carreira. Duas citações surpreendentes são o cantor folk-rock-country Kenny Rogers e a orquestra do francês Paul Mauriat, que vieram dos pré-diluvianos anos 50. Não se trata, pois, de uma questão de idade.

Nem de gênero musical porque, se os roqueiros ingleses e americanos predominam, os brasileiros estão conspicuamente ausentes —ninguém falou em Blitz, Titãs, Legião Urbana, RPM, Paralamas, Sepultura, Gang 90 & Absurdettes, Lobão e os Ronaldos. Ninguém se lembrou de Raul Seixas. E, em outra área, nem de Roberto Carlos, Waldick Soriano, Nelson Ned, Agnaldo Timóteo.

Onze dos 18 leitores ainda escutam "exemplares físicos". Há algo de errado aí —não se diz que ninguém mais quer saber deles?

Política de vexame

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Ainda circula nas redes a cena em que Bolsonaro entrega a Milei sua medalha de "imorrível, imbrochável e incomível", com um dos filhos tentando traduzir os termos para o espanhol. Pode-se perguntar por que reportar uma baixaria dessas, quando a memória coletiva já está saturada dos episódios repugnantes a cargo de ambos. Mas o ato recente ocorre num quadro de estresse de variáveis essenciais da vida política, levado além do que seria normal chamar de zona crítica, e pelo visto peça de uma estratégia.

Antecedentes: Milei trocou a cúpula do Mercosul pelo festival em Camboriú, numa provocativa violação dos protocolos de Estado. Isso soa irrelevante na Argentina de hoje, onde se normalizou um hiato entre a atividade de uma camarilha de estrategistas políticos e a obsessão presidencial em transformar a economia num laboratório de ciência própria, supostamente para tirar o país da crise. Nada a ver com resgatar da miséria o povo, que nela mergulha cada vez mais, e sim assegurar a continuidade do sistema à hegemônica correlação de forças financeiras.

Nas crises, o ecossistema capitalista admite uma "fascioesfera", um buraco negro da moral, que oscila entre a violência e o grotesco. Daí o cambalacho de dar corda à alucinação protofascista de um presidente com boa ressonância popular, desde que fixado em seu real interesse: a experiência de uma economia neoliberal extremista, vigiada de perto pelo FMI. A principal estrategista política, além de um jovem conselheiro, é sua irmã, mediadora do diálogo com Conan, o cachorro já falecido. Os estrategistas econômicos fingem de cachorro morto.

O problema da armação publicitária é a fadiga do recurso, que transborda da zona crítica da política, inteligível no âmbito de relações diplomáticas, para ofensas pessoais a autoridades de países como Brasil, Bolívia, Colômbia e Espanha. Milei adora xingar. Mas a vinda ao Brasil, além de mostrar que existe uma política do vexame, sinalizou que a exportação da palhaçada já não obtém a repercussão esperada.

O que resta é o vazio da mobilização, pontuado por eventos horripilantes como a entrega da medalha. O vídeo deixa evidente que o argentino apenas fingiu entender o significado da inscrição. A pobreza do espanhol falado teria levado um dos presentes a abaixar as calças e gesticular com o dedo para traduzir "incomível". Uma variante do "golden shower". Mas de nada importa qualquer entendimento racional, porque na fascioesfera o grotesco escatológico afirma-se sozinho. Incompreensível mesmo a olhos públicos é que governadores de estado acolham, pagando, a patuscada, e que uma parcela da população vibre contente.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Reconstruindo a pós-graduação brasileira

Desafio requer união da comunidade acadêmica

Denise Pires de Carvalho
Presidente da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ex-reitora da UFRJ

É legítima e muito bem-vinda a preocupação da comunidade acadêmica e da sociedade com a pós-graduação stricto sensu (cursos de mestrado e doutorado), o que demonstra a relevância da ciência para os brasileiros. Hoje, é consenso que o desenvolvimento das nações depende da formação de mestres e doutores.

No Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é responsável pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) há quase 60 anos, desde a sua institucionalização, em 1965. O SNPG é robusto e projetou a ciência do Brasil no mundo, principalmente nas últimas décadas. Desde 2007, a Capes também apoia a formação inicial e continuada de professores da educação básica, fundamental para a qualificação dos profissionais do magistério.

O aumento do número de mestres e doutores —uma das poucas metas atingidas no Plano Nacional de Educação 2014-24— acompanha o crescimento da produção científica no país, essencial para o desenvolvimento socioeconômico. Contudo, ainda temos cerca de cinco vezes menos doutores que a média dos países da OCDE; portanto, aumentar a formação de doutores é estratégico. Vale reiterar que estamos na era da sociedade do conhecimento e nenhum país se desenvolveu sem investir em ciência, tecnologia e inovação.

Nos últimos seis anos, o Brasil enfrentou um lamentável período de desvalorização das universidades e institutos de pesquisa, com base na falácia de que a formação de doutores não teria relevância estratégica. As bolsas de pós-graduação não tiveram reajuste por dez anos, afastando profissionais qualificados. Desde 2016, o orçamento destinado aos Ministérios da Educação e de Ciência, Tecnologia e Inovação diminuiu, impactando o progresso científico que florescia até 2015.

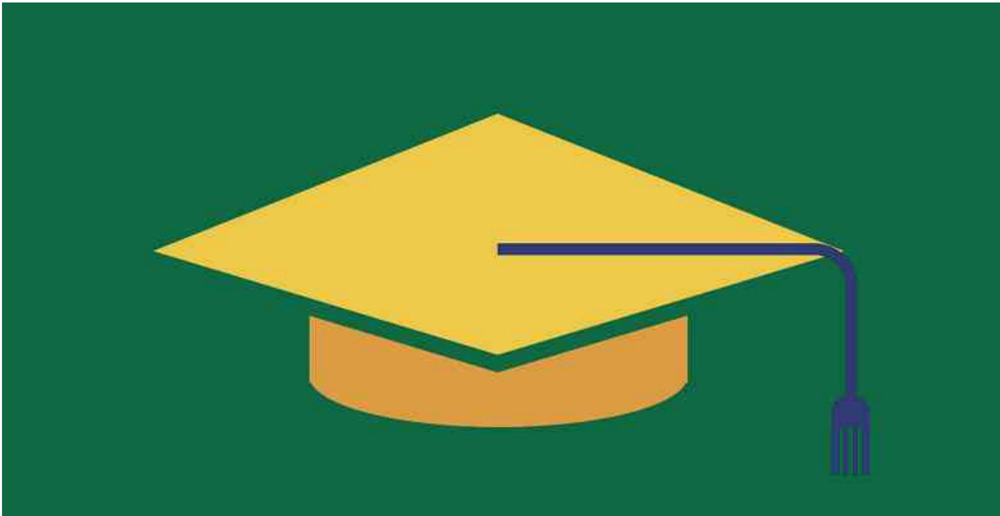
A reconstrução começou em 2023, com reajuste no valor das bolsas de pós-graduação em mais de 40%, aumento do número de bolsas, implementação de políticas para a redução de assimetrias e retomada de programas estratégicos. O orçamento da Capes foi recomposto em R$ 2,45 bilhões, cerca de 50% a mais do que em 2022. O número de bolsas institucionais de mestrado e doutorado é o maior da série histórica, e o SNPG superou a marca de 350 mil matriculados. O número de titulados por ano retorna aos maiores patamares, enquanto a evasão na pós-graduação é a mais baixa da última década.

Até 2010, apenas Rio de Janeiro e São Paulo produziam a maior parte do conhecimento do Brasil. Em 2024, ainda temos assimetrias na distribuição dos programas de pós-graduação de excelência, com mais de 85% concentrados nas regiões Sul e Sudeste. No entanto, hoje encontramos programas de excelência em todas as regiões, demonstrando que a capacidade instalada permite o aumento de graduados, mestres e doutores de maneira inclusiva e equitativa.

Há esforço conjunto para reverter o desmonte da capacidade científica brasileira que se instalou até 2022. Trabalhamos com a convicção de que fortalecer a pós-graduação representa um futuro diferente para o país, que poderá se industrializar, produzir e exportar alta tecnologia —e não apenas matéria-prima. O envolvimento do Parlamento tem sido fundamental, com projetos estruturantes, como a Política Nacional de Assistência Estudantil e o projeto de lei sobre direitos trabalhistas para os pós-graduandos. Assim, não podemos concordar com a alegação de que ainda haja uma crise na pós-graduação.

A evolução nos últimos anos é inegável, diante do cenário anterior. O enfraquecimento da educação superior e a diminuição da taxa de graduados, mestres e doutores no país nunca foi uma crise, mas um projeto, do qual devemos nos afastar para que o Brasil se torne um país mais justo e respeitado internacionalmente. Há muito trabalho pela frente, para continuar avançando e atendendo às demandas da comunidade acadêmica e da sociedade.

A reconstrução da pós-graduação brasileira é um desafio que requer união e esforço de toda a comunidade acadêmica.



Carvall

Mais especialistas no SUS

Distribuição deve observar regiões, não municípios

A respeito do recém-lançado Programa Mais Acesso a Especialistas (PMAE), do Ministério da Saúde, cabem algumas reflexões. É legítimo e necessário facilitar o acesso da população a especialistas das mais distintas áreas, pois são eles os mais capacitados para resolver situações que requerem conhecimentos mais aprofundados. No Brasil, o problema do SUS não é falta de especialistas, mas sim sua má distribuição em todo o território nacional, o que se agrava pelo fato de que esses profissionais requerem mais recursos para diagnósticos e tratamentos do que médicos generalistas ou em atenção básica de saúde —aliás, com os quais, devem manter constante interação.

Cremos que para o programa ser bem-sucedido devem ser observadas algumas premissas. Do ponto de vista organizacional, a distribuição dos médicos especialistas deve ocorrer por regiões e não por municípios, as quais precisam ser definidas a partir de aspectos geográficos, epidemiológicos e de infraestrutura de atendimento instalada, sendo que a definição das especialidades mais carentes irá orientar os necessários investimentos em equipamentos e recursos humanos, que incluem outros profissionais de saúde.

A implantação da telemedicina será de grande valia para facilitar a comunicação entre médicos, pacientes e o próprio sistema de saúde. Quanto aos médicos especialistas, em particular os em início de carreira, a busca de novos locais de atuação, fora dos circuitos com maiores concentrações de profissionais, só será atraente com condições apropriadas de trabalho e de salários.

Sendo o objetivo desse programa melhorar o atendimento da população, é imperativo que se valorize não apenas o acesso a médicos especializados, mas que haja a preocupação de que estes sejam realmente bem qualificados —ao contrário do que se tem observado com grande número de formandos de muitas das novas faculdades de medicina aprovadas nos últimos anos pelo MEC.

O médico, para se tornar um especialista, tem um longo caminho a percorrer. Começa com a residência médica, que, de acordo com a especialidade, varia de dois a cinco anos. Uma vez completada essa etapa, ele pode se habilitar a prestar o exame para obter o título de especialista.

No Brasil, os programas de residência necessitam da aprovação das sociedades de especialidade e do MEC, sendo que os títulos de especialista são concedidos pelas distintas 54 sociedades médicas nacionais de especialidade, nos padrões que ocorrem nos países mais adiantados. É importante frisar que, em grande parte dos concursos, apenas um terço dos candidatos consegue obter o título de especialista, algo que demonstra rigor e preocupação das sociedades médicas de especialidade com a qualidade desses futuros profissionais.

Um novo decreto presidencial, assinado há poucas semanas, alterou a estrutura da Comissão de Residência Médica, que controla os programas de especialidade de todo o país, a nosso ver com alguns pontos polêmicos. Porém, acreditamos que o governo pretende manter a tônica de busca de qualidade dos especialistas brasileiros, assim como entendemos ser dogmático que tanto os programas de residência médica quanto a concessão de títulos de especialidades devam estar sob a égide das sociedades médicas. Em benefício da qualidade de atendimento da população.

Cesar Eduardo Fernandes, presidente da Associação Médica Brasileira; **Elieta Bouskela**, presidente da Academia Nacional de Medicina; **José Hiran Gallo**, presidente do Conselho Federal de Medicina; e **Raul Cutait**, membro da Academia Nacional de Medicina

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Cracolândias ambulantes

Tarcísio conseguiu: 72 cracolândias ("Cidade de São Paulo tem 72 cracolândias espalhadas por 47 bairros, de áreas nobres a periferia", Cotidiano, 20/7)! Como um político consegue se tornar um multiplicador.
Márcia Shimae Tokashima Nishiye (São Paulo, SP)

*

Sou da época em que usar drogas era crime, mas, nos tempos atuais, em que usuários são doentes, o caso passou a ser de saúde e está se alastrando. Tratem esses casos como de polícia para ver se eles não somem.
Benedito C. Pacifico (Duque de Caxias, RJ)

Rússia condena americano

O cara estava nos Urais (Rússia), ao lado de uma fábrica de blindados, procurando reuniões secretas com trabalhadores da indústria bélica ("Rússia condena repórter americano a 16 anos de cadeia por espionagem", Mundo, 20/7). Seria condenado em qualquer país.
Paulo Pinheiro Machado (Florianópolis, SC)

Apagão

O bug do milênio chegou com atraso de 24 anos ("Falha em sistema da Microsoft gerou apagão; no Brasil, bancos têm instabilidade", Mercado, 20/7).
Marcos Fernando Dauner (Joinville, SC)

*

Quem vai pagar o prejuízo?
Paulo Sales (Belo Horizonte, MG)

Aves e doença

Pergunta: e a venda no Brasil ("Agricultura suspende exportação de carne de aves para quatro países após caso de doença no RS", Mercado, 20/7)? Liberada?! Como será gerenciada a distribuição no Rio Grande do Sul e no restante do país?
Maria Rita Torraca Gordin (São Paulo, SP)

Quilombolas e analfabetismo

É preciso política pública permanente para tratar da educação, da saúde e da regulação fundiária, para que essa população alcance o mínimo da igualdade preconizada na Constituição ("1 em cada 5 quilombolas no Brasil é analfabeto, diz Censo", Cotidiano, 20/7). As questões levantadas para o problema, como localização ou vida nos sertões, são absurdas. No século 21, com sistemas de comunicação que alcançam distantes locais e a plena consciência do que é exclusão, incluir essas comunidades é corretíssimo.
Alexandre F. Junior Matos (Niterói, RJ)

Dano ambiental

Que tristeza ("Usina é multada em R$ 18 milhões por morte de peixes em rio de Piracicaba (SP)", Ambiente, 20/7)! O valor não cobre o dano causado na biota aquática, no hidrológico, no geológico e nas populações que dependem do ambiente como um todo, além dos peixes. E querem negar a responsabilidade. Isso não pode ser chamado de ignorância ecológica, e sim de crime.
Angela Bueno (Florianópolis, SC)

Decisão autoritária

"Ativistas ambientais são condenados de 4 a 5 anos de prisão no Reino Unido" (Ambiente, 20/7). Isso lembra ditaduras de América Latina, Oriente Médio, Rússia... Essas que o Reino Unido tanto condena.
Monica da Silva Nunes (Rio Branco, AC)

Protetores solares

A questão da cartela de cores é empecilho muito grande para a compra desses produtos ("Protetores solares com cor são práticos e oferecem boa cobertura", Equilíbrio, 20/7). Eu, mesmo parda, tenho dificuldades para encontrar um que se adapte ao meu tom.
Vitória Furtado (Valença, RJ)

ASSUNTO PARA VOCÊ, LEITOR(A), COMO A SELEÇÃO BRASILEIRA PODE SE REERGUER?

Passando a jogar de modo coletivo, onde todos se apresentem para o jogo e tenham a autonomia para desenvolver todo o seu potencial. Faltam organização, conjunto, entrosamento e compromisso.
Gersio Garbin (São Paulo, SP)

*

Temos que ter pé no chão. Somos apenas mais uma seleção, entre tantas. Infelizmente, faltam ótimos jogadores em algumas posições, principalmente no meio de campo. Precisamos ser mais pragmáticos, como em 1994, se quisermos resgatar nossa seleção. Se não temos bons armadores, que escolham volantes um pouco mais habilidosos (ou corajosos), que pelo menos saibam sair jogando.
Delmar Galisi Domingues (Embu das Artes, SP)

*

Começando com a contratação de um técnico de altíssima qualidade (habituado a ganhar títulos).
Sergio Roberto Fraguas (Brasília, DF)

*

Jogar em grandes ligas da Europa não deveria ser credencial para convocação, a menos que haja algum protagonismo e conquistas expressivas. Falta o sangue nos olhos. Falta futebol, e sobram dancinhas de Tik Tok.
Alexandre Pasche (João Pessoa, PB)

*

Contratar comissão técnica competente, mesmo que seja estrangeira. Não temos que pensar no hexa nesse momento, mas sim parar de dar vexames.
Giovane Ferreira de Carvalho (Jataí, GO)

*

Com espírito de time, humildade e engajamento.
José Lucas Rodrigues Neto (Fortaleza, CE)

*

Jogando com raça, paixão, compromisso e entrosamento.
Eduarda Glória Raiol Valino (Belém, PA)

*

Reestruturando o mercado de futebol nacional, permitindo que os jogadores se desenvolvam e criem uma identidade nacional, em vez de serem rapidamente vendidos ao mercado estrangeiro.
Ícaro Santos (São Paulo, SP)

*

Aproximando a seleção do torcedor. Os jogadores têm pouca atenção com o que acontece no país.
Marcelo Luis Horta Silva Mariano (Belo Horizonte, MG)

*

Mudança na filosofia de jogo desde as categorias de base. Seguir modelo atualizado de jogo das grandes equipes da época. Jogadores de meio campo que ditem o ritmo de jogo.
Marx de Jesus (Ribeirão Preto, SP)

*

Fiscalização eficaz na CBF para eliminar a corrupção, os desmandos e a incapacidade administrativa. Planejamento de longo prazo para todas as seleções de base, masculina e feminina. Intercâmbio entre os ministérios do Esporte e da Educação para fomentar a prática nas escolas públicas e selecionar futuros atletas.
José Carlos Fassina (Limeira, SP)

*

É preciso muito mais do que coachs motivacionais —típicos da sociedade atual. São necessários valores pessoais que os direcionem a uma valorização do ser brasileiro em sua diversidade. Trabalho este que deve ocorrer em todo lar brasileiro: o ensino da formação da nação que foi gerada em meio à desigualdade social. Acredito que é preciso que a ostentação dê lugar ao altruísmo.
Bruna Estefanne Carvalho de Castro (Central, BA)

*

Precisa trabalhar a base pensando em identidade de jogo mais do que em resultado. Precisa dar tempo para entrosar os jogadores, abordar as competições menos pilhado e a valorizar o prazer de jogar. Também precisa de bastante sorte.
Louis Genot (Rio de Janeiro, RJ)

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Custo da reparação

A Comissão de Anistia calcula em R$ 302 milhões o total das indenizações para o biênio de 2025 e 2026, considerando pagamentos a civis, a cargo do Ministério da Gestão, e militares, pela Defesa. O valor está em nota técnica obtida pelo Painel. As estimativas foram feitas por uma força-tarefa da comissão no período de outubro a dezembro de 2023. Os cálculos se baseiam na tendência histórica de decisões do colegiado e podem variar conforme a composição de cada fórum.

META Para 2024, foram reservados R$ 40 milhões para pagamento de indenizações a civis e R$ 24,88 milhões para militares. A Comissão tem a intenção de concluir seus trabalhos em 2026, quando acaba o mandato do presidente Lula (PT). Integrantes do Ministério dos Direitos Humanos, ao qual o órgão é vinculado, dizem que há garantia dos ministérios da Gestão e da Defesa de que haverá recursos para o pagamento dos valores.

PAI... A Fundação Ivete Vargas, do PTB, manifestou a intenção de doar um busto de Getúlio Vargas e documentos históricos à Fundação Leonel Brizola, do PDT, em acordo que encerraria uma disputa de mais de quatro décadas entre os partidos pelo espólio do ex-presidente. A negociação ocorre após o TSE ter aprovado, em novembro de 2023, a fusão do PTB com o Patriota, em ato que deu origem ao PRD.

...DOS POBRES As conversas envolvem também uma cópia manuscrita da carta-testamento de Vargas e documentos de contabilidade. O PTB foi criado pelo ex-presidente em 1945, extinto após o golpe de 1964 e recriado por Ivete na redemocratização —para desgosto de Brizola, que queria a sigla sob seu comando.

FANTASIA Pré-candidato a prefeito de SP, Pablo Marçal (PRTB) diz em seu site oficial que exerce atualmente mandato de deputado federal. A informação é falsa, no entanto. Ele foi candidato em 2022, mas nunca tomou posse. Teve o registro cassado pela Justiça Eleitoral, que anulou os atos da direção do partido a que ele era filiado na época, o Pros.

URNA A assessoria de Marçal diz que ele obteve "votação expressiva" em 2022, "não tendo assumido por questões formais internas" da legenda.

HONRA... O governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, diz ser favorável a que a renegociação das dívidas dos estados beneficie também aqueles que estão com as contas em dia. "Aqui no meu estado nós temos dívida negativa. A gente não é contra achar um caminho para os estados endividados. Mas é bom também favorecermos os que fizeram o dever de casa", afirma.

...AO MÉRITO Ele se declara defensor de proposta do colega Rafael Fonteles, governador do Piauí, que sugere que os recursos economizados pelos estados endividados, como SP, RJ, MG e RS, sejam destinados a um novo fundo que seria repartido entre todas as unidades da federação. "É uma proposta justa, tem meu apoio", afirma.

PELAS BEIRADAS O PSOL deve ter apoio de setores de esquerda em duas das principais cidades do Rio de Janeiro, mesmo sem a adesão formal do PT. Na capital, Tarcísio Motta conta com o MST e dissidências petistas, que não aceitam a coligação com o prefeito Eduardo Paes (PSD). Em Niterói, Talíria Petrone recebeu apoio de Washington Quaquá, vice-presidente nacional petista, embora o diretório local esteja com Rodrigo Neves (PDT).

MÃOS DADAS A ministra Cida Gonçalves (Mulheres) se reuniu na manhã deste sábado (20) com o presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, para tratar do projeto "Feminicídio Zero", que o ministério prepara para conscientizar a população sobre a violência de gênero. A iniciativa deverá ser lançada em agosto.

APITA O ÁRBITRO Entre as ações que estão sendo estudadas pela pasta está a exibição de faixas com frases contra o feminicídio nos campos, antes das partidas de futebol.

Três Poderes

VENCEDORES DA SEMANA
Os memes chamando o ministro Fernando Haddad de **"Taxadd"**, que tomaram de forma inédita as redes sociais e incomodaram o governo.

PERDEDOR DA SEMANA
O prefeito de SP, **Ricardo Nunes**, que disse não haver BO de sua mulher por agressão e foi desmentido pelo governo do estado.

FIQUE DE OLHO
Tabata Amaral e José Luiz **Datena** fazem convenções; **Janja** vai a Paris para a abertura das Olimpíadas; governo tenta acalmar mercados após **corte de despesas.**

Com Guilherme Seto, Danielle Brant e Victoria Azevedo

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado R$ 29,90		Digital Premium R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO FOLHA (verificado por PwC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa. Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/



Ex-presidente Jair Bolsonaro durante conferência de conservadores em Santa Catarina Evaristo Sá - 6.jul.2024/AFP

Bolsonaro e suposto informante na Receita tiveram seis encontros

Ex-presidente citou em reunião para blindar Flávio a existência de um canal extraoficial com um coronel da reserva do Exército

Ranier Bragon

BRASÍLIA Um coronel da reserva do Exército que teve ao menos seis reuniões fechadas com Jair Bolsonaro (PL) nos palácios do Planalto e da Alvorada em 2019 é o informante citado pelo ex-presidente na reunião que tratou do caso das "rachadinhas" que atingia Flávio Bolsonaro, dizem pessoas que acompanharam de perto esses episódios.

Na última segunda-feira (15), o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), retirou o sigilo do áudio de agosto de 2020 em que Bolsonaro discutiu o uso da máquina federal para tentar anular a investigação contra seu filho mais velho.

Na reunião, Bolsonaro se prontificou a falar com os chefes da Receita Federal e do Serpro —a empresa estatal que detém os dados do Fisco— no contexto de discutir busca de provas que pudessem ser usadas para provar que Flávio teve seus sigilos acessados de forma ilegal na origem da investigação.

Além do então presidente, participaram dessa reunião o seu chefe do GSI (Gabinete de Segurança Institucional), Augusto Heleno, o à época diretor-geral da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) Alexandre Ramagem (PL), e duas advogadas de Flávio, Luciana Pires e Juliana Bierrenbach.

Logo no início dessa reunião de 25 de agosto de 2020, o então presidente da República diz que quem passava as informações para ele era "um coronel do Exército" e, em uma aparente ironia, completa dizendo que deveria "ter trocado pelo serviço secreto russo".

A seguir, Bolsonaro menciona ter esquecido o nome, momento em que Augusto Heleno diz saber quem é a pessoa, mas também demonstra certa hesitação em lembrar.

Ele então fala "Magela", o que é repetido por Bolsonaro.

Pessoas que acompanharam o caso de perto dizem que a referência, na verdade, é a "Marsiglia", sobrenome do coronel reformado do Exército Carlos Alberto Pereira Leonel Marsiglia.

A agenda pública de Bolsonaro na Presidência mostra que em seis ocasiões, sendo cinco delas a sós, ele recebeu o coronel Marsiglia no primeiro semestre de 2019, mais de um ano antes da reunião de 2020, nos palácios do Planalto e da Alvorada.

O primeiro encontro foi registrado como tendo ocorrido em 28 de março daquele ano. O último, em 23 de maio.

A única reunião de Bolsonaro com Marsiglia em que a agenda registra mais participantes é em 22 de maio, véspera da última reunião, em que estiveram presentes também os então ministros da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, e da Economia, Paulo Guedes.

A **Folha** procurou a defesa de Bolsonaro e o coronel Carlos Marsiglia, mas não obteve resposta ou não conseguiu contato.

Marsíglia, que havia ido para a reserva no Exército por volta de 2013 e não tinha cargo público na ocasião, é irmão de um auditor da Receita Federal do Rio de Janeiro que, ao lado de outros colegas, estava em litígio com o órgão e cujo caso estava sendo usado pela defesa de Flávio para tentar provar a tese de acesso ilegal pelo Fisco aos dados.

Ao todo, cinco auditores fiscais do Rio de Janeiro estavam sob suspeita de enriquecimento ilícito, mas afirmavam que eram alvos de perseguição interna por meio de investigações motivadas por denúncias forjadas e pautadas por acesso ilegais a seus dados fiscais.

No segundo semestre de 2020, a defesa do filho do presidente usou esses casos para entrar em contato com órgãos federais como a Presidência da República, o GSI e a Abin, além de acionar a PGR (Procuradoria-Geral da República).

A hipótese relatada ao governo e à PGR era a de que dois órgãos da Receita Federal no Rio —o Escritório de Corregedoria da 7ª Região Fiscal (Escor07) e o Escritório de Pesquisa e Investigação da 7ª Região Fiscal (Espei07)— poderiam ter acessado criminosamente os dados fiscais do senador e embasado, por caminhos extraoficiais, a produção do relatório do Coaf (órgão de inteligência financeira ligado ao Ministério da Economia) que originou, em 2018, a investigação contra o filho do presidente.

+ ENTENDA O CASO DAS 'RACHADINHAS'

Surge o caso (6.dez.18)
O Estado de S. Paulo revela que Coaf indicou movimentação financeira atípica de Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro na Assembleia do Rio

Flávio é denunciado (19.out.20)
O Ministério Público do Rio denuncia Flávio, acusado de liderar organização criminosa para recolher parte do salário de seus ex-funcionários em benefício próprio

STJ anula provas (9.nov.21)
O STJ anula as decisões tomadas pela Justiça do Rio, entendendo que a primeira instância não tinha poderes para investigar o filho do então presidente

Reunião com Bolsonaro vem a público (15.jul.24)
No inquérito da suposta 'Abin paralela', o STF divulga áudio de encontro em que Bolsonaro afirma ser preciso acionar os chefes da Receita e do Serpro para anular caso contra Flávio

Em 2018, os auditores formalizaram acusações contra os colegas que os investigavam no Sindifisco, o sindicato nacional dos auditores fiscais, o que gerou um processo de desfiliação dos integrantes da corregedoria.

Flávio Bolsonaro e outros deputados da Assembleia eram suspeitos de desvio de dinheiro público por meio da apropriação de parte do salário de assessores.

A operação patrocinada pelo senador e sua defesa com apoio da então máquina federal resultou em encontros com o então chefe da Receita, José Barroso Tostes Neto, incluindo um na casa do senador, em Brasília.

Como mostrou a **Folha** com base em documentos até então inéditos, a Receita Federal mobilizou por quatro meses uma equipe de cinco servidores para apurar a acusação feita pela defesa de Flávio.

O Fisco também solicitou uma devassa ao Serpro para tentar identificar acessos ilegais a dados fiscais de Bolsonaro, de seus três filhos políticos, de suas duas ex-mulheres e da então primeira-dama, Michelle.

A mobilização da defesa de Flávio para tentar obter no governo federal provas de ilegalidades na origem da investigação e com isso anular as apurações, entretanto, não surtiu efeito.

A investigação do Fisco concluiu pela improcedência das teses apresentadas pelo filho do presidente.

O caso das "rachadinhas" acabou sendo revertido, mas por outras razões.

Em 2021, após alguns resultados anteriores favoráveis a Flávio Bolsonaro, o STJ (Superior Tribunal de Justiça) anulou todas as decisões tomadas pela primeira instância da Justiça do Rio de Janeiro. O argumento foi o de que o juiz Flávio Itabaiana, da 27ª Vara Criminal, não tinha poderes para investigar o filho mais velho do presidente.

O uso da máquina pública em prol de Flávio Bolsonaro integra a investigação da Polícia Federal sobre a existência de uma "Abin paralela", que teria espionado ilegalmente adversários políticos, jornalistas e magistrados na gestão anterior.

INÊS 249

OMBUDSMAN | folha.com/ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895



Carvall

Pegadinhas da verborreia oficial

Falas sobre "corintiano" e corte no Orçamento recheiam semana tumultuada

Alexandra Moraes

Se o cara for corintiano, tudo bem. Mas e se o cara for o presidente Luiz Inácio Lula da Silva? Ele pode fazer um comentário elíptico e jocoso no meio de um discurso para condenar a violência doméstica?

A semana conturbada que começou com um atentado contra Donald Trump, ao qual se seguiu uma avalanche de teorias conspiratórias e desinformação, e termina ainda no rescaldo do estrago de um apagão cibernético teve, no Brasil, o recheio adicional do declaratório polêmico de Lula.

Foi um strike concentrado na terça-feira (16). Numa entrevista dada à TV Record e vazada ao mercado antes de sua publicação, o presidente voltava a colocar em dúvida cortes para este ano.

Na tarde do mesmo dia, num evento no Planalto "para anúncios referentes ao setor da indústria de alimentos", foi elogiar a presença de mulheres no encontro ("Eu nunca fiz uma reunião com tantas mulheres aqui dentro") e emendou considerações sobre violência doméstica. "Hoje eu fiquei sabendo uma notícia triste. Tem pesquisa, Haddad, que mostra que depois de um jogo de futebol aumenta a violência contra a mulher. Inacreditável. Se o cara é corintiano, tudo bem, como eu. Mas eu não fico nervoso quando perde, eu lamento profundamente", disse Lula.

Uma parte dos leitores foi para cima do jornal. A acusação era de que a **Folha** estaria tirando a frase do contexto e que o destaque dado ao assunto era desproporcional à sua relevância. O próprio presidente acusou "a imprensa" de fazê-lo. Outra parte dos leitores também foi para cima do jornal. Para essa outra parcela, a gafe não estava sendo mostrada com destaque suficiente.

A maior parte da imprensa, na realidade, só percebeu algo estranho na frase de Lula depois de o próprio presidente fazer autopenitência pública.

Dos sites de notícias, apenas o G1 e o Poder360 haviam visto na piada algo que merecia registro logo após o evento. A **Folha** estava no pelotão que noticiou a frase do proverbial corintiano no dia seguinte, a bordo das repercussões.

No texto do jornal, as aspas de Lula já vinham acompanhadas da nota emitida pelo Planalto sobre o episódio: "Em nenhum momento o presidente Lula endossa ou endossou a violência contra as mulheres. O respeito às mulheres é valor inegociável em todas as esferas do governo federal, e, desde o início de 2023, a atual gestão tem atuado de forma sistemática para ampliar continuamente as oportunidades e a proteção para este público".

O movimento que levou o Planalto e o presidente, pessoalmente, a recuperar o caso e dar a ele ainda mais holofotes, porém, não ficou claro para quem lê a **Folha**.

Foram as redes sociais a pressioná-lo a pedir desculpas? Ele se arrependeu? Foram comentários de correligionárias?

Só o G1 juntava lé com cré ao noticiar que, no dia seguinte, o petista citava "alerta de Janja" e dizia que decidira "ler discurso em evento sobre pessoas com deficiência para não 'criar problema'" logo na sequência da fala do corintiano.

Essa declaração, na **Folha**, ficou totalmente apartada do burburinho relacionado à fala sobre violência doméstica, percebido apenas mais tarde.

Mesmo com esse atraso, a **Folha** foi o único dos grandes jornais físicos de circulação nacional a promover o assunto em sua capa, na quinta (18). Pareceu, aí sim, um destaque algo exagerado para (mais uma) declaração desastrada.

A impressão de exagero também pode decorrer do fato de aquele ter sido o segundo dia consecutivo em que a primeira página repetia o declaratório hipertensivo de Lula.

Pouco antes de o governo divulgar o congelamento de R$ 15 bilhões no Orçamento deste ano, chamada na capa da **Folha** de quarta-feira estampava Lula dizendo que ainda precisava ser convencido sobre corte de gastos em 2024. Mais uma vez, a fala havia reverberado, mas num ambiente mais hostil ao governo: o mercado.

Era uma espécie de repique da dinâmica que se tornou rotineira quando o Planalto avaliou que valia a pena antagonizar com o Banco Central na questão dos juros (e que parece ter ganhado trégua com as férias de Roberto Campos Neto). Há algo teatral e repetitivo no processo: o presidente emite frases de efeito dúbias, o mercado se agita, o dólar sobe, Haddad aparece com o extintor e diz que não foi bem assim.

Só que dessa vez havia um problema maior, mostrado pela **Folha**: a declaração, dada à TV Record, fora vazada ao mercado financeiro por meio de uma agência da qual a entrevistadora era sócia.

Aqui, tanto a língua de Lula quanto o chamado mercado aparentemente haviam caído numa pegadinha da própria mídia. Por causa do vazamento, a repórter terminou demitida pela Record.

Num tempo que respira desinformação pesada, é muito ruim que uma parte da imprensa que se pretende profissional participe desse tipo de esquete.

De resto, é pouco provável que as falas públicas de Lula mudem de tom. Menos provável ainda é que as declarações do presidente da República deixem de ser escrutinadas, com ou sem atraso.



Jair Bolsonaro e o deputado Alexandre Ramagem (PL-RJ), ex-diretor-geral da Abin, em evento no Rio Pablo Porciuncula - 16.mar.2024/AFP

Implicações criminais contra Bolsonaro geram divergência

Casos das joias e de gravação da 'Abin paralela' provocam avaliações distintas

Matheus Teixeira

BRASÍLIA As implicações criminais contra Jair Bolsonaro (PL) nas investigações sobre a venda de joias que havia recebido enquanto presidente e no caso da "Abin paralela" dividem especialistas ouvidos pela **Folha**.

Por um lado, há a tese de que ele cometeu crimes em série nas duas situações, que estão sob apuração da Polícia Federal e da PGR (Procuradoria-Geral da República).

A compreensão jurídica de parte dos advogados é que os elementos indicam delitos na área criminal e ilícito civil que poderiam causar o impeachment por crime de responsabilidade, se ele ainda estivesse à frente do Executivo federal.

No caso da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) — que supostamente teria sido usada para investigar desafetos políticos, magistrados e jornalistas entre 2019 e 2022—, a avaliação foi reforçada após o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), liberar uma gravação na semana passada.

Trata-se de um encontro do ex-presidente com o então chefe da Abin, Alexandre Ramagem; o ex-ministro do GSI (Gabinete de Segurança Institucional), Augusto Heleno; e mais duas advogadas, em que discutiram maneiras para anular as acusações contra o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) no caso da "rachadinha".

Para parte dos especialistas, a investigação sobre a existência de um esquema de arapongagem na Abin poderia ainda ser inserida nos inquéritos que investigam se o ex-presidente participou de uma trama para dar um golpe de Estado após a derrota para o presidente Lula (PT), em 2022.

Por outro lado, há advogados que não veem provas suficientes no momento para incriminar o ex-presidente. Em relação às joias, eles divergem quanto a se os presentes milionários que Bolsonaro recebeu e depois tentou vender integrariam seu acervo pessoal ou o acervo público.

Já sobre a Abin, no caso da atuação em favor de Flávio, também existem diferentes entendimentos quanto a se reunião divulgada recentemente tem força para enquadrar Bolsonaro e os demais envolvidos em algum delito.

Há quem entenda que não existe até o momento uma prova definitiva para comprovar que o ex-mandatário fez algum movimento concreto para beneficiar o próprio filho. Essa é a avaliação do advogado Alberto Toron, que, apesar disso, não exime o ex-presidente de eventual responsabilidade política sobre o caso.

"Você pode ver uma espécie de aparelhamento, tentativas de aparelhamento de agentes estatais, mas tudo não passou, até onde enxergo, de conversas, alvitres, propostas. Não se praticou nada concretamente, de modo que não vejo crime", afirma ele.

O advogado e doutor em direito criminal Ruiz Ritter diverge de Toron. "As conversas retratam um contexto de intenção em defender um interesse privado perante órgãos da administração pública valendo-se da qualidade de funcionário, no caso chefe do Executivo federal", argumenta.

"Isso pode caracterizar a advocacia administrativa [Código Penal, artigo 321], a depender dos atos praticados para levar a efeito aquilo que foi sugerido na reunião gravada", diz Ritter.

Ele opina que a reunião também pode configurar um ilícito civil. "Os fatos em questão podem constituir um ato de improbidade administrativa, principalmente sob a perspectiva de desvio de finalidade em detrimento da eficiência da administração".

A advogada e mestre em direito processual penal Maria Jamile José afirma que é legítimo um investigado se valer de todos os meios lícitos para se defender e comprovar que foi vítima de injustiça, mas acredita que Bolsonaro pode ter ido além.

"O problema passa a existir se, para obter as informações pretendidas, recorre-se indevidamente a pessoas que exercem funções públicas — e que não poderiam patrocinar interesses privados", diz ela.

O caso da Abin paralela está em um estágio de investigação menos avançado que o das joias, em que Bolsonaro já foi indiciado pela PF sob suspeita de crimes de associação criminosa (com previsão de pena de prisão de 1 a 3 anos), lavagem de dinheiro (3 a 10 anos) e peculato/apropriação de bem público (2 a 12 anos).

A advogada afirma que peculato é o delito aparentemente mais visível no caso: "Parece o mais nítido, que é justamente o ato de se apropriar, no exercício do cargo, de bens que tenha posse em razão do cargo".

Já o advogado Fernando Capez, procurador de Justiça aposentado, diz que, "em que pese todo o complicado processo de venda" das joias, não vê crime no caso.

"Há uma premissa inafastável que torna a longa investigação um esforço infrutífero: as joias, nelas incluído o relógio, pertencem ao ex-presidente e não à União", argumenta.

Para embasar sua opinião, ele menciona um decreto de 2002 e uma decisão do TCU (Tribunal de Contas da União) sobre o tema que mencionam presentes que se caracterizam como "bens personalíssimos".

"Um relógio doado ou uma joia tem o intuito de agradar a pessoa que foi presenteada, causando-lhe alegria e satisfação. Um relógio de pulso não é doado para ficar num arquivo público, por ser um bem de uso pessoal, o qual, quando cedido a uma pessoa especificamente, passa a ser personalíssimo", diz ele, que é suplente de deputado federal do União Brasil.

Em relação ao caso da Abin, o professor e doutor em direito constitucional Ademar Borges afirma que é necessário aprofundar a investigação e manter a presunção de inocência, mas que, pelas notícias veiculadas, parece ter havido "o emprego de uma estruturação mais complexa, com a utilização de tecnologia, hierarquia e certa verticalização, o que indica que pode ter havido um delito de organização criminosa", opina.

INÊS 249

Convenção oficializa Boulos e Marta, e Lula vê vitória certa

Presidente diz que, se aliado for eleito em SP, 'fascistas não voltarão a governar país'

Joelmir Tavares

SÃO PAULO O presidente Lula (PT) disse neste sábado (20) durante a convenção para oficializar a candidatura do nome apoiado por ele para a Prefeitura de São Paulo, Guilherme Boulos (PSOL), que ele "já pode se considerar o futuro prefeito" e que basta comparar os aliados dele com as demais opções da eleição.

A chapa com a ex-prefeita Marta Suplicy (PT) como vice foi formalizada em evento no Expo Center Norte, centro de convenções na zona norte da capital.

Lula afirmou ainda que Boulos "é a única possibilidade dessas eleições" para garantir a dignidade e o respeito para "o povo de São Paulo, sobretudo da periferia".

"Você pode ter certeza que você conta com o meu apoio em qualquer momento. Não se deixe levar pelas mentiras, não aceite provocações", disse Lula.

"Você transmite a verdade não apenas pelas palavras, ela está no brilho dos seus olhos. Eu estou convencido de que você está predestinado a ser o futuro prefeito de São Paulo", completou o presidente ao aliado.

Lula disse que é preciso evidenciar "quem está com os outros candidatos" e que, com a vitória de Boulos, será possível dizer que os fascistas nunca mais voltarão a governar o país.

Boulos, que chegou a liderar as pesquisas de intenção de voto no início da fase pré-eleitoral, viu o prefeito Ricardo Nunes (MDB) se aproximar e hoje está empatado tecnicamente com ele na primeira posição. No levantamento mais recente do Datafolha, neste mês, o aspirante à reeleição marcou 24%, e o deputado, 23%. A margem de erro de três pontos para mais ou menos.

O evento teve a participação de seis ministros do governo, entre eles o ex-prefeito Fernando Haddad (PT), hoje à frente da Fazenda. Além dele, discursaram as ex-prefeitas Luiza Erundina (PSOL) e Marta.

Boulos quer explorar o legado das três administrações do PT como mote de campanha, para sinalizar a intenção de dar continuidade a medidas das gestões do chamado campo progressista.

As falas dos representantes do PSOL, PT e de partidos aliados reforçaram o enfrentamento ao prefeito e a seu principal apoiador, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Boulos, que é deputado federal, disse que está sentindo "cheirinho de vitória", exaltou os três ex-prefeitos do PT e disse que, a despeito de rumores, está mais afinado com Marta do que a dupla Chitãozinho & Xororó. O candidato agradeceu a Lula por ter livrado o país "do atraso" e afirmou se orgulhar do apoio dele.

"Agora o nosso desafio é completar o serviço e devolver a esperança para São Paulo", afirmou Boulos, em alusão à derrota de Bolsonaro por Lula em 2022.

O deputado disse que "São Paulo precisa de um choque de humanidade" e lembrou sua trajetória no MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto).

"Eu nunca aceitei injustiça", disse, dirigindo-se a Lula para falar que, como o presidente sabe, todos os que lutam por justiça sofrem mentiras e são atacados. "Eu quero governar São Paulo para não deixar ninguém pra trás, para derrubar os muros que separam os Jardins da periferia."

Boulos disse que o desafio na eleição agora será mostrar "que São Paulo precisa de mudança" e afirmou que frustrará adversários que esperam que ele faça uma campanha discutindo ideologia ou entre no "debate rebaixado pelas mentiras que eles inventam".

Marta, que até o fim de 2023 era secretária da gestão Nunes, na pasta de Relações Internacionais, disse que todos os demais candidatos representam "o retrocesso". Ela caracterizou a campanha de Boulos como uma frente democrática. "Esse é o meu lado na política", disse ela, que retornou ao PT para compor a candidatura.

A coligação encabeçada por PSOL e PT, chamada "Amor por São Paulo", engloba oito siglas, todos do chamado campo progressista —a exceção é o PMB (Partido da Mulher Brasileira), que refuta rótulos à esquerda ou à direita. O último a entrar foi o PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Antes do evento com Boulos, Lula esteve na convenção em São Bernardo do Campo, cidade considerada berço do PT, para o lançamento da candidatura de Luiz Fernando (PT) a prefeito, com William Dib (PSB) de vice. O vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) também compareceu, mas se ausentou do encontro na capital paulista porque sua candidata na corrida paulistana é Tabata Amaral (PSB).

A presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, repetiu a argumentação do discurso em São Bernardo, conclamando os correligionários a evitar o avanço da extrema direita representada por Bolsonaro e que, nas palavras dela, "não pensa no povo" como fazem os governos do chamado campo progressista.

"A eleição de São Paulo é importante não só para São Paulo, mas também para o Brasil", disse Gleisi, reiterando a estratégia do PT de que uma vitória na cidade representará uma derrota sobre o campo liderado por Bolsonaro.

Filho de petista xinga Janja em mensagem vazada, afirma site

Luis Claudio Lula da Silva, filho do presidente Lula (PT), teria xingado a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, em uma conversa de WhatsApp privada com a então esposa, Natália Schincariol, segundo o site Metrópoles. O portal afirma ter tido acesso a uma imagem com as mensagens trocadas em 15 de setembro de 2023. Na conversa, o empresário diz para a ex-mulher que veria o pai no final da tarde e afirma que "a puta" estaria junto. Nenhum nome é citado no print. Segundo o site, Luis Claudio também chama Janja de oportunista. A declaração, no entanto, não consta na imagem publicada pelo Metrópoles. Procurada, a defesa de Luis Claudio afirmou que o caso corre em segredo de Justiça, lamentou a exploração da vida privada do empresário e citam "adulterações da realidade".



Presidente Lula (PT) e o pré-candidato Guilherme Boulos (PSOL) em convenção para oficializar chapa em São Paulo Rafaela Araújo/Folhapress

Presidente agora diz que homem com fé não bate em mulher

SÃO BERNARDO DO CAMPO O presidente Lula (PT) disse neste sábado (20) que "homem que é homem" e que "tem fé em Deus" não bate em mulher, depois de sofrer críticas por uma piada envolvendo a violência contra a mulher durante cerimônia nesta semana. Ele fez a declaração no lançamento do candidato do PT à Prefeitura de São Bernardo do Campo, ao lado do vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB).

"Um homem que é homem, um homem que tem fé em Deus, um homem que é fraterno, não pode nunca levantar a mão para agredir uma mulher, não pode", afirmou o petista, após dizer que para ele "família é sagrada" e que aprendeu com a mãe, dona Lindu, a jamais levantar a mão contra uma mulher.

Na terça-feira (16), em Brasília, Lula disse condenar violência doméstica, mas, "se o cara for corintiano, tudo bem". A afirmação foi dada em meio a um comentário sobre o aumento de casos em dias de jogos. Depois da repercussão negativa, o governo emitiu nota para dizer que o presidente não endossa agressões.

Ao voltar espontaneamente ao tema, neste sábado, o petista disse que "tem aumentado muito a violência" contra a mulher e que "é preciso que as famílias vivam bem".

"E esse é um apelo que eu faço aos homens aqui: ao invés de levantar a mão para bater numa mulher, bata na sua própria cara", afirmou Lula, que em diferentes momentos da fala reiterou ser "um presidente que tem fé em Deus" e quer ser mais do que um governante, mas "um cuidador".

União Brasil empodera Milton Leite e adia definição sobre Kim, Nunes e Pablo Marçal

Géssica Brandino

SÃO PAULO Convenção partidária do União Brasil realizada na manhã deste sábado (20) em São Paulo manteve a indefinição sobre se terá ou não candidatura própria na corrida à prefeitura da cidade.

Por unanimidade, 33 membros do diretório —incluso membros da executiva do partido na cidade, vereadores, deputados federais e estaduais com domicílio em São Paulo— votaram por delegar a decisão à executiva do partido, comandada pelo presidente da Câmara dos Vereadores, Milton Leite, o que deve ocorrer até 5 de agosto, data final para as convenções partidárias.

Em resumo, o partido mantém por ora a pré-candidatura de Kim Kataguiri, deixa Milton Leite como plano B em caso de candidatura própria, amplia as chances de apoio à reeleição de Ricardo Nunes (MDB) e praticamente descarta coligação com o ex-coach Pablo Marçal (PRTB).

Um dia antes Milton se reuniu com o prefeito. Apesar de declarar que o ambiente com ele "melhorou 90%", o vereador evitou garantir o apoio ao emedebista.

Neste sábado, disse que faltam ajustar pequenos pontos, citando o pleito por uma secretaria de proteção aos mananciais e de outra para de proteção aos animais, assim como o complemento da frota de ônibus elétricos em São Paulo.

O deputado Alexandre Leite, presidente do diretório estadual da sigla e filho do vereador, disse que o União Brasil caminha para apoiar Nunes, o que, segundo ele, dependerá do compromisso sobre cargos no futuro governo.

"Não havendo a possibilidade de continuidade com o Ricardo Nunes, a preferência da executiva estadual é por uma candidatura própria", declarou.

A legenda tem a terceira maior fatia do fundo eleitoral e do tempo de propaganda na TV, atrás apenas de PL e PT.

Líder do MBL (Movimento Brasil Livre), Kim lançou a pré-candidatura em janeiro, mas não conseguiu crescer nas pesquisas. O deputado disse que se mantém na disputa e trabalha para consolidar apoio com outros integrantes da legenda.

Na última pesquisa Datafolha, divulgada em 5 de julho, ele marcava 3%. Nunes aparece na liderança em empate técnico com Guilherme Boulos (PSOL), com 24% e 23%, respectivamente.

Na noite de quinta-feira (18), o partido aumentou a pressão sobre Nunes ao ameaçar lançar Milton candidato à prefeitura. No portão do diretório, uma imagem com a silhueta do político e a pergunta "Será?" mantinha o clima de indefinição. O vereador não afastou a possibilidade.

No início do mês, o presidente da Câmara dos Vereadores afirmou que a relação com o prefeito estava péssima e ameaçou desembarcar da coligação que apoia a reeleição de Nunes, composta por 10 legendas.

A relação entre Milton e o prefeito ficou estremecida após pedidos não atendidos, declarações de Nunes que desagradaram o vereador e o fato de o dirigente do União Brasil ter sido preterido na escolha do vice, posto que ficou com o bolsonarista Ricardo Mello Araújo (PL).

O presidente da Câmara dos Vereadores acabou enfraquecido por estar na mira do Ministério Público no contexto da investigação que apura se empresas de ônibus são usadas para lavar dinheiro do PCC.

Nunes afirmou não saber o que motivou as reclamações de Milton e que esperava ter o apoio do partido após a conversa com o vereador.

Em 2023, Milton Leite foi eleito pela quarta vez seguida presidente da Câmara dos Vereadores. A visão de aliados do vereador é de que ele foi fiador de Nunes aprovando leis de interesse do Executivo e emprestando seu capital político ao prefeito.

Nunes deturpa o que disse sobre BO feito pela esposa

Carolina Linhares

SÃO PAULO O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), deturpou em vídeo divulgado nesta sexta-feira (19) o que ele mesmo havia dito nesta semana sobre um boletim de ocorrência de violência doméstica feito contra ele por sua esposa, Regina Carnovale Nunes.

No início da semana, em sabatina **Folha**/UOL, ele disse que o BO sequer existia. "É óbvio que é forjado", disse o prefeito na última segunda-feira (15).

No dia seguinte, porém, a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo contrariou o prefeito sobre o registro policial e afirmou que Regina compareceu sim a uma Delegacia da Mulher, em fevereiro de 2011, para denunciar ameaças do marido.

Já nesta sexta, em vídeo publicado em suas redes sociais, Nunes disse que, durante a sabatina de segunda, ele quis dizer que a história criada sobre o boletim de ocorrência é que seria uma história forjada.

"Em nenhum momento afirmei que aquele BO é falso como documento. O que eu disse na entrevista é que o seu conteúdo tem informação que não corresponde à realidade."

Isso não é verdade. Na sabatina, quando questionado sobre o tema, Nunes disse: "A Regina já falou que ela não fez [o BO]". O prefeito ainda sugeriu que um documento da delegacia provaria a não existência do registro policial, o que também não se confirmou.

Trata-se de mais uma versão do prefeito e pré-candidato à reeleição sobre o caso. Em 2011, Nunes foi acusado de violência doméstica, ameaça e injúria pela esposa, com quem é casado até hoje.

O registro policial foi revelado pela **Folha** na campanha de 2020, quando Nunes disputava a eleição na condição de vice de Bruno Covas (PSDB). Sua existência já havia sido admitida por Regina Nunes.

INÊS 249



Juliana Freire

Godoy esmiúça o segredo do PCB

Novo livro é um grande painel da história do Partido Comunista Brasileiro

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Está chegando às livrarias "Cachorros", do repórter Marcelo Godoy. É um grande painel da história do Partido Comunista Brasileiro, com seu chefe, Luiz Carlos Prestes, ilustrado por um verdadeiro romance policial: a dupla militância de Severino Theodoro de Mello, o Pacato ou Melinho, morto em maio passado, aos 105 anos. Era um cabo do Exército quando participou do levante comunista de 1935. Cuidou do aparelho onde vivia Prestes, morou na União Soviética, tornou-se um dirigente do PCB e era um contato de agentes soviéticos no Rio.

Essa vida começou a mudar no dia 10 de maio de 1966, quando ele caminhava por Copacabana e foi abordado por um agente do Serviço Nacional de Informações, o SNI (ele era o quarto dirigente contatado pelo serviço brasileiro, ou americano. A clandestinidade do PCB era uma fantasia).

Em 1974 o que parecia uma trégua tácita entre a "tigrada" do regime e o PCB começou a acabar. Pacato, foi capturado na rua, levado para um aparelho clandestino e lá conheceu o capitão Ênio Pimentel, o Doutor Ney.

O jogo era claro: virava informante ou morria. Da casa de Itapevi saiu o agente Vinícius e começou a segunda militância (o cabo José Anselmo dos Santos, colocado diante do mesmo dilema, achou que podia enganar o delegado Sérgio Fleury, até que ele lhe mostrou a notícia de que havia morrido, enquadrou-se e viveu até 2022, quando morreu, aos 80 anos).

Melinho/Vinícius operou sem deixar pistas. Viajou a Moscou. Em 1996, quando um ex-sargento do CIE identificou-o, muita gente não acreditou. Até então, recebeu duas mesadas, uma do Centro de Informações da Aeronáutica e outra do Socorro Vermelho, do PCB.

Marcelo Godoy já havia publicado "A Casa da Vovó", o melhor retrato conhecido do DOI de São Paulo, com seus agentes e execuções. "Cachorros" superou-o (o livro trata superficialmente de outros infiltrados, em outras organizações, que mesmo tendo prestado serviços, não tiveram a penetração nem a durabilidade de Vinícius).

Godoy se move com documentos e segurança por arquivos brasileiros, americanos e soviéticos. Num campo minado por demonizações, ele ouviu comunistas, policiais e militares com o rigor de um repórter.

Manteve o equilíbrio lidando com rivalidades que separaram tanto os serviços do governo como as organizações de esquerda. Salvo o caso da Guerrilha do Araguaia, do qual não trata, Godoy ilumina todos os mistérios dos porões da ditadura e os segredos do Partidão.

Uma de suas melhores fontes foi o ex-sargento da FAB Antonio Pinto, o Doutor Pirilo, ou ainda o pesquisador Carlos Ilich Sanches Azambuja, morto em 2018. Durante três anos, conversaram e trocaram mensagens. Ele foi um dos fundadores do Centro de Informações da Aeronáutica, e Godoy transmite seu veredito:

"Doutor Pirilo contou que o extermínio da cúpula do partido foi uma política que 'veio de cima', não era apenas uma cultura de linha de frente; os agentes do CIE 'cumpriam ordens'. Outros agentes disseram o mesmo."

Severino Theodoro de Mello completou 100 anos em 2017. Saía pouco de seu apartamento em Copacabana. Em junho de 2023, o Exército suspendeu os proventos de capitão reformado que lhe pagava.

E Godoy conclui: "Não deixou uma única palavra sobre eles em suas memórias. Só tratou de seu papel no desmantelamento do PCB ao ser autorizado por Pirilo. Obedeceu ao amigo até o fim. Tinha 105 anos. Sobrevivera a quase todos os que testemunharam a sua história".

Lula e Trump

Se Donald Trump se reeleger, Lula ficará com dois espinhos, com o argentino Javier Milei ao sul. Ele poderia ficar com suas incontinências verbais restritas aos corintianos.

Quando ele comentou a fotografia do atentado a Trump, saiu-se com essa: "Eu sinceramente acho que o Trump vai tentar tirar proveito disso. Aquela foto dele com o braço erguido, aquilo, se fosse encomendado, não sairia melhor. Ele vai explorar isso".

Imagine-se como ficaria a relação do Brasil com o presidente americano se, em 1963, John Kennedy tivesse se livrado dos dois tiros e o presidente brasileiro João Goulart dissesse uma dessas.

Ouçam Marcola

Lula manda recados aos seus ministros com a ajuda de vários personagens do palácio.

Alguns exageram e outros não contam tudo. Convém que não se perca uma só palavra do que vem através de Marco Aurélio Santana Ribeiro, o Marcola, de 36 anos. Está ao lado de Lula há sete anos.

A chave do cofre

De um ministro: "Se o governo decidir cortar gastos, ótimo. Mas, se o Planalto não quiser empurrar o dólar ou a desconfiança, menos gente falando em gastos inevitáveis já será uma ajuda".

De um papeleiro: "O governo fala num corte de custos e ouvem-se corvos dizendo que talvez não sejam suficientes. Que tal insistir na cobrança do que está sendo prometido. É isso, ou dar razão às falas catastróficas de Lula".

Joe Biden

Joe Biden arrisca virar um presidente americano de um só mandato. O grande mistério estará em contar como ele destruiu quatro anos de governo em menos de um mês.

É verdade que a sorte não o ajudou.

Bob Dylan

Donald Trump diz que tem Deus ao seu lado, e o fato de ter saído vivo do atentado mostra que é pelo menos um homem de muita sorte.

Deveria deixar Deus de fora, até porque, faz tempo, o poeta Bob Dylan cantou: "Judas Iscariotes tinha Deus ao seu lado".

Banco Central

Quem acompanhou as discussões na área política do governo sobre a possível autonomia do Banco Central está assombrado com a ignorância dos doutores em relação aos detalhes da iniciativa.

Como se trata de um assunto cheio de minúcias técnicas, o que mais se ouve é um bordão: "Isso a gente resolve depois".

É engano.

República de Curitiba

Em 2014 alguns cábios poderosos espetaram grampos na cela do contraventor Alberto Youssef.

Foram descobertos e denunciados. Em vão.

Passados dez anos, a defesa do cidadão conseguiu o acesso a 210 horas de conversas.

Mais uma cruz para ser carregada pelo doutor Sergio Moro e sua equipe de voluntariosos procuradores. Só falta que do funeral da Lava Jato saia mais um herói, o doutor Youssef.

Lula e Ursula

Lula está sem sorte. Num dia, disse que o acordo do Mercosul com a Europa está parado na mesa de Ursula von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia.

No dia seguinte, a senhora reelegeu-se para um novo mandato de cinco anos.

Maduro e sua encrenca

Nicolás Maduro subiu o tom de suas ameaças diante dos maus presságios para a eleição venezuelana.

Como foi uma atitude inesperada, porém previsível, a oportunidade é boa para que o governo brasileiro experimentasse um período de silêncio em relação ao amigo.

Silêncio é o que mais tem faltado à diplomacia de Lula 3.0.

PSD oficializa candidatura de Paes à reeleição no Rio e adia escolha de vice

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO O diretório municipal do PSD no Rio de Janeiro oficializou neste sábado (20) o nome do prefeito Eduardo Paes como candidato à reeleição no pleito de outubro. A confirmação ocorreu em uma convenção na sede do partido no centro da capital fluminense.

Paes esteve rodeado de políticos locais que integram sua aliança —de representantes da esquerda até o deputado federal bolsonarista Otoni de Paula (MDB).

O candidato a vice na chapa ainda não está definido, e a confirmação só deve ocorrer em agosto. O deputado federal Pedro Paulo (PSD), antigo aliado do prefeito, é o mais cotado até agora. O congressista teve momentos de protagonismo no evento. Chegou a ouvir gritos de "é nosso vice" ao ser chamado para discursar.

A temporada das convenções partidárias começa neste sábado, dando início ao período de formação do cenário eleitoral nas principais capitais brasileiras, incluindo o Rio.

A expectativa era a de que o anúncio do nome fosse mesmo postergado para evitar rupturas na base de apoio. O prefeito buscou montar uma aliança da esquerda à direita para tentar evitar a nacionalização da disputa.

Paes é apoiado por Lula (PT). Enquanto isso, Alexandre Ramagem (PL), outro postulante ao Executivo carioca, pertence ao grupo político do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

O PT aceitou manter o apoio a Paes mesmo sem a vaga de vice, desde que ele considere aproximar ainda mais os petistas da próxima gestão, caso reeleito, apurou a **Folha**.

"Essa aliança aqui é uma resposta para aqueles que acham que a política tem de se apequenar. Política não é sobre indivíduos. Não é sobre visões pessoais. É sobre o esforço de construir consensos a partir dos dissensos", declarou Paes no discurso que fechou a convenção do PSD.

O prefeito buscará o seu quarto mandato na administração carioca. Ele aproveitou o evento deste sábado para se antecipar a eventuais ataques de adversários, especialmente de Ramagem, sobre o tema da violência no Rio.

Paes procurou reforçar que a área de segurança pública é de competência estadual, não da prefeitura.

Em um dos trechos finais da fala, o prefeito prometeu subir o tom das declarações nas próximas semanas. "A partir de agora o 'Dudu paz e amor' vai tirar umas vacações [férias]", disse.

O tiro e a facada

Thomas Crooks vai ajudar Trump como Adélio Bispo ajudou Bolsonaro?

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

O tiro de Thomas Crooks vai ajudar a eleger Trump como a facada de Adélio Bispo ajudou a eleger Bolsonaro?

É difícil dizer. Na verdade, até hoje não sabemos bem qual foi o efeito da facada sobre a campanha eleitoral de 2018. A maioria dos analistas acha que o atentado ajudou Bolsonaro, eu também acho. Mas como?

Uma primeira hipótese, levantada nos primeiros dias após o atentado de 2018, apostava que a comoção em torno do atentado faria Bolsonaro subir rapidamente nas pesquisas. Alguns achavam que algo semelhante havia acontecido com a campanha de Marina Silva em 2014, lançada logo após a morte de Eduardo Campos em um acidente aéreo.

Não foi bem assim: Bolsonaro subiu nas pesquisas depois da facada, mas gradualmente. Se houve um "bônus de solidariedade" eleitoral, ele cresceu conforme o candidato era mostrado no hospital, com sua família, todo dia, correndo risco de vida.

Se foi isso, Trump não deve esperar por um bônus semelhante: o republicano saiu do atentado com ferimentos leves, incomparavelmente menos graves que os de Bolsonaro.

Uma outra hipótese dizia que a facada aconteceu exatamente quando a campanha de Geraldo Alckmin iniciaria uma bateria de ataques pesados contra Bolsonaro na TV. Os ataques foram adiados por conta do atentado. Só vieram quando Jair já havia crescido nas pesquisas. Algo assim pode beneficiar Trump: a campanha democrata ainda está procurando o tom certo após o episódio.

Por outro lado, falta muito mais tempo para a eleição americana do que havia entre a facada e a eleição de Bolsonaro. Os democratas têm mais margem para retomar seus ataques do que os adversários de Bolsonaro tinham em 2018.

Finalmente, uma terceira hipótese sobre o efeito da facada em 2018 é que ela tirou Bolsonaro da campanha, transformando-o em uma tela branca sobre a qual fatias diferentes do eleitorado projetaram suas esperanças, muitas vezes contraditórias entre si. É o que eu acho.

O site Infomoney produziu uma série de podcasts sobre "Os pregões que fizeram história". No episódio sobre o dia da facada, os entrevistados dizem que ela beneficiou Bolsonaro porque, daí em diante, quem falou em nome dele foi Paulo Guedes. Sim, foi Guedes quem falou ao mercado; mas nas periferias, quem falou em nome de Bolsonaro foram as igrejas evangélicas, e duvido que tenham feito o mesmo discurso de Guedes.

Trump não deve esperar efeito semelhante. Ao contrário de Bolsonaro em 2018, Trump já foi presidente; os americanos já têm opinião formada sobre ele.

Claro, Trump também tem trunfos que Bolsonaro não tinha. Já é o favorito: mesmo um efeito muito menor do que o da facada pode ser suficiente para lhe dar a vitória. Se os ferimentos leves reduziram seu "bônus de solidariedade" potencial, lhe deram a chance de erguer os punhos e gritar "fight!" na hora do atentado, gerando uma imagem histórica.

Se Trump já era favorito e o atentado deve ajudá-lo, podemos cravar que a eleição já está decidida? Ainda não.

Exatamente pela ampliação do favoritismo republicano, o atentado deve acelerar a substituição de Biden por outro candidato democrata. Isso pode acontecer ainda hoje, quando essa coluna for publicada. O novo candidato democrata começará em desvantagem, mas é cedo para calcular suas chances.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Deborah Bizzarria, **Camila Rocha** | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli

Congresso deixa 44 cidades sem verba de emenda em ano eleitoral

Lista de locais sem destinação direta inclui municípios pobres, com baixa representatividade no Parlamento

Mateus Vargas e Ranier Bragon

BRASÍLIA Deputados federais e senadores excluíram 44 municípios da lista das cidades que receberam diretamente, até o início deste mês, R$ 23 bilhões em emendas parlamentares de 2024.

O clube dos esquecidos pelos congressistas inclui alguns dos municípios mais pobres do Brasil, mas também cidades com alto PIB per capita. Em alguns casos, desavenças políticas ajudam a explicar por que não pingou nenhum centavo de emendas nos cofres do Executivo local.

As emendas são uma forma pela qual parlamentares conseguem enviar dinheiro para obras e projetos em suas bases eleitorais e, com isso, ampliar seu capital político. A prioridade do Congresso tem sido atender redutos eleitorais e não localidades com maior necessidade.

Nesta lista dos excluídos, por exemplo, está Araioses (MA). O município de 40 mil habitantes fica distante 400 km da capital, São Luís, e tem um dos menores PIB per capita do país —R$ 6.000 ao ano, ocupando a 5.565ª posição de um total de 5.570 cidades do país.

A localidade maranhense chegou a receber R$ 5 milhões em 2022 das emendas do relator, modalidade proibida pelo STF (Supremo Tribunal Federal), mas viu a verba parlamentar desaparecer nos anos seguintes.

Os dois candidatos a deputado federal mais votados na cidade em 2022 acabaram eleitos: Pedro Lucas Fernandes (União Brasil) e André Fufuca (PP). O segundo se licenciou do mandato para virar ministro dos Esportes em 2023 e oficialmente não direcionou emendas de 2024.

Procurado, Pedro Lucas Fernandes disse, por meio de sua assessoria, que busca alcançar o máximo possível de cidades.

"O deputado informou que até o momento não destinou emenda parlamentar direta via prefeitura para o município de Araioses, mas destinou recurso por meio do governo do estado, o que tornou possível a construção de uma praça no município. Também já foi destinado, via Codevasf, kits de irrigação e, em breve, será entregue um caminhão para ajudar pequenos agricultores."

O deputado Fernandes disse ainda que a falta de alinhamento político com a gestão local não impedirá futuros repasses. A **Folha** não conseguiu falar com a prefeitura.

Pressionado pelo Congresso, o governo Lula (PT) acelerou a liberação de emendas e pagou cerca de R$ 23 bilhões até a primeira semana de julho com o objetivo de escapar da trava imposta a novos repasses nos três meses que antecedem as eleições.

Até 5 de julho, 5.526 municípios receberam de R$ 20 mil a mais de R$ 150 milhões em emendas, sendo que São Gonçalo (RJ) lidera o ranking.

Outra cidade fora da lista de emendas é a maranhense Itapecuru-Mirim, de 60 mil habitantes e 4.556ª no ranking de PIB per capita.

Deputado federal mais votado na cidade em 2022, Marreca Filho (PRD) disse ter optado por direcionar recursos para parcerias com o governo do estado devido ao que classificou como inoperância da prefeitura, que não teria iniciado ou concluído obras com os recursos enviados em anos anteriores.

Segundo ele, a parceria com o governo em 2024 resultou na destinação de quase R$ 10 milhões indiretamente para a cidade, principalmente para obras de pavimentação. A **Folha** não conseguiu contato com representantes da administração local.

Outra maranhense na lista dos sem emenda é Porto Franco, de 24 mil habitantes e PIB per capita bem mais alto (1.313ª posição).

Deputado mais votado na cidade em 2022, Josivaldo JP (PSD) mantém boa relação com a administração local, mas disse que também decidiu destinar recursos via governo estadual.

Com esses recursos, disse, foi possível realizar em Porto Franco um mutirão de cirurgias urológicas, de catarata e serviços do Programa de Atenção Primária e de Saúde do Homem.

44 cidades são ignoradas pelo Congresso e ficam sem um centavo de emendas parlamentares*

Município	UF	População	PIB per capita**
Ipojuca	PE	98.932	91º
Itapecuru Mirim	MA	60.440	4556º
Araioses	MA	39.052	5565º
Pombos	PE	27.552	3180º
Água Preta	PE	26.461	5531º
Anastácio	MS	24.114	2366º
Porto Franco	MA	23.903	1313º
Conceição do Mato Dentro	MG	23.163	6º
Curionópolis	PA	19.950	52º
Centro Novo do Maranhão	MA	16.267	5190º
Nobres	MT	15.492	422º
Lagoa Grande do Maranhão	MA	11.411	5255º
Cotriguaçu	MT	11.011	3661º
São João do Paraíso	MA	9.904	2065º
Belo Vale	MG	8.627	1657º
Castanheira	MT	7.506	2681º
Jatobá	MA	7.471	5509º
Jangada	MT	7.426	2903º
Novo Mundo	MT	6.520	918º
Sales	SP	6.437	2482º
Senhora de Oliveira	MG	5.483	3966º
Bacurituba	MA	5.252	5529º
Ibiracatu	MG	5.081	5035º
Presidente Bernardes	MG	4.850	4196º
Rosário da Limeira	MG	4.734	3853º
Rio Branco	MT	4.535	3059º
Guzolândia	SP	4.246	3434º
Alvorada de Minas	MG	4.159	3369º
Araguaiana	MT	3.795	1366º
Conquista D'Oeste	MT	3.760	1778º
Bom Sucesso de Itararé	SP	3.555	3638º
Catolândia	BA	3.434	2910º
Novo Horizonte do Norte	MT	3.349	2629º
Piquerobi	SP	3.264	3358º
Gastão Vidigal	SP	3.252	3439º
Fernando de Noronha	PE	3.167	419º
Magda	SP	3.165	1828º
Santo Expedito	SP	3.000	3796º
Sítio d'Abadia	GO	2.927	2623º
Pracinha	SP	2.578	5076º
São João do Pau d'Alho	SP	2.242	2331º
Nova Guataporanga	SP	2.156	3663º
Novo Santo Antônio	MT	2.015	3102º
Nova Castilho	SP	1.062	1069º

* Relação de municípios que não foram beneficiados em 2024 por emendas empenhadas (até 5 de julho)

** Posição no ranking de 5.570 municípios

Fonte: Siga Brasil e IBGE



Cisternas estocadas em Campo Formoso (BA), cidade que recebeu emendas parlamentares para equipamentos mesmo sem ser prioritária Mathilde Missioneiro - 18.set.2023/Folhapress

Mais populosa entre as que ficaram sem emendas, Ipojuca (PE) tem quase 100 mil habitantes e ganhou cerca de R$ 16 milhões de deputados e senadores de 2019 a 2022.

Os principais autores das emendas para a cidade, porém, não se reelegeram. A senadora Teresa Leitão (PT), mais votada em Ipojuca, é adversária da prefeita Célia Sales (PP). A senadora disse que destinou emendas para mais de 50% dos municípios, em várias regiões.

"Ipojuca tem a maior renda PIB per capta do estado. A senadora terá mais sete anos de ação orçamentária, que contemplarão a população de Ipojuca e de outros municípios ainda não atendidos em 2024."

Também fora da lista de repasses, a Prefeitura de Água Preta (PE) ganhou R$ 6 milhões em emendas em 2022, além de R$ 740 mil no ano seguinte. Mas passou em branco em 2024.

O município de 26 mil habitantes é um dos mais pobres do país e vive uma crise política. Em 2023, o então prefeito Noé Magalhães (PSB) chegou a ser preso. Adversário político dele, o vice Neto Cavalcanti (PSB) assumiu o cargo por sete meses, mas ambos foram cassados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em maio.

Noé é irmão do deputado federal Clodoaldo Magalhães (PV). Neto Cavalcanti disse à **Folha** que a família Magalhães promoveu um "bloqueio político" contra a sua gestão.

O deputado Clodoaldo respondeu que segue enviando recursos ao município e citou um convênio assinado em 2023 pelo adversário, enquanto exercia o cargo de prefeito, para obras de pavimentação.

A verba, porém, já havia sido empenhada em 2022. Nas emendas ao Orçamento atual, Clodoaldo não fez repasses a Água Preta.

É possível que os municípios tenham sido beneficiados por verbas pendentes de emendas de anos anteriores. Os dados de portais da transparência não permitem localizar com facilidade doações feitas a municípios por meio de emendas.

A cifra total paga em emendas pelo governo até a trava imposta pelas eleições corresponde a cerca de 44% dos R$ 52 bilhões disponíveis em 2024. Do recurso já pago, a maior parte (R$ 19,3 bilhões) foi direcionada diretamente aos cofres dos municípios.

Uma série de reportagens da **Folha** mostrou que as emendas ampliam desigualdades em políticas públicas, criando inclusive um abismo no acesso à água. Na prática, municípios mais necessitados são ignorados, enquanto redutos políticos são abastecidos sem critério técnico.

INÊS 249






Os prefeitos Dr. Silvestre (PP), de Varre-Sai (RJ); Armindão (PP), de Bom Progresso (RS); Elói Pereira (PSD), de Barro Duro (PI); e Akira Otsubo (MDB), de Bataguassu (MS) Divulgação e acervo pessoal

Prefeitos mais velhos do país minimizam sombra de Biden

Dirigentes negam cansaço em meio a críticas ao presidente norte-americano

DELTAFOLHA

BELO HORIZONTE, RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO Entre os prefeitos mais velhos do país, a associação de que a idade avançada prejudica a capacidade de governar não é bem recebida.

A discussão veio à tona após o primeiro debate presidencial nos Estados Unidos, quando o democrata Joe Biden, 81, apresentou um desempenho vacilante. Desde então, apoiadores e doadores do partido vieram a público pedir para que o presidente americano desista da campanha à reeleição.

No Brasil, o tema sobre a idade dos políticos pode ser usado contra o presidente Lula (PT), caso ele opte por tentar a reeleição em 2026, apesar de a situação sobre a saúde do mandatário —que tem hoje 78 anos— em nada se parecer com a de Biden, segundo especialistas.

Nas cidades brasileiras, apenas 16 prefeitos eleitos no ano de 2020 (0,28% do total) tinham 80 anos ou mais na data da posse.

Segundo dados do TSE analisados pela **Folha**, a idade média dos 5.600 eleitos foi de 49 anos —o número é maior do que o total de municípios brasileiros porque alguns dos eleitos tiveram o mandato cassado ou a candidatura indeferida, com a realização de novas eleições suplementares.

Na época da posse, seis prefeitos tinham 81 ou 82 anos, as idades com que Lula e Biden tomarão posse caso sejam reconduzidos aos cargos.

José Braz (PP), eleito em Muriaé (MG) aos 95 anos, foi o político mais velho escolhido para comandar o executivo nas eleições de 2020 entre todas as cidades brasileiras. Ele morreu em 2022. Na contramão, cinco cidades elegeram prefeitos de 21 anos, idade mínima exigida pela legislação para concorrer.

Considerando as capitais, o prefeito eleito mais velho foi o de Teresina, no Piauí: José Pessoa Leal (MDB), conhecido como Dr. Pessoa, tinha na época 74 anos. O mais novo foi João Campos (PSB), do Recife, então com 27 anos.

Silvestre José Gorini, atualmente com 92 anos, é prefeito de Varre-Sai, município do noroeste do Rio de Janeiro, a cerca de 270 km da capital.

Todas as manhãs, Dr. Silvestre (PP), como é conhecido, caminha e pedala ao menos 30 minutos. Só depois da atividade física é que ele inicia a rotina na gestão da cidade de 10.207 habitantes. "A cabeça parece que está boa. Pelo menos ninguém reclama e já são três mandatos", afirma.

A pequena Bom Progresso, cidade de pouco mais de 2.000 habitantes e que fica no noroeste do RS, é administrada por Armindo David Heinle (PP), conhecido como Armindão.

Em seu quarto mandato à frente do município, ele pretende concorrer mais uma vez ao cargo daqui a quatro anos. "Fui prefeito com 70 anos [quando assumiu pela primeira vez, em 2004]. Já estou com 16 anos na prefeitura e o pessoal pode achar que agora chega, mas não chega, não", diz Armindão.

"Sabendo lidar com o povo aqui, não cansa. E o povo respeita muito a gente", afirma o prefeito, que completou 90 anos na última quarta (10).

O Brasil tem ao menos três prefeitos atualmente com 90 anos ou mais. Além de Dr. Silvestre e Armindão, há o prefeito de Montes Claros (MG), Humberto Souto (Cidadania), 90. Na lista dos dez prefeitos mais velhos do país na época da posse, sete ainda estão em exercício.

Todos eles são mais velhos que Joe Biden, cujos episódios recentes reforçaram uma imagem de fragilidade construída por parte da imprensa, opositores e mesmo aliados democratas.

Entre as gafes recentes cometidas pelo presidente norte-americano estão ter chamado o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, pelo nome de seu rival russo, Vladimir Putin, e ter trocado o nome de sua vice, Kamala Harris, pelo de seu adversário, Donald Trump.

"Apesar de ter 81 anos, a gente vê que o Biden não está bem, está rateando. Eu até torço por ele, para não entrar aquele louco [Donald Trump]. Mas a gente sente, ouvindo e vendo o modo de andar, que ele não está legal. É sobre saúde, não sobre idade", diz o prefeito Dr. Silvestre.

Ele concilia a Prefeitura de Varre-Sai, maior município produtor de café do estado do Rio, com os atendimentos em um hospital municipal.

Durante quase duas décadas, foi o único médico da cidade e conhece parte dos moradores pelo nome. "Tenho a impressão de que uma grande parte da cidade nasceu na minha mão", afirma.

Prefeito por três mandatos (de 1997 a 2000 e de 2017 a 2024), Dr. Silvestre diz que a idade não fez diminuir o ritmo de trabalho.

"Eu ainda vou para a rua, passo de casa em casa, de porta em porta. Não vou fazer campanha este ano porque já fui reeleito. Quem sabe eu não resolvo voltar à prefeitura daqui a uns 20 anos?", brinca ele.

> "Fui prefeito com 70 anos. Já estou com 16 anos na prefeitura e o pessoal pode achar que agora chega, mas não chega, não
>
> **Armindão, 90**
> prefeito de Bom Progresso (RS)

> "Penso que a idade não descredencia o cidadão a pleitear um cargo político ou qualquer outro ofício, desde que demonstre ter capacidade plena para exercer a atividade
>
> **Coronel Elói (PSD), 88**
> prefeito de Barro Duro (PI)

> "Apesar de ter 81 anos, a gente vê que o Biden não está bem, está rateando. [...] É sobre saúde, não sobre idade
>
> **Dr. Silvestre, 90**
> prefeito de Varre-Sai (RJ)

Coronel Elói (PSD), 88, está no terceiro mandato em Barro Duro, cidade de 6.640 habitantes no Piauí. Já era adulto quando o município foi emancipado, em 1962.

Pré-candidato à reeleição em outubro, Elói criou neste ano perfis nas redes sociais. O coronel reformado da Polícia Militar do estado diz que o mote da campanha será comparar o que foi feito por ele e por governantes mais novos. "Penso que a idade não descredencia o cidadão a pleitear um cargo político ou qualquer outro ofício, desde que demonstre ter capacidade plena para exercer a atividade."

Já o gaúcho Armindão, que não pode concorrer à reeleição, evita fazer campanha para um sucessor. O prefeito de Bom Progresso também é agricultor, atividade que predomina no município. Na lavoura de Armindão, há plantação de trigo, soja e milho.

De segunda a sexta-feira ele cumpre expediente na prefeitura, que fica a 300 metros da sua casa. Conta que vai a pé, porque "é bom se movimentar". As últimas semanas têm sido mais difíceis de levantar da cama, mas não por sua idade ou por um eventual problema na gestão do município.

"Aqui tá muito frio, ter que sair debaixo da coberta quente é complicado", brinca.

Informado pela reportagem de que o prefeito de Varre-Sai é mais velho e questionado sobre como se sentiria caso conquistasse esse posto com o eventual retorno à prefeitura em 2029, Armindão responde: "Eu quero ser o prefeito mais velho do Brasil, mas não vou torcer contra ele [Dr. Silvestre]. É saúde e paz para ele".

Akira Otsubo (MDB), 86, prefeito de Bataguassu (MT), afirma que sua idade foi usada contra ele durante o período de debates que precederam as últimas eleições municipais.

Na época, um concorrente chegou a insinuar que Otsubo estaria velho demais para disputar o cargo de prefeito. O discurso, no entanto, foi mal recebido por parte do eleitorado.

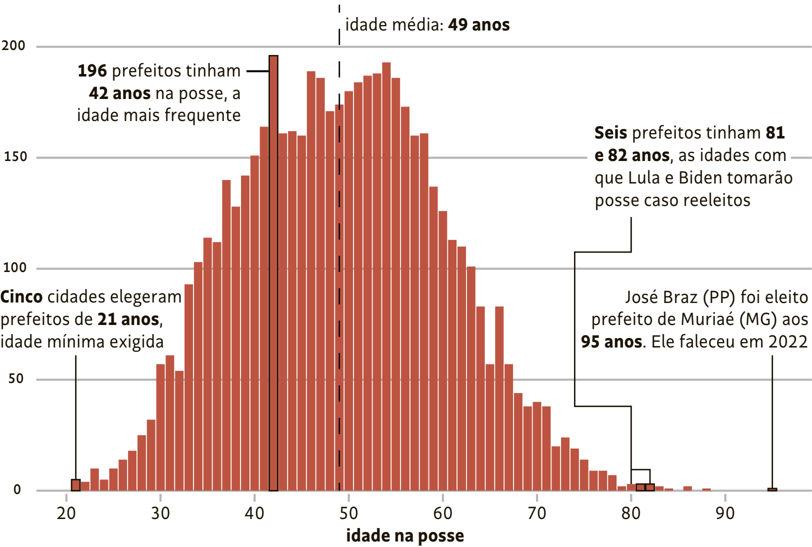
Segundo o político, ele passou a receber o apoio de pessoas mais velhas, as quais diziam que, apesar de não precisarem mais votar por causa da idade, iriam apoiar o político em protesto contra as falas etaristas.

O prefeito acredita que a idade não traz empecilho para o cargo e assegura ter disposição. "A idade não me prejudica. Ao contrário, traz experiência", afirma.

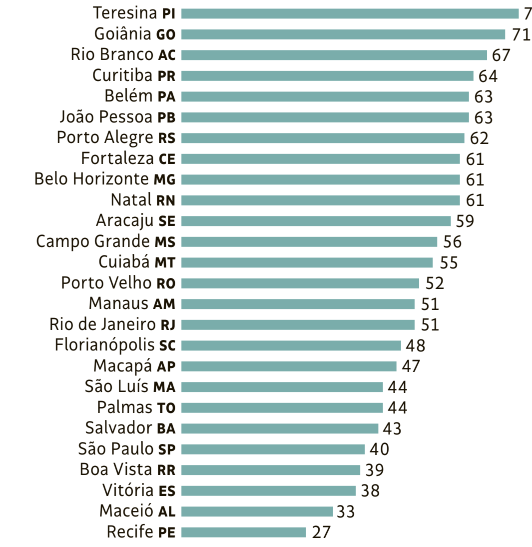
Artur Búrigo, Yuri Eiras, Ana Gabriela Oliveira Lima e Marina Pinhoni

Prefeitos com mais de 80 anos representam menos de 1% dos eleitos em 2020

Número de prefeitos eleitos em 2020, por idade, na data da posse



Idade dos eleitos em 2020 nas capitais na data da posse



Fonte: Análise do DeltaFolha com base em dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral)

INÊS 249

Tarcísio fica neutro no interior para evitar atrito com Bolsonaro

Governador não manifesta apoio em disputas entre PL e Republicanos; objetivo é evitar bola dividida com padrinho

Ana Luiza Albuquerque

SÃO PAULO Candidatos do Republicanos a prefeituras no interior de São Paulo ficarão sem um ativo importante para derrotar adversários do PL: o apoio do governador e correligionário, Tarcísio de Freitas. De forma geral, ele não se posicionará nas cidades onde houver candidaturas próprias dos dois partidos.

O governador quer evitar entrar em bola dividida com seu padrinho político, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). A cúpula do Republicanos interpretou a decisão de Tarcísio como um gesto não partidário. Procurado, o presidente nacional da sigla, Marcos Pereira, não quis se manifestar.

Aliados de Tarcísio dizem que seu objetivo é unir a direita, em vez de estimular divisões. Pessoas próximas também afirmam que, ao adotar uma posição de neutralidade, o governador tenta manter o apoio de prefeitos aliados e de parlamentares da base na Assembleia Legislativa.

"PL e Republicanos vão estar juntos na maioria absoluta dos municípios. Conseguiu integrar os dois partidos, isso é muito bom", afirmou Tarcísio no início do mês, questionado sobre o assunto em entrevista a jornalistas em Lençóis Paulista (SP).



Governador Tarcísio de Freitas durante evento no Palácio dos Bandeirantes Danilo Verpa - 6.mai.2024/Folhapress

"Ambos estão com a gente, fazem parte do mesmo grupo, têm o mesmo projeto, o mesmo objetivo. A gente vai ficar neutro e vai acompanhar. Minha missão é trabalhar com os prefeitos eleitos da melhor forma possível", completou.

O governador já havia adotado posicionamento similar em relação à disputa na capital paulista. No fim do ano passado, quando Bolsonaro ainda pendia para o lado do ex-ministro Ricardo Salles, que tentava se cacifar como pré-candidato do PL, Tarcísio disse que não iria contra o ex-presidente.

No fim, o governador conseguiu convencê-lo a desistir do deputado federal e apoiar a reeleição do prefeito Ricardo Nunes (MDB).

A escolha de Tarcísio pela neutralidade também ocorre em meio a especulações contínuas de que ele acabará se transferindo para o PL. O presidente do partido, Valdemar Costa Neto, chegou a dizer a jornalistas que o governador havia informado que se filiaria em junho, o que não ocorreu.

O entorno de Tarcísio diz que a mudança não está nem sequer confirmada e que não há urgência para tal. Congressistas do PL, porém, afirmam que o governador já sinalizou que irá para o partido, mas que irá esperar as eleições municipais.

No interior do estado, PL e Republicanos seguem com pré-candidaturas próprias em algumas cidades, como Lençóis Paulista, Marília, Itu, Sorocaba, Santos, Guarulhos e Campos do Jordão.

Em Santos, Tarcísio está entre a deputada federal Rosana Valle (PL), que chegou a ser cotada para sua vice e para assumir a secretaria estadual da Mulher, e o prefeito Rogério Santos (Republicanos).

No último domingo (14), o ex-presidente e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro compareceram ao lançamento da pré-candidatura da congressista. O governador se ausentou.

No fim de maio, em entrevista ao lado do prefeito, Tarcísio já havia dito que não se posicionaria nas eleições da cidade. "Não vou entrar em bola dividida. Ponto."

Rogério Santos filiou-se ao Republicanos em outubro do ano passado, como pré-candidato, em evento ao qual o governador também não compareceu. No evento de filiação, Tarcísio enviou um vídeo com a mensagem: "Acolher um prefeito de uma cidade como Santos é um orgulho muito grande. A parceria com o governo do estado ainda vai render muitos frutos."

O entorno do governador diz que ele avalia que tanto Rosana quanto o prefeito são competentes e que a vitória de qualquer um seria positiva.

Mantendo um aliado na cidade, Tarcísio desidrata o ministro Márcio França (PSB), possível adversário na disputa pelo governo em 2026 e que tem Santos como reduto.

Aliados dizem que o governador tem orientado grupos do PL e do Republicanos a buscarem se unir em uma única candidatura. Eles afirmam que isso ainda deve acontecer em algumas cidades.

Quadros do PL dizem que o objetivo é lançar candidatos verdadeiramente alinhados à direita e com o compromisso de trabalhar por Bolsonaro na Presidência em 2026 —ou, no caso da manutenção da inelegibilidade do ex-presidente, do candidato indicado por ele, sendo o próprio Tarcísio o mais cotado.

Políticos do estado enxergam nestas eleições uma oportunidade de construir base para a próxima disputa presidencial, considerando o vazio deixado no estado com o esfacelamento do PSDB.

Até aqui, quem mais se aproveitou do espólio tucano foi o presidente nacional do PSD e secretário de Tarcísio, Gilberto Kassab. Segundo essa leitura, a decisão do governador de se manter neutro nessas cidades seria um gesto de lealdade a Bolsonaro, pensando também em 2026.

Pré-candidatos do PL nos municípios onde a bola está dividida têm se aproveitado da neutralidade do governador para tentar ganhos políticos com sua imagem em publicações nas redes sociais.

"O governador afirmou que onde houver candidatos a prefeito no PL e Republicanos ele se manterá neutro, não participando de nenhuma das campanhas", publicou José Antonio Marise (PL), pré-candidato a prefeito de Lençóis Paulista, junto a fotos em que aparece cumprimentando Tarcísio.

Em outras poucas cidades onde PL e Republicanos estão divididos, porém, Tarcísio abriu exceção e escolheu um lado. É o caso de Guarulhos, onde ele tenta emplacar seu líder de governo na Assembleia Legislativa, Jorge Wilson (Republicanos), conhecido como "Xerife do Consumidor".

O governador chegou a articular para garantir que Bolsonaro declarasse apoio a Wilson, ainda que o bolsonarismo tenha lançado outro nome raiz, o do vereador Lucas Sanches (PL).

mundo eleições nos eua



Donald Trump (dir., de costas) e o candidato republicano a vice-presidente, J.D. Vance, em comício em Grand Rapids, em Michigan Jim Watson/AFP

Trump volta a fazer ataques a Biden e à eleição depois de pregar união

Em primeiro comício após atentado, republicano retomou retórica agressiva contra democratas

Fernanda Perrin

GRAND RAPIDS (MICHIGAN) Em seu primeiro comício após o atentado sofrido no último sábado (13), Donald Trump retomou os ataques ao presidente Joe Biden e aos democratas, e voltou a fazer acusações sem provas de fraude na eleição americana, acusando os adversários de trapacearem.

O comício atraiu milhares de pessoas, levando à formação de uma enorme fila que atravessou todo o centro de Grand Rapids, no estado-pêndulo de Michigan.

O ex-presidente retomou o tom agressivo que marca seus discursos durante a fala, rompendo com o breve apelo de união nacional feito logo após a tentativa de assassinato na Pensilvânia. Trump fez piadas com o estado cognitivo de Biden, disse que o presidente tem um QI baixo, e voltou a comparar imigrantes com o personagem Hannibal Lecter.

"Eles são incompetentes, essa é uma ameaça à democracia", afirmou sobre os democratas.

O tom contrasta também com o do discurso feito na última quinta-feira (18), em que o empresário aceitou oficialmente a nomeação de seu partido. Na ocasião, Trump evitou ataques diretos a Biden e adotou uma abordagem mais grave.

Apesar de ter prometido na quinta que não falaria mais sobre o atentado, ele voltou a descrever a cena no comício deste sábado. Ele também voltou a repetir que foi Deus quem o salvou. "Eu estou aqui com vocês pela graça de Deus Todo-Poderoso", disse. "Algo muito especial aconteceu, vamos reconhecer isso."

"Eu devo minha vida à imigração", disse, em referência ao assunto do gráfico para o qual apontava quando foi alvo de tiros.

Seguindo a estratégia de aliados, o ex-presidente usou o incidente para dizer que ele não é uma ameaça à democracia, como democratas o acusam de ser. "Eu levei um tiro pela democracia", disse.

Trump também acusou o partido adversário de não respeitar a democracia, diante da pressão para que Biden, que venceu as primárias, se retire da corrida. Ele contrastou a situação com a do Partido Republicano, que repetiu nunca ter sido tão unido e grande quanto sob sua liderança.

O empresário fez ainda uma espécie de enquete com o público, perguntando contra quem eles preferiam concorrer. Em linha com a lógica da campanha republicana, os espectadores vaiaram mais Biden do que a vice, Kamala Harris, indicando que veem o atual presidente como um concorrente mais fácil de ser batido.

"Eu gostaria de concorrer contra ela", disse Trump, dessa vez em referência à governadora do Michigan, Gretchen Whitmer, cotada como uma opção caso Biden desista. "Os democratas estão tentando reverter o resultado das primárias, eles não são o partido da democracia, mas de insiders como Whitmer", afirmou.

Trump voltou a fazer uma série de afirmações sem provas sobre eleição e imigração, sugerindo inclusive que estrangeiros estão sendo registrados por democratas para votar em Biden.

"Se há fronteiras abertas, homens em esportes de mulheres, se vão elevar seus impostos em quatro vezes... Com políticas assim você nunca será eleito. Só se fraudar. Estão usando isso, tentando registrar essas pessoas para votar neles. Por isso estão deixando os imigrantes entrarem", afirmou.

"Vamos fazer a maior deportação da história do nosso país", disse ainda, ecoando umas das principais promessas de sua campanha.

Aproveitando estar em Michigan, um estado conhecido pela indústria automotiva, Trump fez uma série de críticas às políticas de incentivo a carros elétricos adotadas por Biden.

"Eu amo Elon Musk, e sempre falo sobre carros elétricos. Mas você não pode ter 100% de carros elétricos. Elon me endossou", disse. "Ele está me dando US$ 45 milhões por mês. Eu falei com ele há pouco, e ele nem mencionou isso. Os outros caras te dão US$ 2 e você tem que levar eles para almoçar."

Depois, retomando as críticas a carros elétricos, ele disse que eles não "são para todo mundo, algumas pessoas têm que dirigir longas distâncias, eles tendem a ser mais caros".

Um homem, supostamente do sindicato de trabalhadores da indústria automotiva, foi chamado por Trump ao palco —o ex-presidente afirmou que o reconheceu na plateia, espontaneamente.

Trump repetiu uma comparação feita em um comício recente entre morrer eletrocutado por um barco movido a energia elétrica ou por um tubarão —uma fala que foi destacada na imprensa americana como sinal de que tampouco o republicano estaria em seu melhor momento cognitivo, como Biden.

"Vamos cortar impostos e acabar com regulações. Vamos reduzir o preço de energia, suas contas serão reduzidas ao menos pela metade. Nós compramos petróleo da Venezuela, é maluco, eles costumavam ser nosso inimigo", disse.

Trump voltou a descrever suas negociações com outros presidentes quando estava na Casa Branca como se fossem sempre uma questão de ameaçar impor tarifas a importações. Neste sábado, o exemplo da vez foi a França —Emmanuel Macron teria desistido de impor um tributo sobre empresas americanas, após Trump ameaçá-lo de instaurar 100% de tarifas sobre produtos franceses.

O republicano fez ainda elogios a líderes autoritários e adversários geopolíticos dos EUA, como o chinês Xi Jinping, o russo Vladimir Putin e o húngaro Viktor Orbán.

Trump repetiu que Orbán teria falado que o mundo retomaria os tempos de paz caso o empresário voltasse à Casa Branca. Ele também afirmou que Xi enviou um "lindo recado" a ele após o atentado, sem detalhar o conteúdo da mensagem, e chamou o dirigente chinês de "um homem brilhante" que controla 1,4 bilhão de pessoas com um punho de ferro". Putin foi classificado pelo republicano como "inteligente e durão".

Este também foi o primeiro comício depois que J.D. Vance foi anunciado como vice-presidente na chapa de Trump.

Vance falou por cerca de dez minutos pela primeira vez a eleitores como candidato a vice. "Honestamente, ainda é estranho ver meu nome nessas placas", afirmou.

Ele criticou a vice-presidente, Kamala Harris, associando seu mandato à "política de fronteira aberta", uma das principais críticas da campanha republicana à Casa Branca de Joe Biden.



Pelosi diz a aliados defender primária se presidente desistir

A deputada Nancy Pelosi da Califórnia, ex-presidente da Câmara dos Deputados, disse a colegas na delegação democrata do estado que, se o presidente Joe Biden encerrasse sua campanha, ela apoiaria uma primária aberta em vez da nomeação da vice-presidente Kamala Harris como a nova candidata presidencial do partido.Pelosi, quando questionada sobre Biden em reunião a portas fechadas da delegação, disse que não achava que ele poderia vencer, citando dados de pesquisas eleitorais.Pelosi disse aos presentes que apoiaria um processo competitivo. Amiga de Kamala, que foi senadora da Califórnia, Pelosi acredita que a vice-presidente sairia fortalecida se passasse por um processo de competição interno na convenção democrata em agosto.

Livro de Vance mostra 'lamento caipira' que atrai eleitores do republicano

Diogo Bercito

WASHINGTON A nomeação de J.D. Vance para vice-presidente na chapa de Donald Trump traz de volta aos holofotes seu livro "Era Uma Vez Um Sonho". A obra ajuda a explicar a inesperada eleição do republicano em 2016 —e também sua liderança no pleito deste ano contra Joe Biden.

O título original, "Hillbilly Elegy", é eloquente de um jeito que a tradução ao português não conseguiu ser. "Hillbilly" é um termo usado para descrever os moradores das regiões rurais e montanhosas do país, como "caipira" no Brasil. O livro é, então, o "lamento caipira".

Vance nasceu no Kentucky e cresceu em Ohio. Ou seja, nos bastiões dessa cultura caipira. Ele assistiu à degradação econômica e social dessa parte do país. O tal lamento é pela perda dos valores culturais que foram importantes na sua criação.

O livro saiu em meados de 2016, alguns meses antes de Trump vencer as eleições. Vance era um duro crítico do republicano. Ainda assim, seu texto tinha bastante em comum com a campanha e posterior presidência de Trump —tanto que em seguida o autor passou a apoiá-lo.

O livro "Era Uma Vez o Sonho" captura, nas palavras do autor, "o que acontece com a vida de pessoas reais quando a economia industrial vai mal". Como artifício para ganhar legitimidade, Vance usa sua experiência. Ou seja, ele diz ao leitor: essas são coisas que eu vi e vivi.

A região dos Apalaches, onde o autor cresceu, faz parte do chamado "cinturão de ferrugem" americano. É uma fatia dos Estados Unidos afetada pelo desmonte das indústrias, como a automobilística, que empobreceu a população e fez com que migrasse para outras partes do país.

Vance sugere no livro que esse fenômeno sócio-econômico afetou de maneira excepcional as populações brancas dos Apalaches. É uma maneira de dizer que a classe social é mais importante do que a raça para explicar as transformações nesse cinturão.

É uma ideia perigosa, em um país que vive a ascensão do supremacismo branco, ou seja, a noção de que os brancos são superiores às demais raças. Não surpreende que, mesmo quando Vance atacava a campanha de Trump em 2016, as suas teorias seduzissem o republicano.

O livro foi um best-seller e virou filme com Glenn Close e Amy Adams. O sucesso é um indício de que tocou em um ponto sensível. É também resultado de tática inteligente de mesclar memórias pessoais com menções a estudos de ciência política, social e econômica.

Mas Vance só cita autores que concordam com suas teses. Ignora que muitos pesquisadores de renome não acreditam que a classe social explica o mundo sozinha.

O livro sem dúvida vale a leitura de quem quer entender o mundo. Reflete as ansiedades de uma fatia importante dos eleitores republicanos. Pode explicar a vitória cada vez mais provável de Trump e pautar suas decisões nos próximos anos.

A ênfase no sofrimento das populações rurais brancas, porém, incomoda. Em especial, porque os Apalaches são povoados também por negros e hispânicos, que Vance raras vezes menciona no livro. Como se, no fim das contas, eles não merecessem o seu lamento caipira.

Era uma Vez um Sonho
Autor: J.D. Vance. Editora: LeYa Brasil. Preço: R$ 72 (272 págs.)

E se a oposição ganhar na Venezuela?

É preciso questionar se adversários da ditadura conseguiriam manter união

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

Quem vê hoje a líder da oposição na Venezuela, María Corina Machado, surfar sobre multidões pode não imaginar que essa mulher já foi desprezada pelos demais opositores e pelos eleitores no passado. Hoje, Corina não só é a arquiteta da improvável candidatura de Edmundo González, como a primeira a criar uma alternativa real para destronar o ditador Nicolás Maduro.

Obviamente, é desejável que a ditadura tenha fim e que o país se redemocratize. Porém, seria também necessário que a oposição, que tanto brigou entre si e que tantos erros cometeu, amadureça e chegue a consensos para enfrentar os desafios que virão adiante, em caso de uma improvável vitória.

Vale lembrar algumas das tantas vezes em que a oposição cometeu erros que só ajudaram a dar mais fôlego ao regime.

Em 1992, Hugo Chávez tentou um golpe de Estado e fracassou. Foi preso, mas saiu da cadeia dizendo que optaria pela via "democrática". A população o acompanhou entusiasmada, porque sua proposta era incluir uma camada, em geral mestiça, da sociedade que não participava em política e vivia em más condições. Foi muito significativa a transformação que ele realizou no país, melhorando a vida dos mais vulneráveis, em seu primeiro mandato.

A oposição não quis ver isso, fez de tudo para tratar Chávez com soberba e preconceito, com ataques a suas políticas, sem atinar que isso era o que os venezuelanos de baixa renda queriam. Por esse comportamento, se distanciaram dos eleitores e se esvaziaram os partidos mais importantes do país: a Ação Democrática (ADECO) e o Copei (Comitê de Organização Política Eleitoral Independente).

Outro exemplo de má interpretação da realidade foi o golpe de Estado de 2002, em que parte do Exército e os empresários decidiram nada menos que derrubar Chávez. Seria patético se não fosse trágico. Mas, sim, o então presidente da Fedecámaras (entidade empresarial), Pedro Carmona, apareceu diante da TV para anunciar que tinha deposto Chávez e que ele era, a partir de então, o presidente do país. Em três dias, Chávez já estava de volta.

Aí, sim, Chávez passou a ser mais autoritário, dando lugar à cruel ditadura que hoje está em vigor.

Durante o regime de Nicolás Maduro, a oposição cometeu uma série de erros. Por exemplo, o de ausentar-se de algumas eleições. Se pode entender, uma vez que a maioria delas foi manipulada. Mas deixar todos os assentos de um parlamento entregues a chavistas não era aceitável.

Outro erro foi o de Henrique Capriles, quando, sabendo que havia ganhado a votação de 2013, que disputou com Maduro, aceitou que a fraude fosse anunciada como válida. Nessa noite, Leopoldo López o recriminou e disse: "vamos às ruas, porque você ganhou". A explicação que Capriles me deu na ocasião foi: "tive medo de que ocorresse um banho de sangue".

Outro equívoco foi o de Juan Guaidó, que surgiu de modo legítimo, mas que passou a namorar estratégias inaceitáveis, até mesmo uma invasão de mercenários norte-americanos em praias da Venezuela.

E eis que, depois de tentar de tudo, voltamos a Corina, a primeira voz a se levantar lá no começo de tudo. Longe de ser moderada, já pregou a imposição de sanções, incentivou rebeliões, apoiou Bolsonaro. Ou seja, Corina, ideologicamente, pode muito bem encaixar-se no atual rótulo de "extrema-direita".

É de se esperar que um Edmundo conciliador a leve a moderar-se para manter a ampla aliança formada. Mas isso será possível? É preciso ainda questionar, com o histórico de enfrentamentos da oposição, se, caso o chavismo seja derrotado, a união que existe neste momento continuará.

| DOM. Sylvia Colombo | **TER. Mundo Leu** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick

Fujimori volta à política para driblar corrupção

Filha do ex-ditador do Peru, que lidera aliança majoritária no Congresso, anunciou que ele será candidato à Presidência

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES A família política mais poderosa do Peru volta a alvoroçar o instável país. Em uma dramática jogada, a ex-congressista Keiko Fujimori, que responde a vários processos por corrupção, resolveu apelar ao sentimento popular e lançou, na última semana, a candidatura à Presidência de seu pai, o ex-ditador Alberto Fujimori (1990-2000).

Condenado a 25 anos de prisão por crimes de corrupção e abuso aos direitos humanos, Fujimori, 85, contou com os filhos Keiko e Kenji em uma intensa campanha para deixar a penitenciária de Barbadillo, sob o argumento de ter uma doença terminal —não raro aparecendo em fotos acamado ou em cadeira de rodas e conectado a tubos de oxigênio. Em dezembro de 2023, o Tribunal Constitucional do Peru determinou que ele fosse transferido para a casa de Keiko, embora continue impedido de sair do país. Fujimori havia ficado atrás das grades por pouco mais de 15 anos.

Quem pensava que o gesto humanitário anunciaria uma decadência maior de sua saúde se equivocou. Começou aí a ser armada uma estratégia, arquitetada por ele e levada adiante por Keiko e pelo Força Popular, partido do qual ela é líder e que domina a aliança de direita com maioria no Congresso. Hoje, a presidente Dina Boluarte, originária da esquerda, da sigla do ex-mandatário Pedro Castillo, atua como se estivesse sequestrada pela bancada fujimorista.

Fujimori lançou-se como influencer, contando casos de sua passagem pelo poder no TikTok e em um podcast. Também publicou um livro sobre a operação Chavín de Huántar, com os bastidores do plano de invasão e recuperação da residência do embaixador japonês em Lima, em 1996.

Na ocasião, guerrilheiros do MRTA (Movimento Revolucionário Tupác Amaru) tinham ocupado a mansão, fazendo reféns os cerca de 800 convidados da festa da qual o embaixador era o anfitrião naquela noite. Eles reivindicavam a liberação de outros membros e denunciavam as más condições de vida no campo. Durante quatro meses, o Exército arquitetou uma maneira de entrar na residência e fazer o resgate. A ação foi considerada um sucesso: só um refém morreu, e todos os 14 terroristas foram mortos.

> "Teremos nas próximas eleições mais de 30 candidaturas, das quais nenhuma será popular. Não há uma oposição. O que temos de mais forte e nacional é essa família em que todos se odeiam, mas que se unem em torno de armações para ficar no poder
>
> **Alberto Vergara**
> professora assistente da Universidade do Pacífico

Fujimori saiu muito fortalecido, assim como quando conseguiu prender, em 1992, Abimael Guzmán (1934-2021), líder do Sendero Luminoso, guerrilha cujo enfrentamento de décadas com o governo peruano deixou mais de 70 mil mortos. Teve grande repercussão a imagem de Guzmán vestindo uniforme de prisioneiro, com listras, como queria Fujimori.

Se esses triunfos do ex-ditador são hoje contados à população até mesmo em um livro infantil, os crimes contra a humanidade pelos quais foi condenado obviamente não aparecem nessa recuperação de sua imagem. Entre eles as operações de seu esquadrão da morte, o Colina, responsável pelo assassinato ou desaparecimento de centenas de peruanos e por ações de extermínio em povoados, como nos casos de Barrios Altos e La Cantuta, ambos no início dos anos 1990.

"Aos que acompanhamos essas jogadas dos fujimoristas, não é estranha a postulação a presidente. Lembre-se de que em 2007, quando Fujimori estava foragido para escapar de uma extradição ao Peru, a artimanha que tentou usar foi a de se lançar candidato ao Senado do Japão", diz a prestigiada jornalista peruana Rosa María Palacios. A ideia era obter a imunidade de político japonês (ele tem as duas nacionalidades), mas ele não foi eleito. Depois, a Justiça do Chile, onde Fujimori estava em exílio, determinou que fosse extraditado.

A estratégia da candidatura busca desviar o foco das denúncias de corrupção contra Keiko, como a do caso Odebrecht, que lhe teria enviado dinheiro para suas campanhas políticas. Ela perdeu as eleições de 2011, de 2016 e de 2021. Em todas, foi acusada de recebimento de verba irregular.

O fujimorismo ainda é forte no Peru, particularmente entre a população mais pobre do campo, principal vítima dos combates com o Sendero Luminoso. Também persiste nas periferias das grandes cidades, povoadas por imigrantes, entre eles japoneses como o pai do ex-ditador. Esse grupo via no garoto que entregava flores de madrugada para sustentar a família e poder estudar agronomia e matemática um exemplo de que também tinham a chance de prosperar.

"Fujimori sente que não chegará inteiro às eleições de 2026. Perto dele hoje, Biden ganharia os 100 metros andando. Mas ele jamais jogou sem ter uma estratégia clara. E a desta vez é: Fujimori se elege e derruba as acusações de corrupção contra Keiko. Ele sai de cena, e ela por fim exerce o poder que, pela via das urnas, não conseguiu", afirma o jornalista e escritor Gustavo Gorriti.

Há, porém, um impedimento legal para que Fujimori possa concorrer. Segundo a lei peruana, um indulto ou uma ordem como a emitida pelo Tribunal Constitucional não anulam a condenação. Assim, não seria possível que ele se registrasse como candidato. A questão é que, hoje, tanto o Congresso como o Executivo estão nas mãos do bloco fujimorista. "Para mudar essa lei, eles não precisam mais do que uma tarde", disse, com ironia desanimada, Rosa María Palacios.

Para o analista Alberto Vergara, professor assistente da Universidade do Pacífico, "esse novo circo do fujimorismo seria apenas um circo se não deixasse exposto um sistema decomposto". "Teremos nas próximas eleições mais de 30 candidaturas, das quais nenhuma será popular. Não há uma oposição. O que temos de mais forte e nacional é essa família em que todos se odeiam, mas que se unem em torno de armações para ficar no poder", diz.

Israel faz 1º ataque contra rebeldes pró-Irã no Iêmen

GUERRA ISRAEL-HAMAS

Igor Gielow

SÃO PAULO Forças israelenses promoveram neste sábado (20) um inédito ataque contra alvos dos rebeldes houthis no Iêmen. Instalações de refino e depósitos de combustíveis do porto de Hodeidah, o principal controlado pelo grupo, foram destruídas por caças do Estado judeu, matando ao menos 3 pessoas e ferindo outras 87.

É a primeira vez que isso ocorre desde que os houthis passaram a lançar drones e mísseis contra território israelense, em 19 de outubro passado, como forma de apoiar seus aliados do grupo terrorista Hamas, que havia lançado um ataque mortífero 12 dias antes.

Até aqui, Israel havia se limitado a se defender dos ataques, deixando ações ofensivas para forças dos EUA e do Reino Unido, que passaram a bombardear pontualmente os houthis após os rebeldes iniciarem uma campanha contra navios mercantes dos aliados israelenses no mar Vermelho e no golfo de Áden.

Mas tudo mudou na sexta (19), quando um drone de longa distância dos houthis conseguiu atingir o centro de Tel Aviv, enganando as propaladas defesas antiaéreas de Israel. Uma pessoa morreu no ataque, que quase atingiu a embaixada dos EUA na cidade.

Em Israel, o foco das ações dos rebeldes era Eilat, o porto principal no país no mar Vermelho, que fica a cerca de 1.800 km das posições mais ao norte dos houthis no Iêmen. Tel Aviv fica cerca de 300 km mais distante, o que mostra a sofisticação do arsenal fornecido pelo Irã aos aliados.

Imagens divulgadas pelos houthis mostravam um enorme incêndio em curso no porto.

O premiê israelense Binyamin Netanyahu disse que o alvo foi selecionado por ser a porta de entrada principal de armas iranianas no Iêmen. Foram empregados aviões de ataque de longo alcance F-15, que agiram a 2.000 km de suas bases. Os houthis prometeram vingança, dizendo que não se furtará a atacar "pontos vitais" de Israel.



Instalações do porto de Hodeidah, no Iêmen, pegam fogo após bombardeio israelense Centro de Imprensa Houthi/AFP

INÊS 249



Marcella de Oliveira Santos, 37, produtora de eventos; na sede da igreja Renascer na Mooca, em São Paulo Karime Xavier/Folhapress

Mulheres negras são maioria nas igrejas evangélicas paulistanas

Templos de pequeno porte compõem maior parte dessa rede cristã, aponta pesquisa Datafolha

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO As igrejas evangélicas de São Paulo têm em sua base uma maioria de mulheres negras, em famílias com renda de até três salários mínimos. Essa é a cara do crente médio numa cidade onde 71% do segmento frequentam templos de pequeno porte, que comportam até 200 pessoas e se multiplicam pelas periferias.

Um panorama que pouco tem a ver com o imaginário alimentado por quem acompanha à distância a expansão evangélica na cidade. A tentação de associá-la a pastores ricos, quase sempre brancos e donos de impérios religiosos é forte, mas não espelha o retrato traçado por pesquisa Datafolha realizada entre 24 e 28 de junho com 613 moradores da capital paulista que se declaram parte desse ramo cristão.

O levantamento tem margem de erro de quatro pontos percentuais e foi formulado com colaboração dos antropólogos Juliano Spyer, colunista da **Folha**, e Rodrigo Toniol, a socióloga Christina Vital e o cientista político Vinicius do Valle, todos estudiosos da área.

Estamos falando de uma São Paulo onde uma em cada quatro pessoas é evangélica. Um bloco sobretudo feminino: elas são 58% entre os evangélicos e, segundo o Censo Demográfico 2022, 53% da população local.

Os evangélicos negros do município, que somam pardos e pretos, são 67% —na média geral estimada pelo Censo, o bloco equivale a 43,5% dos paulistanos.

Quatro em cada dez entrevistados pelo Datafolha disseram frequentar uma igreja evangélica desde que nasceram ou antes dos 12 anos de idade. Podemos chamá-los de evangélicos de berço, uma geração que já cresceu sob os auspícios dessa fé.

Em 55% dos casos, nem o pai nem a mãe tinham por hábito ir à igreja quando o fiel era criança.

Os números sugerem que a maior parte chega às igrejas após se converter, com 46% dizendo que incorporou cultos à rotina depois dos 18 anos.

Esse expediente, em geral, passa por um batismo que inclui dizer que aceita Jesus Cristo como salvador.

O fenômeno de trocar uma religião por outra, imperioso no passado, abrandou —58% dizem nunca ter tido outra religião antes. Quando acontece de substituir uma crença, é a Igreja Católica que mais sai perdendo. Dela vêm 38% dos convertidos às fileiras evangélicas. O restante se fragmenta em religiosidades como umbanda, candomblé, espiritismo e budismo.

As megaigrejas que se impõem na cartografia religiosa são exceção. Só 12% costumam ouvir pregações em templos para mais de 500 pessoas. A malha evangélica paulistana é composta sobretudo por espaços que atendem até 200 pessoas, perfil popular nas periferias, onde as igrejinhas de bairro dominam, muitas delas sem um CNPJ próprio. É aquela história de pegar um galpão, colocar algumas cadeiras de plástico, improvisar um púlpito e pregar o Evangelho, sem apego maior a formalização.

Claro que nada impede que uma Universal do Reino de Deus, para tomar de exemplo uma gigante do meio, tenha templos menores nos rincões urbanos, com poucas dezenas de membros.

A assiduidade realça o alto engajamento dos fiéis: 54% vão a cultos mais de uma vez por semana, e 26%, pelo menos uma vez.

São 43% os que dizem pertencer a uma igreja pentecostal, categoria que abrange Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Deus É Amor. Em seguida, com 22%, estão os adeptos de casas neopentecostais, como Universal e Renascer.

Aqui vale um breve adendo: esse rótulo, forjado pelo sociólogo Ricardo Mariano nos anos 1990 para descrever uma nova onda do pentecostalismo brasileiro, não tem aderência no dia a dia evangélico. É difícil achar um crente que se defina como neopentecostal. Ele provavelmente vai preferir pentecostal.

As igrejas históricas, que incluem batistas e presbiterianas, são 10%. Já os desigrejados —quem hoje se reconhece evangélico, mas não frequenta uma igreja— respondem por 5% da amostra.

O sonho da família tradicional brasileira própria não alcança todos: 51% dos entrevistados são casados ou amigados, 35%, solteiros, 9%, divorciados, e 6%, viúvos. Quatro em cada dez fiéis têm filhos.

Por trás das estatísticas, há fiéis como a produtora de eventos Marcella Santos, 37, e a babá Jaciele Souza, 33.

Marcella louva a Deus desde que se entende por gente. Foi a mãe quem se converteu primeiro, e a família, até então embrenhada num catolicismo com notas espíritas, seguiu junto.

O trânsito religioso engatou após Marcella, ainda um bebê de seis meses, ser desenganada por médicos. "Nasci com uma deformidade que diziam não ter cura, uma perfuração no esôfago. Eu mamava e botava tudo pra fora."

Deram-lhe pouco tempo de vida. "E eu tô aqui, 37 anos depois, falando com você." Tudo graças a Deus, acredita ela. Ao receber o diagnóstico, a mãe tratou de buscar socorro em tudo o que é guarida espiritual, da umbanda ao kardecismo, conta Marcella.

Um dia, parou na porta da Comunidade da Graça. O pastor ouviu a súplica materna e pegou a neném no colo. "Foi igual àquela cena do 'Rei Leão', em que erguem o Simba. Ele me levantou nos braços dele e pediu para a igreja orar por um milagre de Deus."

Desde então, as duas encorpam a massa de brasileiros absorvida pelo evangelicalismo. Hoje na igreja Renascer em Cristo e moradora de Itaquera, na zona leste, Marcella exibe no braço uma tatuagem do Leão da Tribo de Judá, que na teologia cristã simboliza Jesus.

A fé evangélica só recentemente imprimiu marcas na vida de Jaciele. A ex-católica já tinha um filho adolescente com nome de anjo bíblico, Gabriel, na igreja Universal de Edir Macedo.

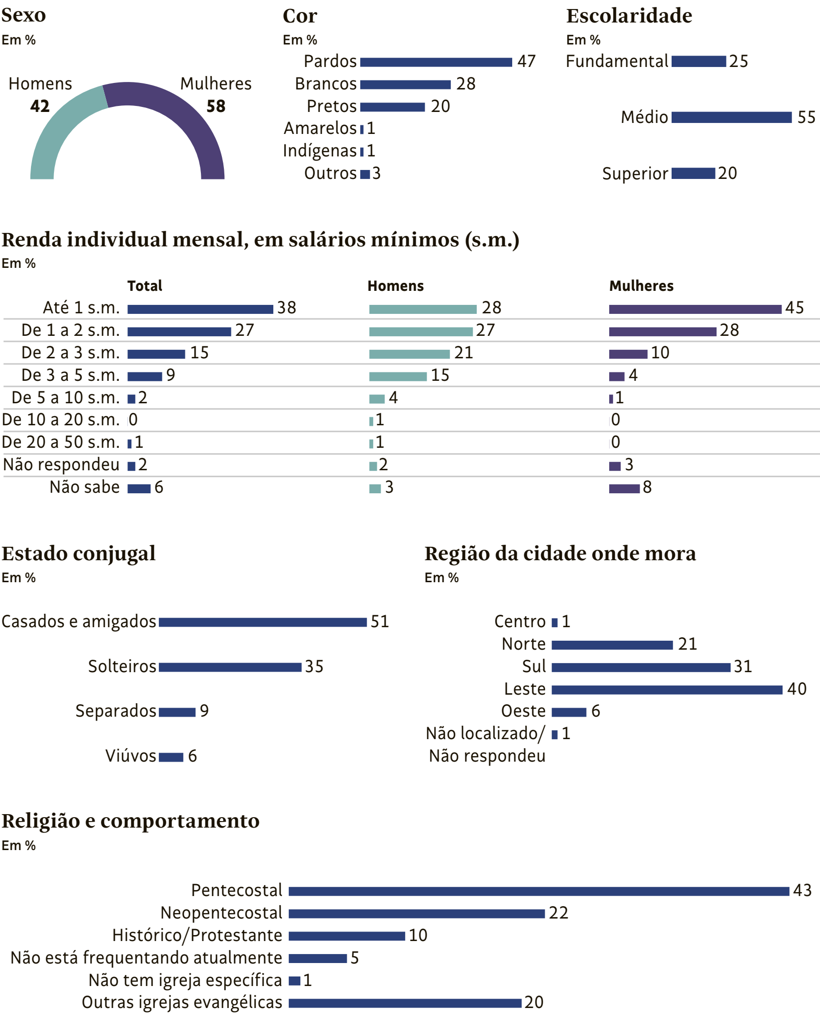
Foi numa igreja bem menor de Paraisópolis (na zona sul de São Paulo), a Jesus Cristo da Nossa Bandeira, onde ela se sentiu acolhida. A guinada religiosa começou após o pastor perguntar se Jaciele, que cuida de uma mãe com câncer, sabia o caminho da salvação. Respondeu: com Cristo. Mas ela servia a Cristo? Aceitava-o como único salvador? Agora sim.

Professor de antropologia na UFRJ, Rodrigo Toniol aponta uma sólida transferência da identidade religiosa de pais para filhos evangélicos, algo que já foi mais forte no catolicismo.

Hoje o país tem "católico de IBGE" de sobra —o famoso não praticante. Já as pesquisas têm mostrado que o crente permanece na mesma órbita religiosa, ainda que não necessariamente continue na igreja que ia quando pequeno. "Ele pode ir para outras, tem uma circulação."

Essa busca por uma fé que se adeque mais a cada pessoa seria uma das chaves para a popularidade evangélica num país que abre espaço até para igreja que promove culto para pets —essa aí, a goiana Fonte da Vida, chegou a receber provocações nas redes como "quem vai pregar é um pastor-alemão?".

Toniol também julga importante bater na tecla de que o rosto típico nos templos é negro, pobre e feminino. "Acho que vale insistir para a gente chamar atenção de que essa também é a cara do brasileiro médio."



> Acho que vale insistir para a gente chamar atenção de que essa [negra, pobre e feminina] também é a cara do brasileiro médio
>
> **Rodrigo Toniol**
> professor de antropologia na UFRJ

> Nasci com uma deformidade que diziam não ter cura, uma perfuração no esôfago. Eu mamava e botava tudo pra fora. Foi igual àquela cena do 'Rei Leão', em que erguem o Simba. Ele [pastor] me levantou nos braços dele e pediu para a igreja orar por um milagre de Deus
>
> **Marcella Santos**
> produtora de eventos

INÊS 249

Armas afastam evangélicos em SP do bolsonarismo

Criminalização do aborto ainda é bem aceita, mas maioria recusa prisão de mulher, diz pesquisa Datafolha

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Não é sempre que valores bolsonaristas arrebatam os evangélicos paulistanos. Armas e 'homeschooling' são temas que afastam as igrejas de Jair Bolsonaro (PL) e aliados, mostra pesquisa Datafolha.

Outros tópicos, como educação sexual e igualdade de gênero na sociedade, bandeiras que poderiam muito bem tremular em raias progressistas, também têm simpatia nos templos da capital paulista.

O descompasso diminui quando se fala de aborto e casamento homoafetivo. Nesses pontos há um alinhamento maior entre fiéis e falanges conservadoras, embora a rigidez ideológica amoleça a depender de como o debate se coloca —prender mulheres que abortam, por exemplo, não é uma causa popular.

Para entender como pensa o evangélico típico da maior cidade do país, o Datafolha entrevistou entre 24 e 28 de junho 613 paulistanos que declaram essa fé. A margem de erro é de quatro pontos percentuais.

A polarização não dá todas as cartas aqui. Quando você pergunta se o aborto deve deixar de ser crime, 68% desses religiosos vão dizer que não. O jogo vira se a questão é sobre processar e encarcerar a mulher que interrompe uma gravidez. Aí só 3 em cada 10 evangélicos concordam que sim.

Preservar o atual status legal do aborto agrada a 48% do grupo —que o procedimento valha, portanto, para casos de estupro, risco de vida para a mãe e feto anencéfalo.

A parcela que aceita ampliar o escopo para mais situações é de 17%, e os que defendem liberar a interrupção da gravidez em todos os casos encolhe ainda mais: 4%. Proibir o aborto em qualquer contexto tem aderência de 25% da amostra.

A perspectiva de aprisionar quem aborta voltou à berlinda após a Câmara dos Deputados pôr em regime de urgência um projeto de lei que equipara quem aborta com mais de 22 semanas a um homicida. Caso aprovado, a legislação brasileira seria tão dura quanto a de países como o Afeganistão.

A premissa de que pessoas do mesmo sexo têm direito à união civil tem a bênção de 26% dos evangélicos. Os contrários são 57%, enquanto o restante se divide entre indiferentes ao assunto ou quem não sabe responder. A possibilidade de um casal gay adotar filhos recebe acolhida maior: 43% acham ok, 42% são avessos.

Pode parecer um contrassenso que uma ampla maioria evangélica (86%) subscreva a ideia de que igrejas devam se abrir a homossexuais e trans, já que tantos não toleram que essas mesmas pessoas se casem ou adotem crianças. A postura, contudo, está em sintonia com discurso recorrente no cristianismo, de que Deus ama o pecador e repudia o pecado —como a identidade LGBTQIA+ em geral é vista nesses círculos.

A pauta das armas, cara ao bolsonarismo, não empolga os crentes de São Paulo. Apenas 28% aprovam a prerrogativa de que o cidadão possa ter uma arma para se defender. Essa agenda nunca foi pop nos púlpitos, mas a aliança entre pastores e Bolsonaro, e também entre as ditas bancadas da Bíblia (evangélica) e da bala (segurança pública), levou líderes a abandonar críticas mais diretas.

Se em 2015 o pastor Silas Malafaia afirmava que rever o Estatuto do Desarmamento era "um verdadeiro absurdo", em 2022 passou a dizer que, ainda que pessoalmente não seja afeito a armas, cabe ao povo, "soberano", decidir se as pessoas têm direito a andar armadas.

Enquanto presidente, Bolsonaro encampou a causa da educação domiciliar, o homeschooling, uma demanda de famílias que temem a intervenção do Estado na formação dos filhos e uma suposta doutrinação da esquerda nos colégios.

O modelo não encontra eco na base evangélica. Só 19% apreciam a sugestão de que pais possam substituir a escola por aulas em casa. Sobretudo para quem está na periferia, o sistema de ensino é uma importante rede de apoio e até fonte de alimentação via merenda, o que explica em parte a rejeição ao homeschooling.

> [O aborto é] Mais um ponto que leva à reflexão sobre as nuances entre a percepção do que é certo do ponto de vista legal, moral e religioso e o modo como evangélicos lidam com essas questões
>
> **Christina Vital**
> socióloga

A cada 4 fiéis, 3 acham que a escola deve abordar educação sexual. A fatia é expressiva, considerando que ultraconservadores propalam há anos o falso pressuposto de que a esquerda usa salas de aula para promover uma iniciação sexual precoce e inclinada a plataformas LGBTQIA+.

Claro que a compreensão sobre o que é educação sexual vai variar de interlocutor para interlocutor. A senadora Damares Alves, enquanto servia ao governo Bolsonaro como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, chegou a defender que a abstinência sexual fosse ensinada como método contraceptivo.

A pesquisa mostra ainda uma gangorra, no segmento, entre princípios associados à esquerda e direita.

Da leva mais progressista: 89% concordam que homens e mulheres devem ter papel igual na sociedade, e 81% defendem o equilíbrio entre gêneros dentro da família, a despeito de pastores que pregam a submissão feminina usando a passagem bíblica que diz: "O marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja".

Pelo viés mais conservador, 79% ratificam justamente a sentença "a Bíblia deve ser levada ao pé da letra em todos os aspectos". Já 81% apoiam que a mulher deve ter modéstia ao se vestir.

Para a socióloga Christina Vital, que coordena o Laboratório de Estudos em Política, Arte e Religião da UFF, a sondagem revela rachaduras entre o que espera a base e o que apregoa a liderança evangélica.

A questão armamentista é um exemplo. "É sabido pelos moradores de favelas e periferias que as armas vulnerabilizam suas condições de vida cotidianas. Os números são do Atlas da Violência: 104 mil crianças e adolescentes de 0 a 19 anos foram assassinados entre 2012 e 2022, 81,5% deles por armas de fogo."

Posições sobre o aborto também chamam a atenção de Vital. Ainda que a maioria não acate a descriminalização do procedimento, só 29% são a favor da prisão de mulheres que a ele recorram. "Mais um ponto que leva à reflexão sobre as nuances entre a percepção do que é certo do ponto de vista legal, moral e religioso e o modo como evangélicos lidam com as questões no cotidiano."

Os evangélicos e a agenda moral na cidade de SP

Você é a favor ou contra que o cidadão possa ter arma para se defender?
Em %



Você é a favor ou contra que pais possam dar aulas a crianças em casa, para não precisar que elas estudem numa escola?
Em %



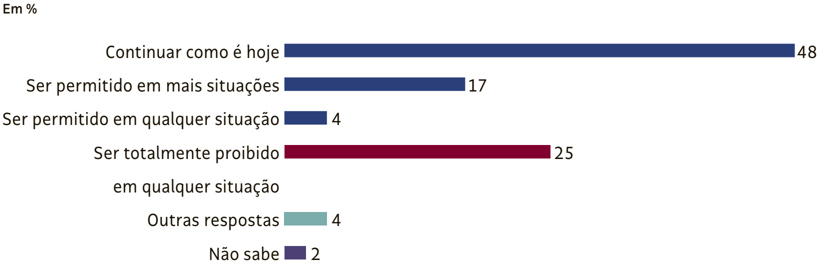
Você é a favor ou contra que o aborto deixe de ser crime?
Em %



Você é a favor ou contra que a mulher que interrompe uma gravidez seja processada e vá para cadeia?
Em %



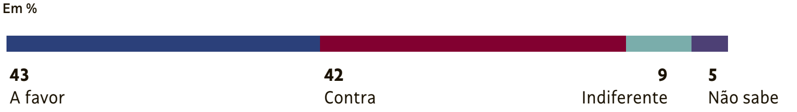
Atualmente, o aborto é permitido apenas em casos de estupro, de risco de vida da mãe ou anencefalia do feto. Na sua opinião, a lei deveria:
Em %



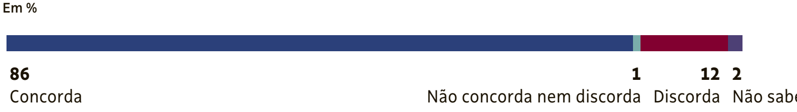
Você é a favor ou contra legalizar a união entre pessoas do mesmo sexo
Em %



Você é a favor ou contra a adoção de criança por um casal gay?
Em %



As Igrejas Evangélicas devem acolher homossexuais e pessoas trans
Em %



Bíblia, educação sexual e o papel do homem e da mulher
Em %

	A Bíblia deve ser levada ao pé da letra em todos os aspectos?	Homens e mulheres devem ter um papel igual dentro da família	Homens e mulheres devem ter um papel igual na sociedade	A mulher deve ter modéstia ao se vestir	Educação sexual deve ser tema de aula nas escolas
Concorda	79	81	89	81	74
Concorda totalmente	62	64	73	64	47
Concorda em parte	16	17	16	18	26
Não concorda nem discorda	1	0	0	2	0
Discorda	20	18	10	16	25
Discorda em parte	12	8	5	9	7
Discorda totalmente	8	10	4	7	18
Não sabe	0	0	0	1	1

Fonte: Pesquisa Datafolha com 613 entrevistados evangélicos na cidade de São Paulo, entre 24 e 28.jun; margem de erro é de 4 pp.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Superou dramas da ditadura e doença para vencer na vida

MARTHA HELENA MAGALHÃES MERLINO (1950 - 2024)

Leonardo Fuhrmann

SÃO PAULO Quando a mãe, Maria Helena, morreu, Martha ainda era adolescente e se sentiu responsável por cuidar mais dos seus irmãos, que eram mais novos do que ela. Mesmo depois que o pai, Geraldo, se casou pela segunda vez, o irmão Luiz se recorda do cuidado especial com que a irmã o tratava. Os conselhos e as conversas em seu quarto.

Os anos seguintes foram difíceis com o golpe militar, e os problemas se refletiam diretamente na família Merlino. Martha estudava história na USP (Universidade de São Paulo) e era muito próxima do primo, o jornalista Luiz Eduardo Merlino, militante da resistência à ditadura. Ela também participava do movimento estudantil.

Luiz Eduardo foi torturado e morto pelo governo em 1971. Não foi o único baque de Martha. Um aneurisma cerebral lhe provocou a paralisação do lado esquerdo do corpo. O problema de saúde interrompeu de outra forma seus sonhos. O casamento, que estava marcado, nunca aconteceu, e ela precisou abandonar os estudos para cuidar da saúde.

Mesmo com sequelas físicas, Martha retomou os estudos anos depois e decidiu estudar psicologia. Formada, passou a trabalhar nas unidades de saúde da Secretaria Municipal de Saúde.

Uma de suas alegrias foi quando foi escolhida por Luiz para ser madrinha de seu filho Guilherme. Como dedicou sua atenção ao irmão um dia, passou a dedicar um carinho especial ao sobrinho.

De família da cidade de Santos e de torcedores do time do litoral paulista, Guilherme optou pelo São Paulo Futebol Clube, time que encantava os torcedores naquele início dos anos 1990, sob o comando do técnico Telê Santana.

A tia não hesitou em acompanhar o sobrinho em sua paixão futebolística. As vitórias e derrotas do time nos anos seguintes passaram a ser um assunto recorrente entre eles.

"Ela se tornou torcedora para termos um assunto que nos unia", comenta Guilherme.

Uma de suas fotos preferidas ao lado da tia foi quando foram juntos ao estádio do Pacaembu ver o São Paulo na final da Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2000. A partida terminou com a vitória do time do Morumbi contra o Juventus-SP, por 2 a 1.

Anos depois, uma queda fez com que o estado de saúde dela se agravasse. Depois de passar um tempo em tratamento em casa, precisou ser levada para uma clínica. Internada, morreu no dia 22 de junho, horas antes de seu time perder por 4 a 1 para o Vasco, para completar a tristeza do afilhado. Deixa os irmãos Eliana e Luiz e os sobrinhos Bruno, Guilherme, Gustavo, Mariana e Fabiana.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Funcionários finalizam obra em trevo de intercessão do anel viário com a BR-101 Anderson Coelho/Folhapress

Anel viário de Florianópolis fica pronto depois de 12 anos

Estrada é considerada a maior construção rodoviária em andamento no país

Fábio Pescarini

SÃO PAULO Com 12 anos de atraso, o contorno viário de Florianópolis está previsto para ser inaugurado no dia 9 de agosto. A estrada, com 50 km de extensão, é apontada como a maior construção rodoviária em andamento no país.

A previsão é que a estrutura fique totalmente pronta no próximo dia 31, mas a via estará fechada para circulação de veículos até a cerimônia de inauguração —há a expectativa pela presença do presidente Lula (PT) no evento.

A ideia é que o contorno viário tire caminhões que trafegam em um trecho praticamente urbano da BR-101 na Grande Florianópolis.

A expectativa da Prefeitura de Biguaçu, um dos quatro municípios catarinenses por onde passa o anel viário, é que o trânsito na BR-101 caia em 35% naquela região.

A nova pista deve reduzir de duas horas para 40 minutos o tempo no percurso entre as cidades de Palhoça e Tijucas —são estimados que entre 25 mil e 30 mil veículos circulem pelo contorno viário.

Com pista dupla nos dois sentidos, a via conta com quatro túneis duplos, 14 pontes e 20 passagens em desnível.

A velocidade máxima na estrada será de 100 km/h. Ela foi construída sem aclives ou declives acentuados, e com curvas suaves para evitar a necessidade de reduções de velocidade, garantindo a característica de corredor expresso — em seus 50 km há apenas seis acessos por trevos.

Mas cuidado com a tentação de pisar no acelerador, pois 44 radares de velocidade estarão espalhados nos dois sentidos.

A nova via poderá encurtar o tempo de quem vai às praias do sul catarinense, como de Garopaba, ou para voltar de lá sem encarar o trânsito no entorno da capital catarinense.

A rodovia, planejada pelo governo federal no fim dos anos 1990, entrou no contrato de concessão do trecho da BR-101 que vai de Curitiba a Santa Catarina, assinado pela Arteris em 2007. A obra só começou em 2012, ano em que estava prevista a inauguração. Segundo a empresa, o atraso aconteceu devido à complexidade do projeto.

André Bianchi, diretor-executivo de engenharia e obras da concessionária, afirma que do escopo original, quase tudo teve de ser refeito.

Pelo projeto inicial, o contorno teria 26 km, mas dobrou de tamanho pela impossibilidade de traçar a estrada em áreas urbanas. O trecho em Palhoça, por exemplo, foi transferido para uma região montanhosa com a necessidade de abertura de três túneis —o quarto fica entre os municípios de São José e Biguaçu.

O pedido de mudança no percurso foi protocolado pela Prefeitura de Palhoça ainda no início da obra, por causa de um conjunto habitacional popular no meio do caminho do da futura rodovia.

"Foi preciso uma discussão regulatória para os três túneis. Isso gerou uma complexidade bastante grande, porque foi necessário conseguir outro tipo de licenciamento ambiental. Era outro tipo de obra", afirma o executivo da Arteris.

Mudou o projeto e também o preço da obra. De acordo com a concessionária (que não informou o valor inicial do contrato para o contorno viário ao ser questionada), dos R$ 3,9 bilhões de custo final da obra, pelo menos R$ 1 bilhão foram extras para a construção dos túneis estavam fora do planejamento.

Em 2020, o TCU (Tribunal de Contas da União) analisou possíveis irregularidades em um aditivo no contrato de concessão para investimentos no anel viário e determinou a redução R$ 136 milhões do que era pedido (R$ 166,5 milhões em valores corrigidos).

A obra também precisou de autorização da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). No seu entorno há dez comunidades guarani, sendo que uma delas, em Biguaçu, fica dentro da área entre a nova rodovia e a BR-101.

De acordo com Bianchi, houve contrapartida para essas comunidades indígenas, como investimentos estruturais e ambientais e implantação de internet. Outra dificuldade foi a substituição de solo em áreas alagadas para evitar que o asfalto afunde com o tempo.

Os túneis, afirma a concessionária, são tecnológicos. Chamados de ITS (Intelligent Transportation Systems), o sistema instalado neles alerta em tempo real a central de operação da concessionária se um veículo quebra ou se há congestionamento lá dentro.

No interior dos quatro túneis também há detectores de incêndio que acionam ventiladores para mandar a fumaça para fora. Uma cancela fecha a entrada ao local automaticamente se isso acontecer para barrar a entrada de veículos.

A obra tem números impressionantes. Neste tempo de construção, entre outros, foram mais de 1 milhão de viagens de caminhões para transporte de materiais.

A estrada é limpa, Não há postos de combustíveis nos seus 50 km e a via também não conta com posto da Polícia Rodoviária Federal. Apenas nos últimos dias começou-se a discutir a implantação de um local para os agentes.

Questionada como será o policiamento do contorno viário, a PRF de Santa Catarina não respondeu até a publicação desta reportagem.

Também não está prevista a implantação de pedágio —a cobrança é feita na BR-101 em Palhoça, próximo do contorno viário, e a tarifa para automóveis custa R$ 5,20.

Municípios que ficam no caminho da via expressa se prepararam para mudanças urbanísticas. A Prefeitura de Biguaçu, por exemplo, afirma que a estrada abrirá uma nova janela de ocupação e ordenamento territorial, tema que está em discussão com a revisão do Plano Diretor Participativo, em tramitação na Câmara Municipal.

A Prefeitura de São José diz que enviou um projeto para o Legislativo que prevê a criação de uma faixa não edificável de 300 metros de cada lado da rodovia para evitar ocupação desordenada do local até que seja aprovado um novo Plano Diretor para a região.

"O Executivo municipal aguarda que o governo federal e a concessionária atuem para ampliação da capacidade de tráfego no trecho da BR-101 que corta a cidade e atualmente se encontra estrangulado", afirma, em nota, a administração de São José.

> Foi preciso uma discussão regulatória para os três túneis. Isso gerou uma complexidade bastante grande, porque foi necessário conseguir outro tipo de licenciamento ambiental. Era outro tipo de obra
>
> **André Bianchi**
> diretor-executivo de engenharia da concessionária Arteris

Contorno viário de Florianópolis

- Rodovia plana, sem aclives ou declives acentuados, e com curvas suaves
- Característica de corredor expresso por não ter pontos de redução de velocidade

50 km
será a extensão total

4
túneis duplos

6
acessos por trevos

14
pontes

20
passagens em desnível

100 km/h
velocidade máxima

R$ 3,9 bilhões
é o custo previsto

20 km
é a distância aproximada até Florianópolis

Dados cartográficos ©2024 Google

Armas com registro vencido em banco da PF aumentam 12%

Raquel Lopes

BRASÍLIA O número de armas de fogo com registro vencido em banco de dados da Polícia Federal aumentou 12%, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública divulgado na quinta-feira (18). Em 2023, foram 1.719.064 de unidades nessa situação, comparado a 1.532.803 do ano anterior.

Os dados mostram que as unidades da federação com maior arsenal vencido são estados de São Paulo (363.015), Rio Grande do Sul (343.769) e Paraná (153.765).

O crescimento do arsenal irregular, segundo especialistas, acende um alerta sobre o controle de armas pela PF, em especial pelo fato de que, a partir de 2025, os CACs (caçadores, atiradores e colecionadores) estarão sob a responsabilidade do órgão. Existem mais de 1,3 milhão de armas nas mãos da categoria. Atualmente, a fiscalização desse arsenal compete ao Exército.

A Polícia Federal foi procurada pela reportagem, mas não respondeu.

Como mostrou a **Folha**, a PF solicitou ao Ministério da Justiça e Segurança Pública a criação de novos cargos para assumir todas as atribuições relacionadas aos CACs. A corporação sugere que, sem essa reestruturação, o serviço pode entrar em colapso.

As armas compradas por cidadãos com autorização da PF ficam listadas num banco de dados chamado Sinarm (Sistema Nacional de Armas). A grande maioria das pessoas tem apenas o registro de posse, uma vez que o porte é restrito a determinadas categorias.

Toda arma de uso pessoal do cidadão comum deve ser cadastrada na Polícia Federal, e o registro possui um prazo de validade. Após esse período, é necessário recadastrar a arma para mantê-la regular.

Desde a publicação do novo decreto de armas, o prazo de validade do registro de armas foi alterado, passando de dez anos para três anos para CACs e cinco anos para defesa pessoal. Para aqueles que já possuem registro, há uma regra de transição em vigor.

A pessoa que deixa seu registro vencer, além ter seu certificado de registro cassado e a arma apreendida, pode ser presa por posse ou porte ilegal de arma de fogo. Ela fica ainda proibida de comprar novas armas e emitir ou renovar o passaporte.

Especialistas avaliam que este é um problema grave, pois sinaliza a perda de controle da Polícia Federal sobre o paradeiro das armas. Um registro pode não ser renovado por esquecimento do proprietário, mas também pode indicar que a arma foi furtada e desviada para o crime.

Bruno Langeani, consultor sênior do Instituto Sou da Paz, afirma que o crescimento de registros vencidos é preocupante.

"A PF não está tomando medidas para melhorar a gestão de seus registros, antes mesmo de receber um desafio maior da fiscalização de CACs, que, em geral, possuem mais armas, podem comprar mais munição e circulam com suas armas, diferentemente de quem tem registro de posse para defesa pessoal [em que a arma só pode ficar em casa]."

Roberto Uchôa, especialista do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, diz que a renovação é importante para confirmar onde a arma está e se a pessoa mantém as condições para mantê-la.

"Se a PF já enfrenta dificuldades com a demanda atual, isso se tornará um desafio ainda maior", afirma.

A PF será responsável pela emissão dos certificados de registro e pelo cadastro de armas dos CACs, além da fiscalização dos caçadores, atiradores, colecionadores, clubes de tiro e lojas de armas.

O órgão solicitou ao Ministério da Justiça, comandado por Ricardo Lewandowski, a criação de 3.000 cargos para assumir todas essas funções. Membros da pasta estão em conversa com outros ministérios para viabilizar a reestruturação.

INÊS 249


Adams Carvalho

Os afetos que nos atravessam

Você 'costumava morar' em Nova Iorque, sei lá, às segundas e quartas?

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Outro dia um amigo confessou que gostava dos meus textos, mas sentia neles falta de uma pitada de rancor, de intolerância, de raiva da humanidade.

Segundo esse amigo, grande leitor do Millôr Fernandes e do Mark Twain, um pendor para a compaixão pode fazer muito bem às almas que buscam o céu, mas não aos textos que buscam o riso. Pois bem, meu caro, hoje estou num dia ruim: mãos à obra.

Gostaria de abrir os trabalhos nesta crônica intolerante com um esclarecimento: quem elogia uma obra de humor afirmando ser "bem-humorada" está fundamentalmente enganado. Bom humor não leva à comédia, leva ao abraço, ao coraçãozinho de mão ou à patinação no Ibirapuera.

O humor nasce do mau humor, da roubada, da desgraça. Como disse o supracitado Mark Twain, um dos melhores piores humores que já passou por este vale de lágrimas: "não existe riso no céu". Não estou no céu, estou na Terra, de ressaca e com conjuntivite. Bora resmungar.

Tenho ódio da onda de anglicismos irrefletidos que trazemos para o português. Já escrevi sobre o tema mais de uma vez, Sérgio Rodrigues idem, mas nos acusarem de repetição é como reclamar de alguém continuar matando moscas numa sala cheia delas. Com o agravante de que os anglicismos, ao contrário das moscas, não morrem, só se multiplicam.

"Eventualmente", em português, significa "de vez em quando". "Eventually", em inglês, significa "finalmente". Pois não me canso de ler, inclusive na imprensa, frases como "O cachorro tanto pulou sobre a cerca que eventualmente conseguiu fugir".

Na mesma seara do "eventualmente" está o "costumava". Em inglês não existe o pretérito imperfeito: "morava", "cantava", "chorava". Eles precisam de duas palavras auxiliares, I "used to" live, I "used to" sing e por aí vai.

A tradução correta de "I used to live" é simples: "Eu morava". Mas os maus tradutores —e aqueles que pagam mal os bons tradutores, obrigando-os a fazer o trabalho nas coxas— deram nisso: "I used to live" é "Eu costumava morar".

Não é raro você ler frases como "Na infância eu costumava morar em Nova Iorque". Amigo, em português, se você "costumava morar" em Nova Iorque é porque morava lá, sei lá, às segundas e quartas? Ou só nas horas ímpares, vai saber?

Não existe mais "medir", mas só "mensurar". "Precisão" morreu, dando lugar à "acurácia". "Pistas" agora são "evidências" e para rimar o "público" virou "audiência".

Odeio os anglicismos mal colocados tanto quanto o dialeto da esquerda identitária universitária.

De uma hora pra outra, tudo passou a ser "atravessado". "Eu sou atravessado pelo meu gênero, minha classe". "No atravessamento entre a antropologia e a sociologia..." (Imagino que essa São João com Ipiranga das ciências sociais fique em algum corredor da FFLCH). E os "afetos"?

Faz uns anos que qualquer emoção, humor, sentimento, é "afeto". Quando ouço alguém dizer que é "atravessado por afetos" (o que, infelizmente, não é incomum), visualizo uma espécie de São Sebastião cheio de flechas, cada uma com uma etiquetinha pendurada. "Amor". "Ódio". "Preconceito", "Vergonha alheia" e assim por diante.

Sim, estou irritado. Estou "atravessado" por este "afeto". Tentarei usá-lo, contudo, para juntar "evidências" e convencer a "audiência", com "acurácia", de que não é "sobre" mim, é "sobre" "decolonialismo".

*Quem sabe eu possa, no futuro, dizer: anos atrás, quando eu "costumava" escrever pra **Folha**, tentei pôr todos "na mesma página", até que, "no fim do dia", "eventualmente", vencemos?*

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Giovana Madalosso** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Rebelião em presídio é contida com uso de balas de borracha

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO Presos da Penitenciária 1 de Franco da Rocha, na Grande São Paulo, realizaram uma rebelião neste sábado (20) —o motim foi encerrado por volta das 14h.

Equipes do Grupo de Intervenção Rápida da Secretaria da Administração Penitenciária (SAP) usaram balas de borracha contra os detentos.

Rendidos, eles foram obrigados a tirar as roupas e se aglomerarem no pátio.

O motim foi motivado pelas condições do presídio. Presos escreveram "chega de opressão" em cartazes e em lençóis. A sigla da facção criminosa PCC também foi formada no chão.Os detentos colocaram fogo em objetos e o Corpo de Bombeiros foi acionado.

Sábado é dia de visitas. Conforme a SAP, os visitantes foram retirados com segurança, e não houve reféns. A pasta disse que que três detentos ficaram feridos e foram levados para o hospital. Outros quatro presos inalaram fumaça e receberam atendimento na enfermaria da própria unidade. De acordo com a secretaria, todos estão conscientes e fora de risco.

Em virtude da confusão, as visitas previstas para o domingo (21) foram suspensas.

"A motivação do motim será investigada pela SAP e devidamente informada. Uma apuração disciplinar foi aberta e todos os responsáveis irão responder criminalmente", disse a pasta em nota.

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

P

PCD - ÀREAS DIVERSAS
M/F DEMOP PARTICIPAÇÕES contrata pessoas com deficiências para áreas diversas. enviar currículo para recrutamento@escritoriovotuporanga.com.br

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD) E/OU MOBILIDADE REDUZIDA
Empresa Viação Campo Belo Ltda está admitindo pessoas com Deficiência e/ou Mobilidade Reduzida, com os benefícios: cesta básica, vale refeição, convênio e crachá, os interessados deverão enviar curriculum para Estrada de Itapecerica, 1290 - Vila das Belezas, São Paulo SP - cep: 05835-002

EMPREGADOS PROCURADOS

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA LIGUE AGORA 11/3224-4000

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA LIGUE AGORA 11/3224-4000

A OSS – Hospital das Clínicas Luzia de Pinho Melo, recruta currículos de médicos nas seguintes especializadas:

MÉDICO ESPECIALISTA EM NEUROLOGIA INFANTIL; MÉDICO PSIQUIATRA; MÉDICO ESPECIALISTA EM CIRURGIA VASCULAR; MÉDICO CIRURGIÃO PLÁSTICO para Atendimento Ambulatorial e Procedimentos Cirúrgicos inclusive Reconstrução Mamária; MÉDICO UROLOGISTA; Médico especialista em Medicina do Trabalho; Médico especialista em Nutrologia; Médico especialista em Reumatologia; Médico especialista em Oftalmologia; Médico especialista em Otorrinolaringologia; Médico especialista em procedimentos de USG Geral e Doppler; Médico especialista em procedimentos na área de Exames de Endoscopia, Colonoscopia e Retossigmoidoscopia; Médico especialista em Radioterapia; Médico especialista em realização de exames Broncoscopia e para atuação em ambulatório na especialidade de Cirurgia Torácica; Médico especialista em realização de exames de Angiografia Vascular Periférica com ou sem procedimento; Médico especialista em realização de exames Prova de Função Pulmonar (Espirometria); Médico especialista em Terapia Intensiva Adulto; Médico especialista em Terapia Intensiva Infantil; Médico especialista em Ultrassonografia; Médico especialista em Oncologia; Médico especialista Pneumologista; Médico Hemodinamicista – Cardiologia; Médico Nefrologista Adulto e Infantil para atendimento ambulatorial, acompanhamento de pacientes nas Unidades de Internação e em procedimentos de diálise; Médico Neurologista para execução de exames de Eletroneuromiografia. Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.

GUPY

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer os cargos de:

Agente Técnico de Saúde (Instrumentação Cirúrgica). Requisitos: Curso Técnico de Enfermagem ou Graduação em Enfermagem e curso de Instrumentação Cirúrgica completos. COREN ativo. Conhec. em instrumentação cirúrgica de grande porte, tempos cirúrgicos, cirurgia convencional, videolaparoscopia e noções de cirurgia robótica.
Analista de Desenvolvimento Organizacional Jr. Requisitos: Graduação em Psicologia e/ou Gestão de Pessoas; Curso completo de Treinamento e Desenvolvimento e/ou áreas correlatas. Conhec. em Treinamento e Desenvolvimento e Excel.
Analista de Recursos Humanos Pl. Requisitos: Graduação em Psicologia e Pós-graduação completa em Gestão de Pessoas; Curso completo em mediação de conflito ou Coaching profissional ou Desenvolvimento de grupos. Conhec. em Recursos Humanos, treinamento, condução de grupos de escuta, dinâmicas de desenvolvimento e ferramentas Office.
Assistente Técnico de Humanização I. Requisitos: Graduação em Administração e/ou Saúde Pública e/ou Enfermagem ou Medicina e/ou Fisioterapia; Especialização em Gestão de Projetos ou Pós-graduação strictu sensu (área da saúde). Conhec. em gestão de projetos e de pesquisa científica, office completo, softwares de gestão de projetos e de gestão de pesquisa acadêmica.
Coordenador Médico TI. Requisitos: Graduação em Medicina, Residência Médica completa e curso na área de saúde digital, informática assistencial, ou equivalente. CRM ativa. Conhec. em Gestão de projetos, Lei Geral de Proteção de Dados, Código de Ética Médica. Atuar nos sistemas de informática, realizando a interface entre áreas da administração e da assistência.
Técnico de Eletroencefalograma (EEG). Requisitos: Curso técnico em Eletroencefalograma. Conhec. em assistência a exames de eletroencefalograma.
Médico (Neurocirurgião). Requisitos: Graduação em Medicina com Título de Especialista em Neurocirurgia. Conhec. em cirurgias complexas na área de coluna, incluindo tumores intramedulares, deformidades , traumatismo raquimedular, doença degenerativa da coluna.

Os candidatos interessados deverão inscrever-se de 21/07/2024 a 27/07/2024 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.

Enfermeiro (Captação de Órgãos). Requisitos: Graduação Completa em Enfermagem com Especialização em Urgência/ Emergência, Terapia Intensiva ou Aprimoramento em Enfermagem (completos). Conhec. técnico/ científico na ciência da Enfermagem.

Os candidatos interessados deverão inscrever-se de 22/07/2024 a 28/07/2024 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para:
Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail: treinamento2@wolffsp.com

A OSS/SPDM - HOSPITAL DAS CLÍNICAS LUZIA DE PINHO MELO
Seleciona:
Pessoas com Deficiência para vagas de:
- ✓ Auxiliar Administrativo,
- ✓ Fonoaudiólogo,
- ✓ Aprendiz,
- ✓ Telefonista,
- ✓ Recepcionista,
- ✓ Copeira,
- ✓ Auxiliar de Cozinha,
- ✓ Enfermagem,
- ✓ Terapeuta Ocupacional,
- ✓ Escriturário

entre outras.

Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.

GUPY

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer os cargos de:

Nutricionista – ICESP: Graduação em Nutrição concluída. Pós Graduação concluída ou cursando com prazo de conclusão até março de 2025 em: Nutrição Clínica; Terapia Nutricional; Terapia Nutricional Enteral ou Parenteral; Unidade de Alimentação; Alimentação Coletiva; Nutrição; Saúde Pública ou Qualidade em Serviços de Nutrição ou: Residência Multiprofissional ou em Programas de Nutrição concluída ou cursando com prazo de conclusão até março de 2025 ou: Aprimoramento Multiprofissional ou em Programas de Nutrição concluídos ou: Mestrado, Doutorado, Pós Doutorado nas áreas da Saúde ou: Título de Especialista pela Associação Brasileira de Nutrição ou pela Sociedade Brasileira de Nutrição Parenteral Enteral. CRN ativo. Conhecimentos na área de nutrição clínica, ambulatorial ou produção em instituição hospitalar.
Médico Nefrologista Pediátrico – ITACI: Graduação em Medicina, com Residência Médica em Pediatria e Residência Médica ou Especialização em Nefrologia Pediátrica. CRM ativo.

Os candidatos interessados deverão inscrever-se no período de 21/07/2024 a 26/07/2024 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

A **Folha**, empresa líder de mercado, oferece vagas para

PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS
em diversas áreas.

Os interessados deverão enviar currículo para o e-mail rhvagas@grupofolha.com.br, sob a sigla "vagas"

NEGÓCIOS

EMPRESAS COMPRA/VENDA

LOTÉRICAS Á VENDAS
Com Lucros Mensais de: 2 a 2,50% Americana, Atibaia, Bauru, Cajamar, Campinas, Embu das Artes, Indaiatuba, Itupeva, Jardinópolis, Jundiaí, Leme, Mogi Mirim, Piracicaba, R. Claro, Rib. Preto, S. J. Campos, S.J. Rio Preto, Sorocaba e T. Serra, Vinhedo, MPUGA Negócios - A Maior Consultoria de Negócios do Interior SP!!! Ligue que dá Negócio!!! WhatsApp: (19) 9 9653-2020

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA LIGUE AGORA 11/3224-4000

LEILÕES

LEILÃO DE ARTE ANTIGUIDADES
Dias 24 e 25 de julho às 20h.. R. Uberlândia, 115. -somente on line. Leiloeiro José Roberto Bortoletto Junior. Tels: (11) 3731-5012/3731-2536

MENSAGENS RELIGIOSAS

AGRADECIMENTO
Agradeço a Santo Expedito, a São Francisco de Assis e ao Dr. Bezerra de Menezes as graças alcançadas.

ACOMPANHANTES

AMANDA
Equipe nova tx 40 Av Jabaquara 2604 MT.S.Judas ac cartões seg/sab. F:(11)2362-8122

IMÓVEIS

SÃO PAULO

APARTAMENTO ALUGUEL

ZONA SUL

3 DORMITÓRIOS

JARDIM PRUDÊNCIA
AV. CUPECÊ c/74m², 3 dorms px ao metrô Brooklin, condomínio completo. R$ 3.300,00 com condomínio incluso. Com Maria José , 11-94562-1000.
cód. 92487556

INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS

IMÓVEIS PARA TEMPORADA

SÃO SEBASTIÃO - LIT. SP.
Alugo casa próx. à Maresias, 2 wc, 3 dorms, 2 vgs, pisc. churrasq. R$ 500,00/Dia. (11)98490-7203.
cód. 92487513

RESIDENCIAL Santa Maria
Lote 250,00 m²/ Pedra Bela, SP – 2hs de SP.
Portaria 24hs / lazer diferenciado.
FINANCIAMENTO PRÓPRIO EM ATÉ 144X
Residencial Santa Maria Tel. (11) 91012-4591
www.geovilleurbanismo.com.br/santamaria

BAURU - SP
CENTRO DO ESTADO
EXCELENTE CD PARA LOCAÇÃO COM TERRENO DE 30.000M2. BARRACÃO DE 7.000M2. CAMARAS FRIAS, PORTA PALETS, DOCAS, 190 VAGAS CARROS. RESTAURANTE, FÁCIL ACESSO, DOCAS.
TR.:(14) 99139-6355 OU (14) 99745-3461

INÊS 249

Mapa mostra onde vivem 1,73 bilhão sob ameaça de terremoto

Número foi obtido a partir do cruzamento de pontos em que há probabilidade de sismos com dados populacionais

Diana Yukari e Gustavo Queirolo

SÃO PAULO Aproximadamente 1,73 bilhão de pessoas vivem em áreas que podem ser consideradas sob ameaça de terremoto no planeta. É o que mostra um mapa (1) elaborado pela **Folha** a partir de dados de probabilidade de eventos sísmicos em todo o mundo. Essa primeira camada de dados foi sobreposta a registros demográficos globais, permitindo estimar o número de habitantes vivendo em áreas sob ameaça.

O cruzamento considerou apenas as regiões do mundo que possuem uma probabilidade considerável de danos a grandes edificações. O número de 1,73 bilhão de habitantes foi estimado considerando-se esse critério.

A distribuição geográfica das áreas de maior risco coincide com as falhas entre as placas tectônicas. O fenômeno natural da movimentação dessas placas é a causa dos terremotos e tsunamis.

No mapa (2) é possível observar áreas densamente povoadas que se encontram na faixa de maior ameaça sísmica. Caso do Haiti (3), que em 2010 registrou o terremoto mais letal dos últimos 100 anos, matando 316 mil pessoas.

Os dados georreferenciados usados no cruzamento foram extraídos do Mapa Global de Risco Sísmico, disponibilizado pela organização não governamental GEM (sigla em inglês para modelo global de terremotos), que reúne cientistas de diversos países e é custeada por fundos públicos e privados.

Os pesquisadores compilaram diversos modelos de ameaça sísmica regionais e nacionais. Essas análises estimam o perigo com base em registros anteriores de tremores de terra, onde ocorreram e com qual intensidade. O resultado é uma análise probabilística de ameaça de terremoto em todo o mundo.

Já a segunda camada de dados georreferenciados consiste em uma estimativa de densidade populacional baseada nos censos de cada país. O valor de cada pixel no mapa representa a população por km² nas localidades correspondentes. Essas informações são disponibilizadas pelo Center for International Earth Science Information Network, da Universidade Columbia, nos Estados Unidos.

Para realizar esse cruzamento e estimar o número de habitantes sob ameaça, foi necessário estabelecer, com a ajuda de especialistas em sismologia, um nível de ameaça sísmica que pode ser considerado significativo.

A PGA (sigla em inglês para aceleração de pico de solo) é estimada em comparação à força gravitacional que a Terra exerce, representada pela letra "g". Por exemplo, um abalo que registre um PGA de 0,5 g indica que naquele local a vibração do solo foi correspondente à metade da força exercida pela gravidade da Terra.

Com base nessa unidade de medida, o Mapa Global de Risco Sísmico elaborado pelo GEM atribui uma escala de valores de PGA para cada região.

Por exemplo, o mapa GEM indica que a região administrativa de Teerã (4), no Irã, se encontra na faixa entre 0,19 e 0,55 g. Isso significa que há 10% de chances de que nos próximos 50 anos a capital iraniana seja atingida por um sismo com PGA entre 0,19 e 0,55 vezes a gravidade da Terra.

Para chegar ao número de 1,73 bilhão de pessoas sob ameaça significativa de terremotos foram consideradas as áreas em que as grandes estruturas de construção civil podem ser mais vulneráveis, ou seja, aquelas com PGA acima de 0,25 g (25% da força de gravidade da Terra).

PGAs abaixo de 0,25 g, entretanto, já podem causar danos a edificações. Mas isso vai depender do tipo de construção e da maleabilidade do material usado nas estruturas: concreto, metal ou mesmo madeira, explica Diogo Coelho, sismólogo do Observatório Nacional. Segundo ele, um terremoto é perigoso apenas para estruturas rígidas que não conseguem dissipar a energia transmitida durante a passagem de uma onda sísmica gerada pelo tremor.

O mapa de modelo global de terremotos praticamente exclui as áreas habitadas do Brasil de um PGA igual ou superior a 0,25 g — o que, a princípio, tiraria o país do mapa das áreas de ameaça significativa.

Além disso, o país fica na porção central da placa Sul-Americana. Logo, está menos suscetível às agitações entre as placas do que países como o Chile. Na costa do oceano Pacífico, os terremotos são causados pelo movimento de subducção da placa de Nazca, que se move para baixo da placa Sul-Americana.

Isso, contudo, não elimina possíveis consequências de um movimento de solo, já que esse risco tem relação com outros fatores, como tipo de solo ou preparo das construções.

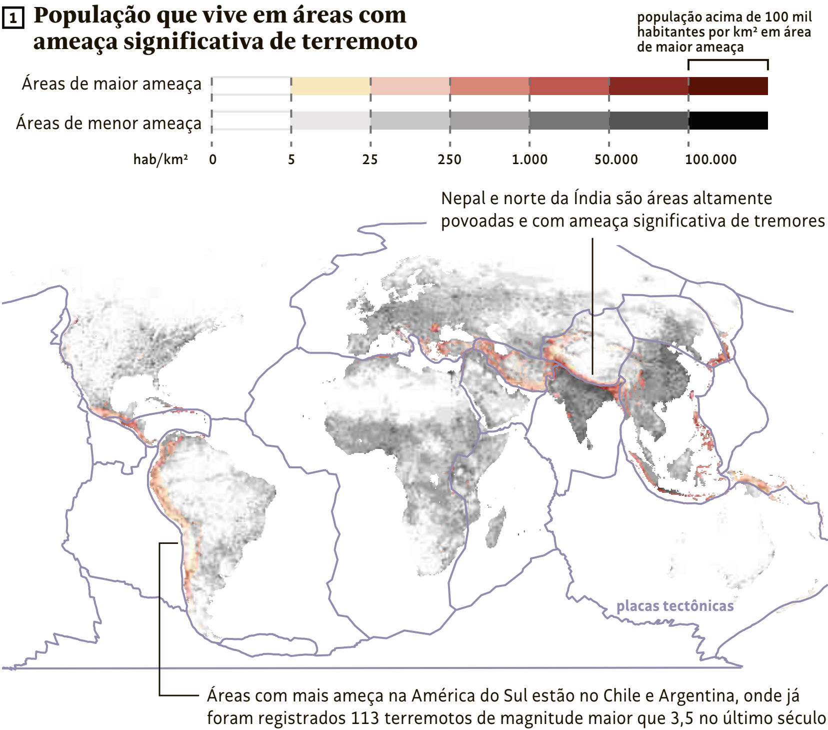
Os sismólogos consultados são unânimes em alertar que o risco sísmico envolve uma análise complexa de fatores, que vai além da probabilidade de um tremor de terra em determinada região. Diferentes locais podem ter o mesmo nível de ameaça, mas com consequências diferentes, afirma o sismólogo Aderson Farias do Nascimento, coordenador do Laboratório Sismológico da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

O sismólogo Bruno Collaço, do Centro de Sismologia da USP, adverte sobre a necessidade da diferenciação entre ameaça sísmica e risco sísmico. A ameaça está relacionada com a probabilidade de tremor de terra, que pode ser visualizada na escala PGA.

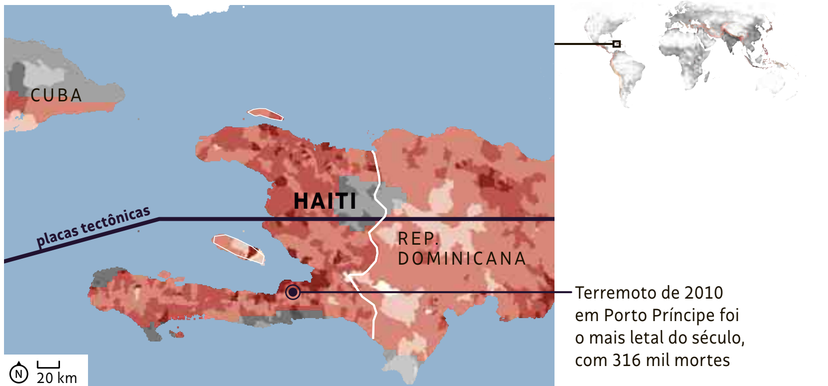
Já na avaliação de risco outros fatores de vulnerabilidade devem ser levados em consideração. Por exemplo, as diferentes formações geológicas de cada localidade influenciam no modo como o tremor vai se dissipar. A qualidade das construções e o nível de preparo e treinamento das populações para reagir a um terremoto são outros fatores que podem aumentar ou reduzir o risco daquela população, afirma Collaço.

Taiwan (5) pode ser um exemplo dessa mitigação de risco. Em 1999, um abalo de magnitude 7,6 matou quase 2.400 pessoas e fez o país rever suas regras de segurança de construções. Recentemente, o terremoto de 2 de abril deste ano, que atingiu a costa leste do país, deixou 18 mortos. Para especialistas, esse preparo contribuiu para reduzir o número de mortes no sismo mais recente.

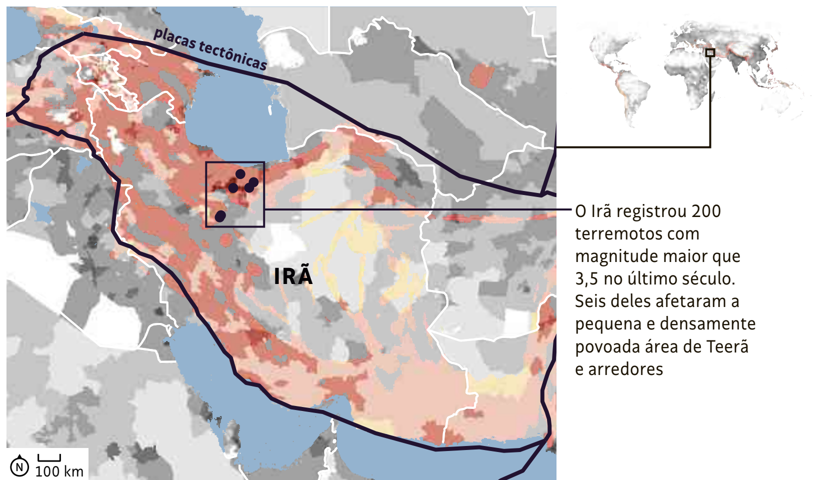
1 População que vive em áreas com ameaça significativa de terremoto



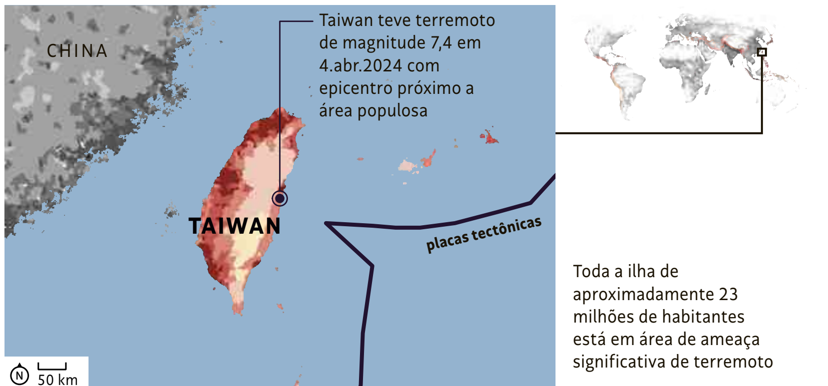
2 População sob ameaça de terremoto no Haiti



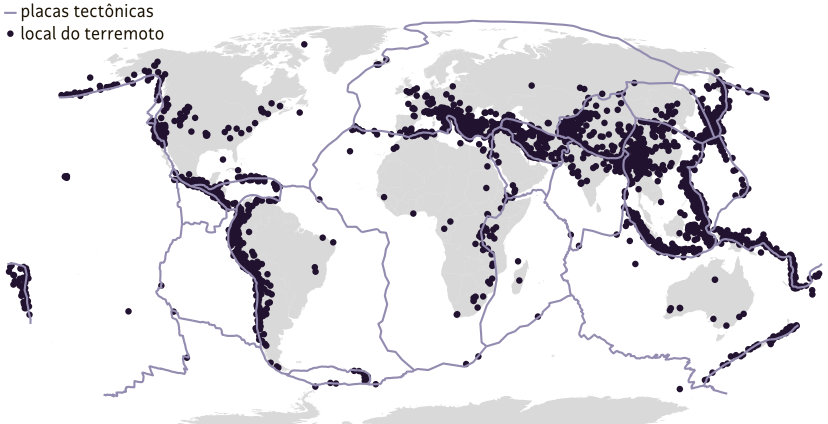
3 População sob ameaça de terremoto no Irã



4 População sob ameaça de terremoto em Taiwan



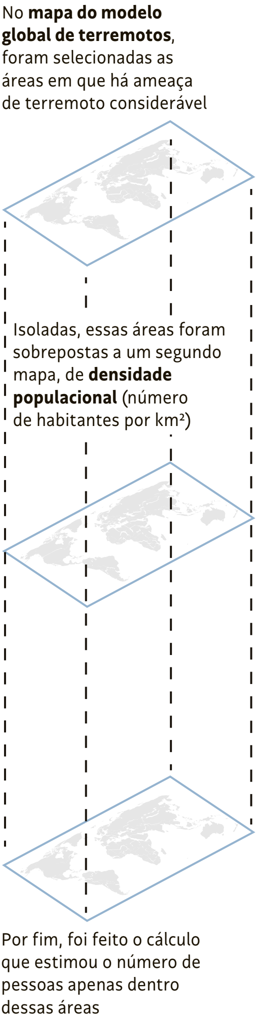
5 Terremotos significativos acima de 3,5 de magnitude dos últimos 100 anos*



* Terremotos significativos são aqueles que geraram US$ 1 milhão em prejuízos, causaram 10 ou mais mortes, têm Intensidade Modificada de Mercalli X ou superior, magnitude acima de 7,5 ou tenha gerado tsunamis

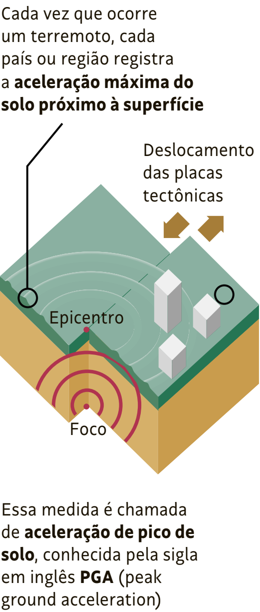
Fonte: Center for International Earth Science Information Network - CIESIN - Columbia University/NASA, Global Earthquake Model (GEM) Seismic Hazard Map; National Geophysical Data Center/World Data Service (NGDC/WDS): NCEI/WDS Global Significant Earthquake Database. NOAA National Centers for Environmental Information

Como o mapa foi elaborado



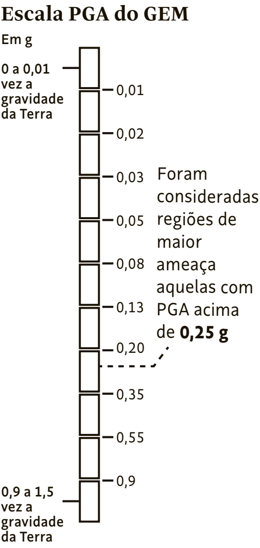
Como a probabilidade de terremotos é estimada

Cada vez que ocorre um terremoto, cada país ou região registra a **aceleração máxima do solo próximo à superfície**



Essa medida é chamada de **aceleração de pico de solo**, conhecida pela sigla em inglês **PGA** (peak ground acceleration)

Escala PGA do GEM



INÊS 249

Os invertebrados que estão sem sexo há milhões de anos

Bdeloides são recicladores contumazes de material genético alheio que contém receita para antibióticos incomuns

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Lidar com abstinência sexual involuntária não é nada fácil. Quanto mais o tempo passa, mais o sujeito se sente tentado a práticas nada ortodoxas para dar um jeito no problema. Por exemplo, emprestar DNA de bactérias e inseri-lo no próprio genoma —nitidamente coisa de quem já ultrapassou todos os limites do desespero.

Pudera: pelo que sabemos, os pobres celibatários de que estamos falando não sabem o que é sexo há 25 milhões de anos. Refiro-me aos rotíferos bdeloides, invertebrados menores que a espessura de um fio de cabelo —uma das esquisitices mais interessantes já produzidas pela evolução. O nome complicado pode ser traduzido como "animais-roda rastejantes". Já se sabia que os bdeloides são recicladores contumazes do material genético alheio, incorporando DNA de espécies de fora do reino animal em seu genoma com alguma frequência. Um novo estudo indica que essa prática aparentemente disparatada faz, na verdade, todo o sentido do mundo.

Ocorre que parte desse DNA surrupiado contém a receita para a produção de antibióticos bastante incomuns, que ajudam os bichinhos a enfrentar infecções, exatamente como o antibiótico que você compra na farmácia quando está com dor de ouvido.

Os detalhes da descoberta estão descritos na revista especializada Nature Communications. A equipe coordenada por Christopher Wilson, da Universidade de Oxford (Reino Unido), submeteu os bdeloides pertencentes a duas espécies do mesmo gênero, com o nome científico Adineta, ao ataque de um fungo capaz de causar doenças neles.

No entanto, eles tomaram o cuidado de escolher espécies que diferem no grau de resistência ao fungo —um dos Adineta é naturalmente mais resiliente diante do micróbio do que o outro. Próximo passo: monitorar o padrão de ativação dos genes de ambos os bdeloides quando expostos ao patógeno (causador de doenças).

O resultado é que a espécie resistente ao fungo apresentou uma intensa ativação em certas áreas de seu DNA que tinham sido originalmente emprestadas de bactérias. Isso significa que as células do bdeloide estavam "lendo" esses trechos de material genético para produzir moléculas com base nele —moléculas que correspondem a antibióticos com potente ação contra o micróbio invasor. Por que justamente essas áreas emprestadas são tão importantes? Isso nos leva de volta à abstinência sexual evolutiva. Como os bdeloides se reproduzem de forma assexuada, o processo de mistura do DNA do pai e da mãe que é tão importante para a manutenção da diversidade genética na maioria dos animais não está acontecendo no caso deles.

Ora, é justamente essa variabilidade genética que é uma das chaves para a resistência a micro-organismos causadores de doenças. Espécies muito homogêneas geneticamente —o que deveria ser o caso dos bdeloides— ficam vulneráveis a epidemias. Segundo Wilson e seus colegas, é possível que a capacidade de incorporar DNA de outrem com tanta facilidade seja um jeito de enfrentar as desvantagens do perpétuo celibato.

É claro que mais estudos serão necessários para comprovar a ideia. Mesmo que isso não ocorra, porém, há outro elemento um bocado interessante nessa história. Os bdeloides, com o passar do tempo, adaptaram o DNA originalmente bacteriano que contém a receita para a produção dos antibióticos. É algo que, com sorte, pode inspirar a produção de antibióticos mais eficazes e menos tóxicos para seres humanos no futuro. Eis um tipo produtivo de celibato.

| **DOM.** Reinaldo José Lopes, **Marcelo Leite**

Fenômeno que causa auroras pode levar à corrosão de dutos

SÃO PAULO A Finlândia é um destino desejado por aqueles que têm o sonho de ver uma aurora boreal. As tempestades solares responsáveis por estes fenômenos, porém, podem estar causando corrosão de canos metálicos de gás e óleo, segundo pesquisas recentes.

Um estudo conduzido por Denny Oliveira, físico brasileiro que atua na Nasa, sobre os efeitos das auroras em Mäntsälä, na Finlândia, avaliou o impacto do fenômeno sobre a infraestrutura da gasoduto de gás natural da região. O artigo foi publicado na revista científica "Frontiers in Astronomy and Space Sciences". O grupo avaliou mais de 300 eventos no local.

Oliveira e sua equipe perceberam que, quanto maior a frequência das auroras e quanto maior sua intensidade, maiores os danos sobre o solo —e consequentemente, sobre os cabos e canos. Mas, mesmo quando acontece em menor intensidade, mas em alta frequência, o choque de partículas pode causar os mesmos danos, só que mais lentamente.

"Não é um apocalipse, há maneiras de prevenir danos mais severos", afirma. Com a possibilidade de previsão das tempestades solares e dos choques geomagnéticos, é possível programar o desligamento momentâneo de sistemas mais sensíveis e manejar sistemas para mitigar o desgaste precoce de dutos, diz.

Outro efeito do choque de partículas do Sol, que carregam correntes elétricas, é sobre os cabos submarinos de internet e os sinais de telecomunicações, levando a possíveis apagões.



Área de garimpo próximo à cidade de Jacareacanga, na região do Tapajós, no Pará Lalo de Almeida - 22.set.2023

Agência autoriza 870 garimpos em áreas de conservação ambiental

Principais donos das lavras já foram alvo de operação da PF; ICMBio afirma que denuncia os casos aos órgãos federais de investigação

Lucas Marchesini e João Gabriel

BRASÍLIA A ANM (Agência Nacional de Mineração) autorizou 870 garimpos em 18 unidades de conservação, mesmo com a mineração proibida em áreas de preservação.

A **Folha** encontrou as sobreposições entre a atividade econômica e as áreas protegidas ao cruzar informações de autorizações concedidas pela ANM com o banco de dados do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), responsável por cuidar das unidades.

A maioria das lavras está no Pará. São 846, o que representa 97% do total. As outras estão em Rondônia (11), Piauí (7), Bahia (3), Amazonas (2) e Rio Grande do Sul (1).

Entre todas as autorizações, 14 foram concedidas no atual governo Lula (PT). O ano com mais concessões foi 1995, gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), com 272.

A ANM disse que a legislação "não impede a outorga de Permissão de Lavra Garimpeira em unidades de conservação, somente condiciona o início dos trabalhos a uma prévia autorização do órgão administrador da UC [unidade de conservação]".

O ICMBio disse estar ciente da situação e acompanhar o problema de perto. "[O órgão está] atuando na elaboração de diversos documentos técnicos para embasar tais irregularidades junto à Procuradoria Federal Especializada e ao Ministério Público Federal", afirmou, em nota.

"O ICMBio e Ibama [Instituto Brasileiro dos Recursos Naturais e Renováveis] realizam ações fiscalizatórias na área em virtude da emissão de alertas de desmatamento", disse também órgão.

O instituto respondeu ainda que está elaborando, em conjunto com a ANM, um termo de cooperação para o compartilhamento de dados e acesso aos sistemas.

No Pará, a maioria das lavras está na APA (área de proteção ambiental) do Tapajós, que possui extensão de 2 milhões de hectares, dos quais 86% ficam no município de Itaituba, capital nacional do garimpo.

As autorizações da ANM na região somam 112,5 mil hectares, o que equivale a 5,5% da unidade de conservação.

O ICMBio apontou que a área é, desde 2022, a unidade de conservação federal mais desmatada do Brasil. "Vale ressaltar que cerca de 50% de todo o desmatamento no interior desta unidade tem como origem o desmatamento para a atividade de mineração", apontou o órgão.

> **Vale ressaltar que cerca de 50% de todo o desmatamento no interior desta unidade [APA do Tapajós] tem como origem o desmatamento para a atividade de mineração**
>
> **ICMBio** em nota

Os garimpeiros tentam driblar a legislação ambiental obtendo licenças municipais. De acordo com o ICMBio, o MPF "já recomendou o não reconhecimento das licenças ambientais municipais tanto à ANM quanto ao ICMBio e Ibama".

A ANM disse, por sua vez, que "não é responsável por fiscalizar a emissão de licenças ambientais emitidas por órgãos incompetentes".

Apesar disso, prosseguiu a agência, "está sendo revisto, em caráter de urgência, os normativos internos da ANM para condicionar a liberação de lavras garimpeiras em unidades de conservação somente após o encaminhamento à ANM de anuência do órgão gestor da unidade".

Uma pessoa sozinha tem 161 autorizações para garimpar na unidade de conservação. É José Antunes, conhecido como dr. José, ligado à Amot (Associação dos Mineradores de Ouro do Tapajós), grupo que atua justamente na região recordista de sobreposições.

Ele também aparece em outro levantamento feito pela **Folha**, que identificou pessoas e cooperativas que criaram megagarimpos na Amazônia.

Neste levantamento, Antunes é a pessoa física com mais lavras de garimpo na ANM, acumulando 8.048 hectares para exploração, uma área maior que a de Serra Pelada, que foi o maior garimpo a céu aberto do mundo, onde atuaram cerca de 100 mil trabalhadores no seu auge.

Antunes é citado em investigação da PF (Polícia Federal) sobre esquema para "esquentar" ouro ilegal, de acordo com reportagem do site The Intercept. Ele foi procurado para comentar os casos, mas não respondeu.

Atualmente, as regras sobre mineração determinam que um só CPF pode ter até cinco garimpos, e que cada um desses deve ter apenas 50 hectares —limite que sobe para 10 mil no caso de pessoas jurídicas, as cooperativas.

Em termos percentuais, a unidade de conservação com a maior área autorizada pela ANM é a Resex (reserva extrativista) Lago do Cuniã, em Rondônia. A área tem 76,4 mil hectares, dos quais 9.400 são de garimpo autorizado. Isso representa 12,3% do local.

Reservas desse tipo são utilizadas por populações tradicionais cuja subsistência baseia-se no extrativismo, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte.

Em segundo lugar no levantamento aparece Francisco do Nascimento Moura, com 52 autorizações.

Ele é citado em uma investigação da PF e na denúncia do MPF como fornecedor de ouro ilegal, extraído da região de Itaituba, para a DTVM Ourominas, que foi alvo da operação de fiscalização.

A investigação identificou ao menos 4.652 aquisições de ouro clandestinas de 2015 a 2018, somando R$ 70,3 milhões e 610,8 quilos do metal.

Nos registros, as lavras de Moura aparecem como uma das principais fornecedoras.

Ouvido pela PF, ele deu depoimentos contraditórios. Primeiro afirmou que a venda não tinha sido autorizada por ele. Depois, que tinha feito um acordo para que o seu garimpo fosse utilizado.

A **Folha** não conseguiu contato com Moura. Sobre a ação policial à época, a Ourominas negou irregularidades e disse colaborar com a Justiça.

INÊS 249

Acordos ajudam a driblar ciúmes em relações abertas

Casais de diferentes gerações estabelecem limites para o convívio com outros

SÉRIES FOLHA
É TUDO AMOR

Andreza de Oliveira

SÃO PAULO Quando João Victor Petrocelli, 23, conhecido como Johnny, pediu Lucas Pereira Bezerra, 29, em namoro, sabia que em algum momento a relação seria aberta para que ambos pudessem conhecer outras pessoas. Juntos há cinco anos, os dois estabelecem regras, que mudam com frequência, a depender de como flui o relacionamento —e nada é segredo.

O processo relatado pelo casal é comum em relacionamentos abertos de diferentes gerações. Acordos, limites e regras se tornaram parte essencial para os envolvidos, que veem os combinados como uma forma de alinhar expectativas e promover responsabilidade.

A ideia de um namoro aberto partiu de Lucas. Ele já havia vivenciado uma relação do tipo, e, desde então, se coloca como não monogâmico.

No começo, o relacionamento era fechado. "Achamos que seria melhor para entender o que cada um gosta, e depois abrimos aos poucos", diz Lucas. Depois, beijos em terceiros foram permitidos. No passo seguinte, o casal passou a ter experiências com pessoas de fora do relacionamento. E, hoje, os encontros sexuais individuais já são parte do combinado. "Com o tempo, a gente foi começando a se interessar por pessoas diferentes", afirma Johnny.

> As pessoas entendem que o buraco é mais embaixo e precisam lidar com o ciúme, com a hierarquização das relações
>
> **Antonio Pilão**
> pesquisador e antropólogo

Mas nem sempre os dois encararam numa boa o envolvimento do parceiro com outros. O ciúme às vezes dá as caras. Enquanto Johnny tenta entender as raízes das próprias inseguranças, Lucas encara o sentimento como um reflexo da sociedade. "É algo que a gente sempre vai sentir, então não nos condenamos por sentir ciúmes", diz ele.

Para Antonio Pilão, pesquisador da não monogamia há mais de dez anos e antropólogo pela FFLCH/USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo), existe um universo de possibilidades para este modelo de relacionamento, o que não indica que o acordo será sempre um "pote de ouro". "O que mais acontece é a frustração", diz.

E, nesse processo, muita gente desiste. "As pessoas entendem que o buraco é mais embaixo e precisam lidar com o ciúme, com a hierarquização das relações", afirma.

Alex (nome fictício), 56, e Márcia (nome fictício), 50, são um desses casais que decidiram que é assim que gostam de viver, e há 12 anos mantêm um casamento aberto.

Esse é o segundo matrimônio dele e o terceiro, e mais longo, dela. Todos os foram monogâmicos. "Este é o primeiro honestamente aberto, em todos os outros houve traição", diz ela. Alex, em seu casamento anterior, chegou a ter uma amante. "Hoje entendi em mim essa capacidade de estar em duas relações sem desprezar uma em razão da outra", explica ele.

Quando oficializaram o namoro, tinham certeza de que não queriam deixar de ver outras pessoas. Esse acordo foi firmado e, com o tempo, outros surgiram.

O principal combinado atualmente é não levar ninguém para a casa da família, onde um dos filhos de Márcia vive. "Essa a gente não abre mão, até porque a casa tem a sua rotina", diz Alex.

A comunicação é fluida e, segundo eles, a maturidade ajuda. Mas isso não impede que surjam pequenos atritos, como crises de ciúmes. A solução é a mesma adotada pelo casal mais novo: sentar e conversar. "A gente tinha muito o hábito de mentirinhas, então tivemos crises por conta disso. Apesar de estarmos em uma relação aberta, tinha coisa que mentíamos", relata Márcia.

Um relacionamento discreto é fundamental para eles. Alex trabalha em um ambiente que considera conservador, o que afirma ser um empecilho para que ele fale abertamente do tipo de relação que cultivam.

A discussão sobre relacionamentos não exclusivos é relativamente nova, segundo Pilão. "A não monogamia é um fenômeno recente, porque há algumas décadas as pessoas eram socializadas num período em que a reflexão sobre o assunto era vista como algo marginal", diz.

Para o pesquisador, o questionamento do modelo monogâmico ocorre quando há frustração, pela ação de terceiros, por exemplo, ou pela vontade de aprofundar elos amorosos. Então, para ele, um adolescente que mal iniciou a vida amorosa não vai pensar na pós-monogamia.

Márcia demorou para contar detalhes do tipo de relação que vive com o marido para o filho mais novo. "A minha filha sabe desde a época em que eu trabalhava com produtos eróticos", relata.

Os filhos de Alex sabem que o pai vive um casamento aberto, e a mais velha até se identifica como não monogâmica.

Apesar de o casal deixar claro para os afetos (como chamam aqueles com que se relacionam) que vivem uma relação que não é exclusiva e que nem sempre terão disponibilidade, sentem julgamentos, principalmente em redes sociais e aplicativos de namoro.

"Algumas mulheres me chamavam de sem-vergonha, diziam que era uma falta de respeito o que eu fazia com a minha esposa", diz ele.

João Victor Petrocelli e Lucas Pereira Bezerra com os três gatos do casal Allison Sales/Folhapress

Noites de sono irregular podem estar associadas ao Alzheimer

Dana G. Smith

THE NEW YORK TIMES Dormir muito tarde ou um sono com menos horas do que necessário podem estar associados ao maior risco de desenvolver doenças como Alzheimer. Mas, paradoxalmente, dormir muito também.

Embora os cientistas acreditem que há uma relação entre sono e demência, a natureza dessa relação é complexa. Pode ser que o sono ruim desencadeie mudanças no cérebro que causem o problema. E mudanças nos padrões de sono também podem ser sinal precoce da própria demência.

O sono age como um banho noturno para o cérebro, lavando os resíduos celulares que se acumulam durante o dia. Nesse processo, o fluido que envolve as células cerebrais libera o lixo molecular e o transfere para a corrente sanguínea, onde é filtrado pelo fígado e pelos rins.

Esse lixo inclui a proteína amiloide, que acredita-se ter um papel fundamental na doença de Alzheimer. O cérebro de todos produz amiloide durante o dia, mas podem surgir problemas quando a proteína se acumula em aglomerados, chamados de placas. Quanto mais tempo alguém fica acordado, mais amiloide se acumula e menos tempo o cérebro tem para removê-la.

Os médicos não sabem se dormir pouco com frequência —normalmente menos de seis horas por noite— é o suficiente para desencadear o acúmulo de amiloide por si só. Estudos apontam que nos adultos de 65 a 85 anos que já têm placas no cérebro, quanto menos dormiam, mais amiloide se acumulava e pior era sua cognição.

"A falta de sono é suficiente para causar demência? Provavelmente não por si só", afirma Sudha Seshadri, diretora fundadora do Instituto Glenn Biggs de Alzheimer e Neurodivergências do centro de Saúde e Ciência da Universidade do Texas em San Antonio, no Texas (EUA). "Mas parece ser um fator de risco para demência, e talvez também para a progressão do declínio."

Pessoas com Alzheimer podem começar a desenvolver sintomas na faixa dos 60 ou 70 anos, mas o amiloide pode começar a se acumular até duas décadas antes. É por isso que é importante priorizar o sono, visando sete a nove horas por noite, começando na faixa dos 40 ou 50 anos, se não antes, diz Joe Winer, bolsista de pós-doutorado em neurologia e ciências neurológicas no Centro de Ciências do Sono e Circadianas da Universidade de Stanford.

"Não temos uma ótima resposta para, tipo, seu sono na casa dos 20 impacta seu risco na terceira idade?", diz Winer. "Mas acho que os sinais apontam para provavelmente na meia-idade, conforme você se aproxima dos 60 e 70 anos, seu sono será importante."

Alguns distúrbios do sono, como a apneia, também estão associados a um risco aumentado de demência. Isso pode ser porque a apneia do sono interrompe o sono das pessoas, ou porque tende a ocorrer em pessoas com sobrepeso ou diabetes, que também estão ligadas à demência.

> Patifeciem in se comnius, menam hi, concler unumurem locrips endio, contrae deo mores Mulis vasdacta verfeco nsussupio, notis hore, caessimpon intiquam non hos, Catui sit; nostus
>
> **iam enium inguloc uloctusa**
> ihilic ta none volupta temperia

Mas mesmo quando você remove o efeito desses outros problemas, a apneia do sono parece conferir seu próprio risco independente de demência, afirma Diego Carvalho, professor assistente de neurologia no Centro de Medicina do Sono da Clínica Mayo. Isso pode ser porque a apneia do sono limita a quantidade de oxigênio que chega ao cérebro, o que pode aumentar a inflamação cerebral.

No outro extremo do espectro, dormir demais também parece estar ligado a um risco maior de demência, embora talvez de forma mais indireta.

Se uma pessoa fica regularmente na cama por mais de nove horas por noite ou tira vários cochilos durante o dia, pode ser um sinal de que ela está dormindo muito mal, o que pode aumentar o risco de doença de Alzheimer devido aos motivos já citados.

Alternativamente, a necessidade de sono excessivo pode estar relacionada a uma deficiência mental ou física. Condições de saúde mental, como depressão, e condições de saúde física, como diabetes ou problemas cardiovasculares, estão associadas a um risco maior de demência.

"Neste ponto, não há um papel causal claro do sono longo em relação à demência", diz Carvalho. "Pode ser mais um sintoma de um problema subjacente do que a causa."

Algumas das primeiras áreas do cérebro afetadas pelo Alzheimer são aquelas que ajudam a regular o sono e os ritmos circadianos. Como resultado, pessoas que desenvolvem a condição podem ter problemas de sono antes mesmo de mostrarem sinais de perda de memória.

Junto com a amiloide, a outra proteína principal que se acredita causar Alzheimer é a chamada tau, que também se acumula no cérebro, danificando células cerebrais. Um dos primeiros lugares em que o acúmulo de tau aparece "são essas áreas do tronco cerebral importantes para regular o sono e a vigília", diz Winer. "Então achamos que a tau presente nessas áreas muito cedo vai atrapalhar os ciclos de sono-vigília das pessoas."

Problemas de sono também podem ser um sinal precoce de outros tipos de demência, como a da doença por corpos de Lewy ou a que aparece com o Parkinson.

ESPORTE AO VIVO — **10h** GP da Hungria F1, BAND | **16h** Bahia x Corinthians Brasileiro, GLOBO E PREMIERE | **18h30** Juventude x São Paulo Brasileiro, PREMIERE

Mulheres superam homens no histórico do tiro olímpico

Dados indicam que elas se sobressaem em esporte do qual foram excluídas

DELTAFOLHA

Daniel Mariani, Paula Soprana e Nicholas Pretto

SÃO PAULO A atleta de tiro esportivo Georgia Furquim não teve muitas referências femininas para se espelhar na carreira. Resgata da memória o nome de Andrea Bonato, que competia nas modalidades compak (uma das variações de tiro ao prato) e percurso de caça, mas nunca chegou perto de uma Olimpíada.

Geórgia é a primeira brasileira da história a conquistar uma vaga no skeet, modalidade de tiro ao prato com espingarda, por classificação direta. Em 2016, Daniela Carraro representou o Brasil na modalidade nos Jogos Olímpicos do Rio, em uma vaga destinada ao país-sede.

A atleta gaúcha, natural de Santa Maria, traça um caminho quase solitário no tiro esportivo feminino, já que só oito brasileiras representaram o país numa disputa olímpica. O esporte, entretanto, é um dos poucos em que elas competem em igualdade com os homens, e muitas vezes os superam.

A **Folha** analisou a pontuação de mais 2.300 atletas de tiro olímpico desde 1968 e os dados indicam que as mulheres disputam em paridade com homens, em especial no tiro com carabina. Outros estudos internacionais chegam a conclusões semelhantes.

Para comparar as performances entre homens e mulheres, a reportagem precisou padronizar as pontuações, já que por alguns anos as regras foram diferentes entre os gêneros (eles atiravam 125 vezes; elas, 75). O número de disparos voltou a ser o mesmo para as duas categorias em 2018, e isso não alterou o desempenho das mulheres, como mostra um estudo de 2019 da Universidade de Madrid, que considerou 292 atiradores que competiram nos Campeonatos Europeus.

A **Folha** utilizou as pontuações da fase classificatória das Olimpíadas, etapa na qual todos os atletas participaram.

O levantamento identificou que as mulheres representam mais de 50% das 10 melhores pontuações em 62% das classificatórias de Olimpíadas na modalidade carabina de ar 10m. Em 2008, ocuparam as quatro primeiras posições.

Já na carabina 3 posições, o desempenho não é superior, mas segue notável: de 14 Olimpíadas, elas responderam por ao menos 30% do top 10 em sete edições e 50% ou mais em quatro. Considerando todos os eventos desde 1964, foram top 1 em 42% das vezes nessa modalidade.

Nas pontuações de pistola, as mulheres são menos frequentes entre as melhores pontuações, mas nas vezes em que aparecem, estão em 1º lugar, como em 2008 e em 2020.

Ao considerar todos os segmentos do tiro olímpico, as mulheres respondem por 71% das melhores pontuações (em 10 de 14 Olimpíadas). Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, quatro de cinco modalidades teriam liderança feminina na fase classificatória se o esporte fosse disputado sem separação de gênero.


Geórgia Furquim, primeira brasileira a obter vaga olímpica no skeet, tiro ao prato de espingarda Carol Bittencourt/Divulgação/CBTE

Os dados foram obtidos no site Olympedia, já que a página do COI (Comitê Olímpico Internacional) não possui detalhes de todos os eventos, e na página da ISSF (Federação Internacional de Esportes de Tiro), para o caso de Rio 2016.

A principal explicação para esse equilíbrio entre gêneros é que a força física, determinante na maior parte das modalidades, não impacta tanto como concentração e controle.

Entusiastas do esporte dizem que a diferenciação de regras servia apenas para não ser possível comparar desempenho entre homens e mulheres. Procurada mais de uma vez, a ISSF não respondeu aos emails para explicar essa motivação.

A linha do tempo olímpica começou com disputas mistas. Em 1976, a americana Margaret Murdock empata em ouro na carabina 3 posições com o compatriota Lanny Bassham, que venceu o desempate e ficou com a medalha. Ele chamou Murdock para dividir o posto mais alto do pódio na celebração.

Em 1984, a federação internacional decide dividir os gêneros para as modalidades que não envolvem tiro ao prato: carabina 3 posições, carabina de ar e pistola de ar.

Em 1992, a chinesa Zhang Shan leva a primeira medalha de ouro de uma mulher no skeet, que ainda era misto. Depois, a federação estipula que todos os eventos só serão abertos a homens.

Em 2000, mulheres voltam a competir no skeet olímpico, mas sob regras diferentes, com menos tiros. Somente em 2018, as regras voltam a ser a mesma para todos, o que também permitiu a comparação de atletas em termos absolutos.

O estudo da Universidade de Madrid, elaborado por Daniel Mon-López, Carlos Tejero-González e Santiago Calero, sugere que esportes nos quais a força física é um fator menor devem revisar seus regulamentos para gerar maior igualdade de gênero nos esportes.

Os acadêmicos concluíram que, nas provas com tiro de pistola, a performance entre homens e mulheres variou de 0,9% a 1,89%, percentual muito inferior ao de esportes como a natação, que gira em torno de 10%.

"Em contraste com quase todos os esportes nos quais homens têm uma performance absoluta melhor do que as mulheres, o estudo apresenta evidências de que não há diferenças entre homens e mulheres no tiro de carabina", dizem.

Além de a força física ser menos determinante, outras características impactam o tiro, como equilíbrio, precisão e coordenação motora.

Jodson Edington, presidente da Confederação Brasileira de Tiro Esportivo e bronze nos Pan-Americanos, diz que a separação de gêneros ajuda a fomentar a participação de mulheres no esporte. Segundo ele, o tiro esportivo no Brasil possui quase 100% de praticantes amadores e ainda com a quantidade de atletas homens próxima a 90%.

"A separação também faz com que muitos países que ainda possuem uma cultura muito machista tentem estimular e fomentar a prática do tiro esportivo pelas mulheres com o objetivo de terem mais possibilidades de conquistar medalhas."

Geórgia, por sua vez, optaria por competir com homens. "A gente precisa de mulheres no esporte e a divisão de gêneros ajuda nisso, mas não significa que o resultado que busco deveria limitar a ser a primeira das mulheres, a gente quer ser a primeira geral", afirma.

Em Paris, Geórgia estará ao lado de Geovana Meyer, que disputará a carabina de ar 10m e a carabina 3 posições 50m. Com elas, o Brasil chega à tímida marca de 10 mulheres na história olímpica.

O primeiro ouro do Brasil veio do tiro. O feito ocorre mais de um século depois de o país conquistar seu primeiro ouro, que veio justamente do tiro. Nos Jogos da Antuérpia, na Bélgica, em 1920, Guilherme Paraense venceu a disputa da pistola de tiro rápido 25m.

Naquele mesmo ano, o time formado por Paraense, Afrânio da Costa, Sebastião Wolf, Dario Barbosa e Fernando Soledade conseguiu o bronze na prova de pistola 50m por equipes. Afrânio da Costa ainda levou a prata nos 50m de pistola livre 60 tiros.

Depois disso, o Brasil viveu um hiato no tiro esportivo até o Rio, quando Felipe Wu ganhou a prata na pistola de ar 10m.

As brasileiras se destacaram em Pan-Americanos com dois bronzes e em Campeonato das Américas, com três ouros.

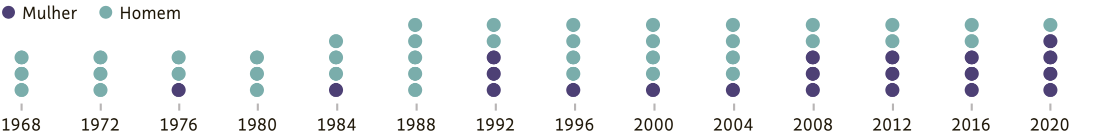
"Sempre tive medo de sonhar com a Olimpíada. Sempre fui uma pessoa muito tímida, sempre tive meus pés muito no chão, mas é óbvio que meu objetivo era esse, eu só nunca verbalizei", diz Georgia, que embarca para Paris na segunda-feira (22).

Se a história do tiro começou com homens, Georgia, suas colegas e as pontuações internacionais mostram que elas podem mirar tão longe quanto eles, ou ainda mais.

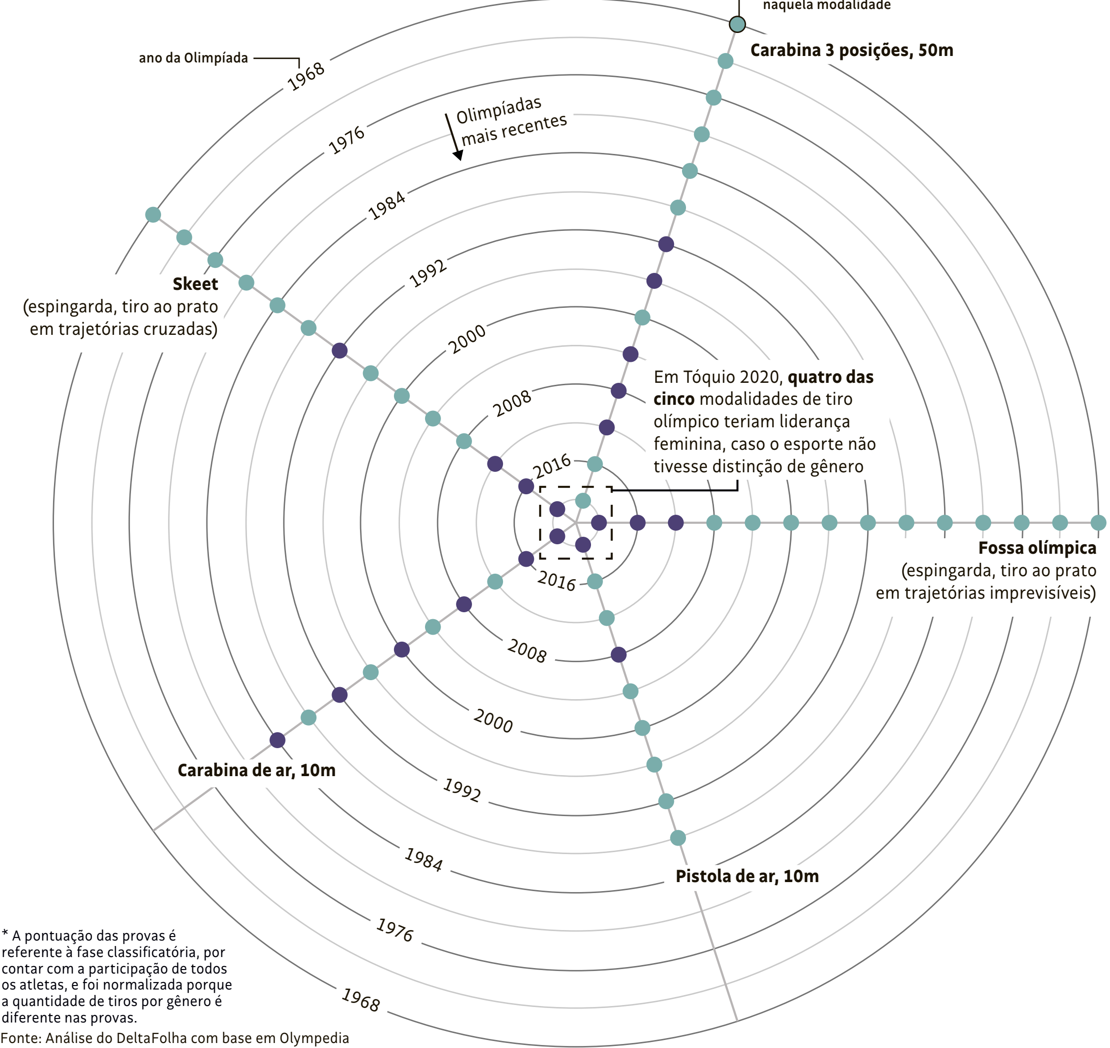
Mulheres competem em igualdade com homens no tiro olímpico

Quantidade de 1º lugar, por gênero
Considerando a pontuação normalizada*, por modalidade

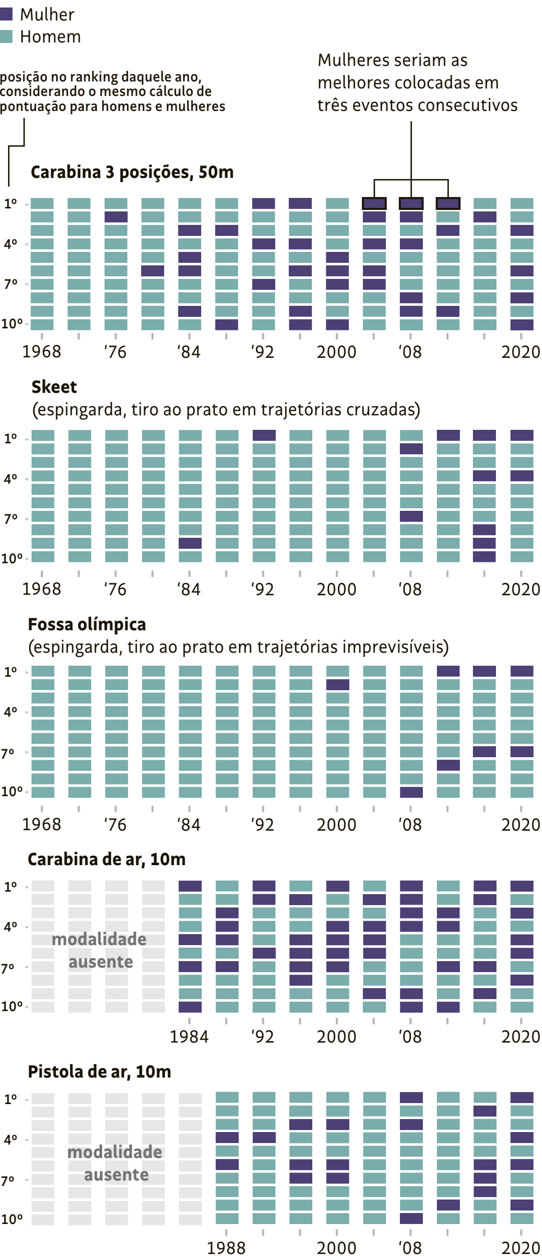
● Mulher ● Homem



Gênero do atleta com maior pontuação no tiro esportivo, por Olimpíada
Considerando a pontuação normalizada*, por modalidade



Ranking dos 10 melhores atletas no tiro em cada Olimpíada, por gênero
Posição com a pontuação normalizada*, por modalidade



* A pontuação das provas é referente à fase classificatória, por contar com a participação de todos os atletas, e foi normalizada porque a quantidade de tiros por gênero é diferente nas provas.
Fonte: Análise do DeltaFolha com base em Olympedia



Nico Williams na final da Euro entre Espanha e Inglaterra Davide Spada/LaPresse/DiaEsportivo/Folhapress

Espanhóis campeões da Euro reforçam debate sobre racismo

Países têm dificuldade de lidar com série de casos em meio à transformação multicultural das sociedades

João Gabriel de Lima

LISBOA O craque Nico Williams, autor do gol que abriu caminho para o título europeu da Espanha na final contra a Inglaterra, passou a semana como "trending topic". Enquanto seus vídeos com gols e dancinhas eram reprisados nas redes sociais, influenciadores de futebol discutiam sua possível transferência para o gigante Barcelona. A multa contratual a ser paga ao Athletic de Bilbao, onde ele joga atualmente, chegaria perto de 60 milhões de euros (R$ 350 milhões).

Dois anos atrás, Williams foi assunto nas redes sociais, mas por razões sórdidas. Um vídeo de um torcedor proferindo ofensas racistas contra o craque, acompanhadas de gestos, viralizou. A La Liga foi à Justiça. A polícia escrutinou os perfis do ofensor e concluiu: "Do estudo das redes sociais do denunciado parece desprender-se que o mesmo não é uma pessoa que pretenda incitar ao racismo, ou que os gestos realizados pretendam alcançar esse fim." O caso foi arquivado.

Os dois momentos de Nico Williams ilustram questões de enorme atualidade na Europa: a transformação das sociedades em vibrantes caldeirões multiculturais —e a dificuldade dos países, incluindo seus sistemas judiciais, de lidar com os casos de racismo. O futebol, esporte mais popular do continente, tem sido uma arena privilegiada para essa discussão política, da mesma maneira que o boxe provocou um debate sobre racismo e direitos civis nos Estados Unidos dos anos 1960.

Um momento precursor da cena atual foi a Copa do Mundo de 1998, em que a França foi campeã com um time que expressava a diversidade racial do país. O líder da equipe era o craque Zinedine Yazid Zidane, um francês de origem argelina. Ficou famosa uma frase do político Jean-Marie Le Pen, que dizia que os franceses não se sentiam representados por sua seleção por ela ter "um excesso de jogadores de cor". A filha de Le Pen, Marine, é hoje a líder da ultradireita francesa, e tanto Zidane quanto Kylian Mbappé, o craque da geração atual, são opositores notórios do partido Reunião Nacional.

A França que disputou a Eurocopa tinha oito negros entre seus onze titulares. Os jogadores brancos ainda predominam na seleção espanhola, mas os dois craques decisivos na campanha vitoriosa na Alemanha são negros. O ponta-direita Lamine Yamal, de 17 anos, e o próprio Nico Williams, que joga pela esquerda. Na Copa do Qatar, em 2022, a Espanha mostrou um futebol de passes certeiros, mas com muita dificuldade para chegar ao gol. Yamal e Williams deram ao time a objetividade que faltava.

O tema da imigração é forte na Espanha porque o país, assim como Grécia e Itália, situa-se na rota do Mediterrâneo, como é chamado o percurso dos imigrantes que saem da África de barco para tentar a vida no sul da Europa. Os pais de Williams percorreram essa rota. Saíram de Gana, atravessaram o deserto do Saara e entraram em território europeu por Melilla, enclave espanhol no norte da África. Na ocasião, foram aconselhados a mentir sobre a nacionalidade. Disseram que vinham da Libéria, que estava em guerra civil —e assim conseguiram o status de refugiados.

"A vitória da Espanha na Eurocopa transformou Nico Williams e Lamine Yamal em ídolos, o que é importantíssimo no combate ao racismo no país", diz Esteban Ibarra, líder da ONG madrilenha Movimento Contra La Intolerancia.

Autor de livros sobre o tema, o espanhol Ibarra acha que o combate ao racismo no começa pelas torcidas organizadas: "Elas são incubadoras de ideias intolerantes, e os clubes estão cientes disso".

No episódio de racismo mais contra Vinicius Junior, que resultou na punição de seus perpetradores, militantes do partido Vox, da ultra direita espanhola, recrutavam filiados em tendas à saída do estádio Mestalla, em Valência.

Os pais de Williams representam o tipo de imigrante que o partido Vox quer combater: os que chegam sem papeis e tentam se legalizar a posteriori. No dia em que a Espanha eliminou a França na semifinal da Euro, o deputado Jorge Buxadé, eleito pelo Vox ao Parlamento Europeu, postou no Instagram uma foto em que um jogador espanhol, branco, submete um jogador francês deitado no chão, negro. A imagem, de óbvio cunho racista, provocou intensa polêmica. Na caixa de comentários, seguidores de Buxadé repetiam o slogan: "España cristiana, no musulmana".

Se Nico Williams for contratado pelo Barcelona, o time azul e grená repetirá em suas fileiras a dupla que puxou o ataque da Espanha na Eurocopa.

Time da MLS compensará torcedores se Messi não jogar nos EUA

CHICAGO | AFP O Chicago Fire, da MLS (Major League Soccer), a principal liga de futebol dos Estados Unidos, disse na sexta-feira (19) que compensará os torcedores que compraram ingressos para o jogo de agosto contra o Inter Miami caso Lionel Lionel Messi não esteja disponível.

O craque argentino está afastado por tempo indeterminado devido à lesão ligamentar do tornozelo direito sofrida na final da Copa América.

Ainda assim, o Chicago Fire disse que espera que Messi esteja de volta para o duelo no dia 31 de agosto.

A equipe liderada pelo suíço Xherdan Shaqiri está confiante de que a visita do Inter fará com que todos os 62 mil lugares do Soldier Field voltem a ser ocupados e, para tranquilizar os torcedores, anunciou uma série de compensações de "garantia" em caso de ausência de Messi.

Se isso acontecer, todos os fãs que comprarem ingressos para esse jogo a partir de agora receberão US$ 250 (R$ 1,4 mil) de desconto em dois ou mais ingressos do Chicago Fire para a temporada.

Os torcedores que já tenham comprado entradas para o jogo, incluindo os portadores de ingressos para a temporada, poderão solicitar dois ingressos gratuitos para o jogo em casa de 19 de outubro contra o Nashville.

O futebol enlouqueceu

São tantos disparates de jogadores e treinadores que a bola até pede para parar

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

"Parem as máquinas" gritava-se nas redações de jornais quando chegava uma notícia importante de última hora.

"Parem o mundo que eu quero descer" gritou a Mafalda, genial criação do não menos cartunista argentino Quino.

Eis que a bola anda precisando pedir que parem com ela.

Pois como dizia o jornalista Geraldo Mayrink, "não há limites para a insânia".

O episódio de racismo e homofobia dos jogadores argentinos ao comemorar o título da Copa América é exemplo gritante, vexaminoso e revoltante.

Além de burrice cavalar, digna da redundância.

Jogassem todos na Argentina e já seria absolutamente imperdoável.

Mas a maioria joga na Europa, ao lado de descendentes de imigrantes, muitos nascidos na França, os alvos da música sem nenhum caráter entoada na comemoração.

E acompanhada por profissionais experientes como Lionel Messi, o capitão do time, Di Maria, que acabava de se aposentar da seleção.

A nenhum deles ocorreu impedir a cantoria, criada por torcedores sem noção no Qatar, para provocar os rivais antes da melhor final de todas as Copas do Mundo.

Torcedores agirem de maneira lastimável faz parte do embrutecimento mundial — mas celebridades do esporte, ídolos de tanta gente?!

Para piorar, quando surge uma réstia de luz do subsecretário de Esportes do obscurantista governo de extrema-direita argentino, eis que o beócio presidente do país o demite, com a justificativa de que não cabe ao Estado se intrometer nos assuntos do futebol.

Javier Milei, o nome da besta, exonerou Julio Garro que exigiu pedido de desculpas por parte dos jogadores e da Associação de Futebol da Argentina, a AFA.

E sua vice-presidenta, cretina Victoria Villarruel, acrescentou: "Nenhum país colonialista nos vai intimidar por uma canção de torcida ou por dizermos verdades que não querem admitir".

É o não é para parar o mundo, as máquinas, a bola, cujo formato o planeta imita?

Na mesma semana, embora de gravidade infinitamente menor, após desses jogos de reconciliar a gente com o futebol entre Botafogo e Palmeiras, que excedeu a boa expectativa criada em torno dele, o treinador Abel Fereira revelou-se péssimo perdedor.

Atribuiu a inexistentes erros de arbitragem a derrota de seu time pelo placar mínimo em clássico que foi o máximo.

Bem ele, de quem ouvimos invariavelmente críticas corretas sobre as mazelas de nosso desorganizado futebol.

Em vez de enaltecer o espetáculo do qual foi co-autor, de realçar a beleza da disputa e até dizer que perdeu como poderia ter vencido, preferiu sugerir prejuízos fora das regras ao seu time, além de fazer comparações indevidas com outros lances de outro jogo.

Ninguém mais sabe perder e é na hora do insucesso que os bem-sucedidos mais demonstram sua grandeza.

Assim como os campeões argentinos passaram ao largo do exemplo que devem dar, Ferreira mostrou seu espeto de pau, esquecidos todos eles do reflexo causado em seus fãs e nos torcedores em geral.

Daí não surpreender a aparição monstruosa de bonecos da presidenta do Palmeiras e do presidente da CBF enforcados nas imediações do estádio Nilton Santos.

De tanto normalizar o absurdo, de dar as costas para a fome, para a violência, chegamos ao ponto de ver o futebol ensandecido.

Parem as máquinas, a bola, o mundo!

Desçamos todos de onde viemos para voltarmos ao Iluminismo e ao Humanismo.

Divagar é preciso

Futebol brasileiro precisa unir o drible e o passe, a improvisação e o planejamento tático

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Sempre que a seleção brasileira decepciona, o que tem sido frequente, e, ao mesmo tempo, acontece um belo gol no nosso futebol, como o do Botafogo sobre o Palmeiras, após um belo drible de Luiz Henrique, surgem os comentários saudosistas de que o Brasil precisa voltar às origens, jogar em um estilo mais bonito, com mais improvisação e com mais dribles.

Não é bem por aí. O Brasil já possui um grande número de ótimos dribladores,TT como Luiz Henrique, Estêvão, Vinícius Júnior, Rodrygo, Neymar, Raphinha, Savinho e outros. Eles são importantes. Porém, a carência está no meio de campo e na falta de valorização da posse de bola, da troca de passes e na capacidade de saber o tempo certo de cadenciar e acelerar.

Existe também uma lenda que o futebol brasileiro encantava e vencia no passado somente por causa do talento individual, da inventividade. Não é certo que a poesia brasileira goleou a prosa italiana na final da Copa de 1970, como disse o grande poeta e cineasta Pasolini. O time brasileiro era prosa e poesia, pois além do talento individual tinha um excelente e planejado jogo coletivo.

As seleções brasileiras campeãs do mundo em 1958 e 1962, mesmo com Garrincha, o maior driblador da história, destacavam-se também pelo talento coletivo. O meio-campista Didi, magistral no passe, foi eleito o melhor jogador da Copa de 1958. Em 1970, o maestro era o meio-campista Gerson, que jogava como se tivesse um mega computador ligado ao corpo, que mostrava e calculava tudo que acontecia em campo.

A seleção brasileira campeã do mundo de 1994 não tinha um grande driblador, mas possuía um genial centroavante (Romário) e excelentes jogadores em todas as outras posições. Como a equipe atuava no tradicional esquema tático inglês (4-4-2) e não tinha um camisa 10, meia de ligação próximo dos dois atacantes, era criticada por não ter o estilo brasileiro de jogar. Era uma seleção de muito talento e bastante organizada.

Raí, que era um excelente meia-atacante, perdeu a posição para Mazinho porque foi escalado pela direita, longe do gol, com função de marcação.

Em 2002, a seleção ganhou o penta com três supercraques no ataque: Ronaldo, Ronaldinho e Rivaldo. Não havia um ponta driblador. Os três se aproximavam por todo o ataque. Ronaldinho dava dribles belíssimos, mas era muito mais do que um driblador, um criador de efeitos especiais. Fazia de tudo com enorme técnica e precisão.

A presença de pontas, exímios dribladores que eram frequentes no passado, voltaram a ser habituais mais recentemente.

O futebol brasileiro precisa unir o drible e o passe, a improvisação e o planejamento tático, como fizeram Botafogo e Palmeiras, uma bela partida.

Como os times e as seleções de todo o mundo pressionam cada vez mais, quem está com a bola em todo o campo, desde o goleiro, precisa desenvolver a capacidade de ultrapassar esta marcação. Colômbia e Uruguai pressionaram o Brasil que não conseguia ficar com a bola por causa da eficiente marcação e pela falta de qualidade do meio-campo. É urgente diminuir esta deficiência.

Se, nas últimas décadas, vários garotos talentosos no meio-campo foram mudados de posições e passaram a atuar como meias-atacantes e pontas dribladores, não seria possível fazer o contrário, transformar alguns meias ofensivos e pontas habilidosos, como Martinelli, Estêvão em meio-campistas, bons no passe e no drible, para sair da marcação por pressão?

Não sei se daria certo. É necessário tentar. Divagar é preciso.

folhacorrida



Andrew Caballero-Reynolds/AFP

IMAGEM DA SEMANA

Trump discursou na quinta (18) pela primeira vez após atentado. Durante a fala na convenção republicana, imagens do incidente foram mostradas em telões. Em aparição permeada por referências religiosas, o empresário disse que Deus o salvou dos tiros que foram disparados contra ele em um comício, no sábado (13). A foto de Evan Vucci, da AP, feita logo após o ataque, com a bandeira dos EUA ao fundo, foi amplamente usada por apoiadores do candidato republicano.

COMBO

Tiago Ribas
folha.com/hqdtgz47



O periférico PlayStation Portal
Divulgação

PlayStation Portal pouco surpreende para seu preço

SÃO PAULO PlayStation Portal é a melhor maneira de jogar de forma remota títulos de PlayStation 5. Ainda assim, o custo do aparelho e suas limitações fazem do periférico da Sony um produto difícil de defender.

Lançado em 28 de junho no Brasil, o aparelho é como um controle DualSense com uma tela de LCD de 8 polegadas, em que é possível reproduzir games rodando no PlayStation 5 através de uma conexão Wi-Fi.

Ao preço sugerido de R$ 1.499,90 (cerca de 40% do que custa um PlayStation 5 novo), o periférico permite jogar um game no console enquanto a TV em que ele estiver conectado está em outro canal ou desligada. É possível, inclusive, acessar o console fora de casa, desde que o PlayStation Portal esteja conectado a uma boa rede Wi-Fi —com conexão de no mínimo 5 Mbps, sendo que o recomendável é pelo menos 15 Mbps.

Seria impressionante, se já não existisse uma forma de fazer a mesma coisa de graça.

Apesar de pouco conhecida, tanto o PlayStation 4 quanto o PlayStation 5 contam com a funcionalidade Remote Play, que permite acessar os consoles de forma remota por um computador ou celular, bastando apenas ter um controle DualShock 4, DualSense ou DualSense Edge conectado a ele.

É verdade que nos testes realizados pela reportagem o PlayStation Portal foi capaz de manter uma conexão com menos atraso do que pelo Remote Play. No entanto isso é mais um defeito do serviço gratuito do que um mérito do aparelho, que ainda assim apresentou alguns travamentos momentâneos e quedas inesperadas de sinal.

Essas pequenas interrupções não chegam a impedir a jogatina, mas, quando acontecem em um momento inoportuno, podem ter resultados desastrosos. Por causa de uma delas, meu personagem sofreu uma queda enquanto descia uma ladeira em "Death Stranding", danificando algumas entregas. É fácil imaginar consequências bem piores durante uma partida de "Fortnite" ou "Elden Ring", por exemplo.

Outra limitação importante é a falta de compatibilidade com o PlayStation 4, ainda mais em um país em que este ainda é o console mais popular. Segundo a Pesquisa Game Brasil, 36,3% dos jogadores tinham o aparelho em 2023. Bem acima dos 18% que afirmaram ter um PlayStation 5, segundo o levantamento.

Mais grave, porém, é a ausência de compatibilidade com fones de ouvido sem fio bluetooth. Em uma iniciativa mesquinha da Sony, apenas os fones sem fio da marca PlayStation (Pulse Explore e Pulse Elite), compatíveis com a tecnologia PlayStation Link, funcionam com o aparelho. Pelo menos há uma entrada para fone com fio na parte de trás do dispositivo, já que a saída de som do próprio aparelho deixa a desejar.

Ainda que a bateria tenha boa duração —jogando esporadicamente durante o dia ela só foi acabar no fim da noite— e a tela tenha uma resolução excelente —1080p reproduzindo 60 quadros por segundo—, o PlayStation Portal é um item de luxo com aplicação limitada, que só deverá interessar a uma pequena parcela dos consumidores.

O repórter recebeu da Sony um PlayStation Portal por empréstimo para teste



PLAY
Dica de game, novo ou antigo, para você testar

Astro Bot
(PS 5)
Falando em PlayStation... Testei o novo "Astro Bot", game com o robozinho mascote da Sony que será lançado em 6 de setembro. Apesar de a demo disponibilizada pela empresa conter apenas algumas poucas fases, foi possível perceber que se trata de um título promissor. Mesmo sendo um jogo indicado para todas as idades, o título guarda desafios para jogadores experientes, especialmente em fases bônus e para encontrar áreas secretas. Com controles precisos e muita diversidade, o jogo de plataforma me lembrou bastante "Super Mario Odyssey", mas, claro, sem o encanador bigodudo.

DOWNLOAD
Principais lançamentos dos próximos dias

23.JUL
F1 Manager 2024
R$ 101,99 (PC), R$ 187,90 (PS 4/5), R$ 209,95 (Xbox One/X/S)

* Expansão
** Disponível no Xbox Game Pass

FRASES DA SEMANA

Hoje eu fiquei sabendo uma notícia triste. Tem pesquisa, Haddad, que mostra que depois de um jogo de futebol aumenta a violência contra a mulher. Inacreditável. Se o cara é corintiano, tudo bem, como eu. Mas eu não fico nervoso quando perde, eu lamento profundamente

Lula
presidente da República, na quarta (17), em fala no Planalto ao criticar violência doméstica

Não era para eu estar aqui esta noite. Eu só estou aqui pela graça de Deus

Donald Trump
ex-presidente dos EUA, na quinta (18), na convenção republicana, sobre atentado no sábado (13)

Não é que as pessoas pretas tenham problemas de saúde maiores e por isso morrem, elas têm dificuldade de acesso [à saúde] e de cuidado qualificado. É uma questão muito profunda

Fernanda Garanhani Surita
coautora de estudo da Unicamp sobre maior mortalidade materna de mulheres pretas, na quarta (17)

Ser um espelho e uma inspiração para tantas crianças, e principalmente para as crianças pretas, é algo muito grandioso. Eu sei como isso foi importante para mim

Rebeca Andrade
ginasta, no domingo (14), em entrevista à Folha, sobre representatividade no esporte

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. (Gír.) Homem bonito (na linguagem dos homossexuais) / A tua família **2.** De uma cidade do Triângulo Mineiro **3.** Antílope de chifres parecidos com os dos bois / Navegar (embarcação) **4.** Arranhar / Anfíbio anuro de pele lisa, geralmente encontrado na água ou próximo a ela **5.** Uma tecla do computadores **6.** Terreno lamacento, pantanoso **7.** O símbolo químico de um material muito usado na construção de pontes, estruturas metálicas, máquinas e ferramentas / Encher de nós **8.** Mulher muito admirada **9.** Evitar todo contato / Patrick Dempsey, ator **10.** A sigla para a doença responsável pela atual pandemia / Iniciador de escola artística, literária, doutrina etc. **11.** Animada, que demonstra entusiasmo **12.** O órgão governamental dos EUA responsável pelo setor espacial e aeronáutico / O apresentador de TV Marcos **13.** O que transforma teia em teoria / Harmonicamente vibrante.

VERTICAIS
1. Um peixe carnívoro, espécie invasora no Brasil **2.** Que enfeita, decora / Esmurrar **3.** O historiador e cientista político Boris (1930-2023) / Novidades **4.** Abreviatura de exemplo / O eterno rei do futebol / Roxo claro **5.** Terraço com coberta, em frente às casas **6.** Maneira / Provocar dor / (Med.) Ressonância Magnética Nuclear **7.** Abreviatura de engenharia / Culto religioso semelhante à macumba / Um tipo de salame, ingrediente da feijoada **8.** Costumar / Ferramenta para desbastar tintas **9.** Tarefa noturna extraordinária, realizada depois do período normal de trabalho / (Geom.) rad.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1					■				
2									
3				■					
4							■		
5						■		■	
6									■
7			■						
8		■		■					
9							■		
10						■			
11									
12					■				
13			■						

HORIZONTAIS: 1. Bofe, Teus, **2.** Araxaense, **3.** Gnu, Vogar, **4.** Raspar, Rã, **5.** Enter, **6.** Atolador, **7.** Fe, Enodar, **8.** Deusa, **9.** Isolar, PD, **10.** Covid, Pai, **11.** Acalorada, **12.** Nasa, Mion, **13.** Or, Sonoro.

VERTICAIS: 1. Bagre africano, **2.** Ornante, Socar, **3.** Fausto, Novas, **4.** Ex, Pelé, Lilás, **5.** Avarandado, **6.** Teor, Doer, RMN, **7.** Eng, Vodu, Paio, **8.** Usar, Raspador, **9.** Serão, Radiano.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

		2			6			
	8		3				6	
					1	5	9	4
2		3			5	9	8	
	9	8	4			6		7
9	3	4	1					
	2				3		7	
			8			3		

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com novе lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

4	5	2	7	9	6	8	1	3
1	8	9	3	5	4	7	6	2
3	6	7	2	8	1	5	9	4
2	4	3	6	7	5	9	8	1
6	7	1	9	3	8	4	2	5
5	9	8	4	1	2	6	3	7
9	3	4	1	6	7	2	5	8
8	2	6	5	4	3	1	7	9
7	1	5	8	2	9	3	4	6

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **21.jul.1974**

Tropas da Turquia invadem Chipre após queda de Makarios

A Turquia começou a invadir Chipre na madrugada deste sábado (20). Sua frota bloqueou praticamente todos os portos da ilha e iniciou o desembarque de tropas da infantaria e blindados em Kyrenia. Houve também bombardeios aéreos em outros pontos.

A Guarda Nacional do Chipre, comandada por oficiais gregos, havia deposto o presidente, Makarios, no dia 15, e assim um novo governo tinha sido instalado. A Turquia disse que o objetivo da operação é o de livrar a população local do "novo regime opressivo".

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br



FOLHA DE S. PAULO

Ferozes combates na ilha de Chipre

Echeverria hoje em São Paulo

INÊS 249

ilustrada ilustríssima

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 21 DE JULHO DE 2024 C1

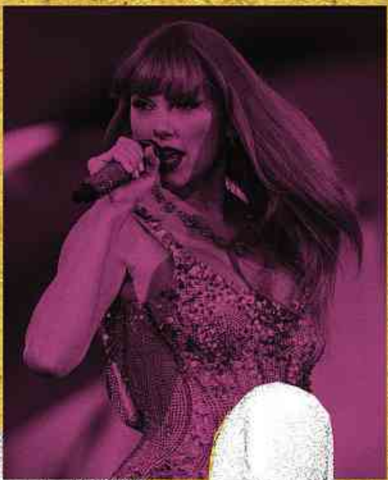
Como a banda toca

Série de reportagens mostra os bastidores do mercado multimilionário dos shows e dos festivais, que entraram em crise no rastro de cancelamentos de turnês de Ivete Sangalo e Ludmilla *C4 a C6*



Ilustração
Silvis





Contos mostram formação do estilo poderoso de Ralph Ellison *C7*

Identitarismo enfraquece política da esquerda, escreve professor *C8*

Como filha de nazista vingou a morte de Che Guevara *C10*

INÊS 249

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Ney Wilson

Complexo de vira-lata do brasileiro nas Olimpíadas acabou

[RESUMO] Diretor de esporte de alto rendimento do COB, Ney Wilson revela que a organização dá cada vez mais importância ao suporte psicológico que os atletas necessitam no momento mais importante de suas vidas, a Olimpíada; para eles, diz, não existe o ditado 'o importante é competir' pois todos querem voltar 'com a glória olímpica, que é a medalha no peito'

Por ***Mônica Bergamo***



O diretor de esporte de alto rendimento do COB, Ney Wilson Alexandre Loureiro/COB

Aos 65 anos, Ney Wilson percorreu todos os caminhos possíveis no circuito esportivo da modalidade a que se dedicou por toda a vida, o judô. Ele foi atleta, treinador da seleção brasileira e dirigente da Confederação Brasileira de Judô (CBJ). Em 2022, assumiu o cargo de diretor de esporte de alto rendimento do Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

Wilson desembarca na França nesta semana para acompanhar os Jogos Olímpicos de Paris, depois de percorrer outros países visitando os atletas brasileiros que se concentravam na Europa.

Não será a sua primeira Olimpíada. Em 1996, ele comandou a seleção brasileira de Judô que trouxe para casa duas medalhas de bronze. Como dirigente da CBJ, ajudou o judô brasileiro a conquistar 14 medalhas olímpicas.

Desde então, viu muita coisa mudar no circuito olímpico. A saúde mental dos atletas, tratada como um tabu até o passado recente, foi elevada a patamar de extrema necessidade. "Forjar uma medalha leva anos. Mas perder essa medalha pode levar apenas uma noite mal dormida, uma alimentação mal feita na véspera", afirma.

Problemas com a família, cobrança extrema do treinador, paranoia por causa do peso, redes sociais e até festas na Vila Olímpica —tudo pode contribuir para o insucesso no momento em que o atleta tem que fazer a melhor competição de toda a sua vida, afirma Ney Wilson, que conversou com a coluna antes de embarcar para a Europa:

*

Quantos psicólogos acompanharão os atletas em Paris? Pela missão do COB serão cinco psicólogos, um psiquiatra e um coach. Outras confederações, como a do vôlei de praia, também levarão profissionais para as Olimpíadas.

Eu diria que a maioria dos atletas que estão próximos de ganhar uma medalha olímpica tem apoio psicológico. A presença desses profissionais de suporte psicológico é muito maior hoje do que em outros Jogos.

O acompanhamento do atleta por um psicólogo era considerado sinal de debilidade e tratado como tabu. Quando isso mudou? O tabu existia, e até muito recentemente. Mas ele foi quebrado. O grande boom ocorreu na pandemia [de Covid-19], que foi um marco significativo na valorização da saúde mental.

Houve o entendimento de que o treinamento voltado para a performance, o resultado, é essencial —mas que é importante também manter o equilíbrio.

A saúde mental é tão importante quanto a saúde física.

E por que até recentemente não se admitia a necessidade desse suporte? Existia resistência. E quando o líder de uma modalidade, o treinador, resiste, há um bloqueio. A possibilidade [de acompanhamento psicológico] nem chega ao atleta.

O primeiro trabalho, portanto, é o de convencer a comissão técnica de que a psicologia pode se somar ao treinamento técnico, físico e tático. Depois disso, o atleta precisa aceitar e querer [o acompanhamento].

Há hoje o entendimento de que é preciso olhar não apenas para o atleta, mas sim para tudo aquilo que está em torno dele: a relação com o treinador, com a família, com as exigências da competição.

Vamos examinar o caso dos atletas das lutas, por exemplo, que, além de treinar, precisam controlar o peso corporal. Isso mexe com a cabeça. Ele fica ansioso, muitas vezes entra numa paranoia.

Há casos também em que a relação com a família é conflitante. O atleta não tem apoio em casa, não tem reconhecimento.

Mas esse conflito é comum? Não é comum, mas existe. Principalmente quando o atleta está naquela fase em que ainda não é um grande expoente. Surge o questionamento: atleta é profissão? Não é. Vou me dedicar a isso, ou vou fazer uma faculdade de direito, de medicina, de engenharia?

O psicólogo, neste caso, pode atuar. É ele que faz a interlocução entre o atleta e tudo o que o cerca. Ele observa especialmente o relacionamento deles com o treinador. Tem atleta que não recebe bem uma colocação mais dura. Ele fica inseguro, ele cai, 'poxa, o treinador não acredita em mim'.

Tem outros que respondem de forma positiva. 'Ah, é? Vou provar para você [treinador] que eu sou capaz.' O psicólogo pode analisar isso e orientar o treinador.

Há uma preparação para a derrota? Não. O preparo é para a competição, para o controle da ansiedade, para criar um ambiente em que ele acredite que é capaz de se tornar um medalhista.

Para o atleta olímpico, não existe o ditado 'o importante é competir'. O importante é ganhar. Todos saem do Brasil como atletas olímpicos e querem voltar como heróis, com a glória olímpica, que é a medalha no peito.

Os Jogos Olímpicos têm que ser a melhor competição da vida do atleta. Se isso vai gerar medalha ou não, é uma outra história. Porque às vezes o nível dele ainda não é para ganhar uma medalha. Mas tem que ser a melhor apresentação da vida dele.

O psicólogo tem que equilibrar essa expectativa, sem que isso se transforme em uma forma de cobrança. Porque no esporte de alto rendimento, a cobrança existe de várias formas. Do atleta com ele mesmo, da família quando se despede e diz 'estamos torcendo por você', do treinador, do clube, da seleção, do público.

Pode virar um massacre? Sem dúvida. Eu sempre digo que o resultado de um jogo olímpico leva anos. Forjar uma medalha leva anos. Mas perder essa medalha pode levar apenas uma noite mal dormida, uma alimentação mal feita na véspera. Todos os detalhes do momento final são importantes.

Mas o senhor, que já foi atleta e treinador, pode nos dizer: é possível dormir na véspera de uma competição? Dá para dormir, sim. Eu não vou dizer que todos os atletas repousam tranquilamente, como se não fossem lutar, nadar, entrar em quadra, competir. Mas quanto maior for o controle que têm sobre eles mesmos, maior a possibilidade de êxito.

E um ponto de atenção é a Vila Olímpica [onde os atletas do mundo todo ficam hospedados]. Ela é um grande parque de diversões, com cinema, shows, piscina, ídolos mundiais de várias modalidades esportivas circulando o tempo todo para tudo o que é lado. Se o atleta não estiver focado, ele se perde dentro da própria Vila.

Como é esse suporte na prática? Há atletas, por exemplo, que antes de dormir vão à sala que temos na Vila com os psicólogos e fazem uma sessão de relaxamento ou de meditação. Conjugadas com uma alimentação adequada, elas permitem um bom descanso à noite.

Quais são os problemas mais comuns que surgem numa Olimpíada? Questões com treinadores, com família, distúrbio alimentar, depressão, ansiedade? Todos esses problemas acontecem. Há ainda as especificidades do momento da carreira em que estão os atletas. Porque a mochila deles vai enchendo.

Quando o atleta é jovem, é solteiro, se ele for chamado para treinar 40 dias na Finlândia, vai com alegria.

Quando começa a ter namorada, esposa, filhos, diz: 'Cara, eu já não aguento mais ficar tanto tempo fora'. Começam outras preocupações. E de novo entra o psicólogo, para que essa mochila não fique pesada demais de ele carregar até a competição.

Quando fazemos uma ação para que os atletas recebam amigos e familiares antes das competições, é exatamente para tirar esse peso também. Para que ele veja que os familiares chegaram bem no aeroporto, que já estão hospedados.

O atleta precisa voltar toda a sua energia para os Jogos. Não pode se preocupar com outras coisas.

A ginasta Simone Biles desistiu de competições na Olimpíada de Tóquio para cuidar da saúde mental. Antes dela, o nadador Michael Phelps revelou ter depressão. Foram marcos para que o assunto pudesse ser melhor abordado? Com certeza absoluta. São dois expoentes mundiais, e a repercussão das falas deles foi imensa. Muitos atletas que tinham dificuldade de se expressar começaram também a dizer o que acontecia com eles. E o caso da Biles aconteceu exatamente nos últimos Jogos Olímpicos, durante a pandemia, que, como eu já disse, foi um divisor de águas neste assunto.

A vida do atleta é muito estressante, é o tempo inteiro em busca de resultado, de performance.

No Brasil, o ginasta Diego Hypólito também revelou que a sua psicóloga foi fundamental para que ele superasse o trauma de duas quedas em Jogos Olímpicos e conquistasse a sonhada medalha.

Você imagina o atleta que fez uma prova e caiu, e que quatro anos depois volta à mesma prova. Se não tiver a cabeça muito bem trabalhada, a possibilidade de insucesso é grande.

É isso o que diferencia um atleta que chega a uma medalha olímpica. O corpo você pode trabalhar. Mas o atleta que não tiver a cabeça de campeão, realmente fica muito difícil. Porque a cabeça te trai na hora.

E aquele folclore que existia de que o brasileiro, quando chegava diante de adversários fortes, eram dominados pelo medo e o derrotismo —o tal do complexo de vira-lata? Isso aí mudou. Vamos usar o exemplo do tênis de mesa. Os chineses são o máximo neste esporte. Antes, a equipe do Brasil chegava para uma competição, olhava e só admirava, né? Caramba, olha os chineses aqui, olha o que eles usam, o que eles fazem. Hoje esse 'respeito', entre aspas, acabou. O brasileiro Hugo Calderano, que está entre os melhores do mundo, já ganhou de vários chineses por conta disso. Não acha que são imbatíveis e que a vitória é inalcançável.

O complexo de vira-lata então acabou? Eu diria que sim, que isso mudou completamente. Hoje os brasileiros entram confiantes na competição. [Pensam] 'Eu estou preparado e encaro qualquer nacionalidade de igual para igual'.

Como os atletas brasileiros lidam com questões como racismo e discriminação? Há algum preparo para isso? Há cursos para toda a delegação porque a gente entende que é importante o que chamamos de esporte seguro, onde não exista discriminação, onde haja respeito pelo espaço de todos. Racismo, enfrentamento de assédio, temos sido cuidadosos com isso.

Em 2021, em Londres, tivemos o caso da atleta Rafaela Silva, que foi massacrada nesse mundo virtual depois de perder uma luta. Ela foi atacada com uma linguagem agressiva porque é negra e gay, foi um massacre em cima dela.

Segundo informações que tivemos, o Comitê Olímpico Internacional (COI) está trabalhando com Inteligência Artificial (IA) que permitirá que qualquer agressão racista aos atletas seja derrubada das redes.

E os atletas usam muito as redes sociais durante os Jogos? Tem atleta que evita. Mas tem outros que não conseguem desgrudar do celular. Eu penso que isso atrapalha. Se um atleta me pergunta, eu vou sempre aconselhar que ele não entre nas redes sociais durante as competições.

Eu até orientaria que adquirissem um telefone com chip novo que apenas pessoas íntimas pudessem saber o número.

Os comentários nas redes sociais são na maior parte das vezes depreciativos, né? O atleta lê, e são coisas que machucam. Alguns se abalam mais, outros menos. Mas é impossível você ler um comentário extremamente negativo e não se abalar com aquilo.

Eu sempre vou recomendar ao atleta que me consultar: se afaste das redes sociais. Não vão ser 15 dias sem elas que vão te matar.

O melhor marqueteiro do universo

O Senhor forneceu a Trump o máximo de martírio com o mínimo de dano

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Segundo Donald Trump, "foi Deus que impediu que o impensável acontecesse", no atentado de que foi alvo. Ou seja, foi o Criador que evitou que a bala do atirador trespassasse Trump, o que seria impensável, fazendo com que ela fosse antes atingir um antigo bombeiro, cuja morte é bastante mais pensável.

Deus, nos intervalos de governar o universo, acompanha as eleições americanas, provavelmente através da Fox News, e não deixou que o candidato republicano fosse abatido a tiro. Em 1914, Deus não interferiu no homicídio do arquiduque Francisco Ferdinando, em Sarajevo, e em 1963 não objetou a que Kennedy fosse assassinado, em Dallas.

Mas, desta vez, o Senhor resolveu salvar a vida de um candidato presidencial. No entanto, Deus fez muito mais do que isso: montou a maior operação de marketing político da história.

A campanha que Ele concebeu é excelente — e, tendo em conta o que um bom marqueteiro político costuma auferir, barata. Ao permitir que a bala rasparasse na orelha de Trump, o Senhor forneceu-lhe o máximo de martírio com o mínimo de dano.

Trump pode dizer que levou um tiro, que sobreviveu a uma tentativa de homicídio, que derramou o seu sangue. O preço a pagar por isso foi: uma feridinha na orelha.

Eu já tive lesões mais graves a jogar futebol com os amigos. Mas Deus quis fazer de Trump uma vítima sem lhe infligir sofrimento significativo. Curiosamente, este tem sido um procedimento habitual do Senhor.

Toda a vida de Donald Trump tem decorrido exatamente assim: ele obtém o maior benefício despendendo o menor esforço. Trump começou com uns milhões de dólares oferecidos pelo pai, e quase não paga impostos sobre os rendimentos que tem.

Os escândalos em que se envolve não o beliscam, e nem sequer as condenações em tribunal o afetam. Em princípio, Deus tem tido um papel crucial em todas essas peripécias. E agora esta extraordinária ação de campanha eleitoral.

Trump, fazendo jus à sua inclinação para afirmações categóricas, pode dizer que foi vítima do melhor atentado de sempre. Um centímetro mais para a esquerda e Trump teria sido tanto uma vítima de atentado como todos os espectadores ali presentes. Seria apenas uma pessoa junto da qual uma bala tinha passado. Um centímetro mais para a direita e teria morrido.

É como se o Senhor estivesse a protegê-lo por ter um plano para ele. Fico mais descansado. Talvez isso signifique que a eleição de Donald Trump seja, no entender de Deus, a maneira mais eficaz de evitar uma guerra nuclear.

Ou então faz tudo parte de uma estratégia para cumprir o que vem escrito no livro do Apocalipse. Seja como for, Deus parece saber o que está a fazer. Haja alguém.



Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Filme sobre os perigos da Guerra da Ucrânia chega ao sob demanda

20 Dias em Mariupol
Netflix, 14 anos
Um grupo de jornalistas ucranianos que não conseguiu escapar da cidade costeira de Mariupol documenta os horrores da guerra durante a invasão russa no início de 2022. O filme é dirigido pelo jornalista Mstyslav Chernov, ganhou o Oscar de documentário neste ano, o Bafta e outras duas dezenas de prêmios em festivais de cinema. Chernov também foi premiado com um troféu Pulitzer por sua cobertura de guerra.

Uma Jovem e o Mar
Disney+, 12 anos
Daisy Ridley vive Trudy Ederle, primeira mulher a cruzar o canal da Mancha a nado em 1926. Americana nascida em Nova York, ela atravessou os 34 quilômetros entre o Reino Unido e a França batendo os tempos dos cinco homens que tinham realizado o feito antes.

The Lazarus Project
Universal+, 14 anos
Segunda temporada da série de ficção científica sobre uma sociedade secreta de viajantes do tempo, identificada como Projeto Lázaro, que quer salvar o mundo da extinção. George está disposto a se redimir depois de trair o projeto em nome do amor.

Homenagem a Shannon Doherty
Lifetime, 13h15
Morta aos 53 anos no último sábado, a atriz Shannen Doherty lutava contra um câncer desde 2015. O canal presta sua homenagem com dois filmes estrelados por ela —"Coisas para Fazer Antes de Morrer" (13h15, 14 anos) e "Ciúme Assassino" (14h50, 12 anos).

Se Joga nos 90 dias
Max e H&H, a partir de 19h, 12 anos
Novos episódios da franquia "90 Dias" são seguidos de um especial comentado pela atriz Miá Mello e pelo humorista Leandro Ramos (20h30), que reagem às desventuras amorosas de americanos que viajam para o outro lado do mundo em busca de almas gêmeas.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
O programa recebe o corregedor nacional de Justiça, Luis Felipe Salomão, para falar sobre o sistema judiciário brasileiro e os motivos que levaram o Brasil a se tornar um dos países com os maiores índices de judicialização do mundo.

QUADRÃO

Jan Limpens



| DOM. Jan Limpens, **João Montanaro,** Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Obra bidimensional de Tunga será alvo de catálogo raisonné

SÃO PAULO Toda a obra bidimensional do artista Tunga está sendo reunida em um catálogo raisonné que será publicado pela renomada editora Cahier d'Art. A publicação terá cerca de 10 mil desenhos, fotografias, gravuras e pinturas em tecido feitas pelo artista pernambucano que morreu há oito anos.

A ideia é que o catálogo, organizado pela especialista Christina Gabaglia Penna e produzido pelo Instituo Tunga, saia até o final do ano. Ele será dividido em volumes, em formato virtual e bilíngue e será disponibilizado sem custo.

Além das obras, o catálogo terá textos de especialistas e uma espécie de glossário com os significados dos termos e dos elementos que já apareceram nas criações de Tunga.

As obras bidimensionais do artista estão passando por um processo de autenticação, a fim de que somente peças checadas cheguem à publicação.

O processo, segundo Penna, a organizadora, envolve número identificador, título, data, dimensões, assinatura, localização e bibliografia, todo tipo de informações importantes à checagem da procedência de cada uma das peças.

Poucos artistas possuem catálogos raisonnés. Estão nessa lista restrita nomes consagrados da arte como Tarsila do Amaral, Candido Portinari, Iberê Camargo, Eliseu Visconti, bem como o pintor cearense Leonilson.

A Lisson, uma das maiores galerias de arte contemporânea do mundo, passa a representar o espólio do artista e vai cuidar das vendas das obras dele no exterior.

Um dos nomes mais celebrados e relevantes das artes visuais do Brasil, Tunga morreu aos 64 anos, de câncer.

Galeria Luciana Brito anuncia o seu novo diretor

SÃO PAULO A galeria paulistana Luciana Brito acaba de anunciar que será dirigida agora por Adriano Casanova, que há anos trabalha com o mercado de artes visuais.

Nas palavras da própria Luciana Brito, o trabalho de Casanova deve contribuir para o fortalecimento da galeria com a adição de novas estratégias.

Antes de assumir a direção da galeria de Luciana Brito, Casanova encerrou as atividades da que levava seu sobrenome e que ele fundou havia dez anos.

Criada em 1997, a galeria Luciana Brito diz que preza a difusão da produção de arte brasileira no exterior. Neste ano, ela abrigou exposições de artistas como Analívia Cordeiro e Gabriela Machado.



Faz parte do meu show

[RESUMO] No rastro do cancelamento das megaturnês de Ivete Sangalo e Ludmilla, o mercado de shows e festivais entra em crise. A recessão, que atinge até mesmo eventos do porte do Lollapalooza e do Rock in Rio, é puxada pela alta dos cachês milionários dos artistas e pela difícil concorrência com as apresentações grátis, bancadas por marcas, como a de Madonna no Rio, e as das prefeituras às vésperas destas eleições municipais

Por **Pedro Martins**
Editor-adjunto da Ilustrada

Ilustração **Silvis**
Designer gráfica e ilustradora

COMO A BANDA TOCA

Depois de tanta festa, é difícil evitar a ressaca. Ivete Sangalo e Ludmilla ainda se recuperam do desgaste causado pelo cancelamento das megaturnês que prometeram fazer por arenas Brasil afora, quando apresentações em grandíssima escala pareciam uma aposta certa de sucesso. Mas elas não são as únicas. Dois anos após a retomada de uma programação cultural intensa, no rastro do frenesi causado pelo fim da pandemia, o mercado de shows e festivais entrou em crise.

No entanto, mais do que indicar a alta ou a baixa de um artista ou uma produtora, com seus fãs e detratores que rivalizam nas redes sociais, a recessão reflete uma série de fatores sobre a indústria da música ao vivo, inclusive a crise de imagem gerada para os shows depois da morte de uma jovem numa apresentação de Taylor Swift, no ano passado, e a de um rapaz no festival I Wanna Be Tour, neste ano, ambas no Rio de Janeiro.

O declínio se traduz em números. Segundo o Mapa dos Festivais, estudo feito pela empresa de curadoria musical Bananas Music, a quantidade de eventos aumentou 138% no ano passado, com a criação de 71 festivais. Mas só neste ano nove foram adiados e outros nove foram cancelados, enquanto empresas importantes do ramo perderam o seu valor.

É o caso da Time for Fun, a T4F, que teve uma queda de cerca de 65% no valor de suas ações. Em março de 2022, quando a produtora voltou a realizar o Lollapalooza depois da paralisação pandêmica, elas eram vendidas a R$ 4,72. Hoje, custam R$ 1,62.

A produtora, responsável pela turnê de Taylor Swift, vai na contramão do índice Ibovespa, que reúne as principais empresas do mercado brasileiro e teve alta de 7,6% no mesmo período. Até a conclusão desta edição, a T4F não respondeu ao pedido de entrevista da reportagem.

Os maiores festivais do país também são atingidos, ainda que o impacto sobre eles seja menor, devido a fatores como a presença de estrelas internacionais e o investimento milionário de patrocinadores e da mídia.

O público do Lollapalooza, por exemplo, diminuiu 20% neste ano, enquanto o Rock in Rio, a menos de dois meses de seu início, ainda tem ingressos à venda para três de seus sete dias. Em comparação, as entradas da edição anterior se esgotaram com quatro meses de antecedência.

A Festa do Peão de Barretos, considerada o templo do sertanejo, enfrenta uma situação parecida. Ainda tem ingressos disponíveis para todos os seus dias, a partir de R$ 40, a menos de um mês do início do evento, que acontece no interior paulista.

A disponibilidade de entradas demonstra uma queda de interesse do público, ainda que festivais como o Rock in Rio, por exemplo, tenha preparado um line-up com mais novidades para este ano, como a contratação de artistas do sertanejo, o gênero musical mais ouvido do país, em razão das festividades de seus 40 anos.

A produtora 30e, que realizaria as turnês de Ivete Sangalo e Ludmilla, embora negue que o mercado passe por uma baixa, diz que vivemos um período de acomodação. "O público não vive mais a ânsia de estar em todos os eventos", diz, em nota por email. "Muitos eventos não conseguiram se manter porque são necessários anos até se consolidar, gerar lucro e ter seu espaço garantido."

Segundo o economista Fábio Rodrigues, do Insper, a crise do setor está mais ligada à mudança no comportamento do público do que à conjuntura econômica do Brasil —o índice de desemprego, por exemplo, está em queda em relação aos anos anteriores, quando os shows e festivais estavam em alta.

"As pessoas estavam desesperadas para sair de casa e viver, então se criou um mercado que não se sustenta. O público ainda quer entretenimento, mas não a qualquer custo e a todo momento", ele afirma. "Ninguém tem dinheiro para tudo."

O preço dos ingressos desses eventos é uma reclamação constante do público. Ainda segundo o levantamento da Bananas Music, o valor médio da entrada de um festival é R$ 329. Mas não é raro encontrar cifras mais altas. O Rock in Rio está cobrando R$ 795 para a entrada de um dia, e o Lollapalooza cobrou R$ 850, além da taxa de serviço de 20% para a compra pela internet.

Todos os valores estão acima dos R$ 300 que a maior parte do público diz considerar aceitável por um ingresso, de acordo com uma pesquisa feita pelo Serasa em parceria com o instituto Opinion Box.

E os preços só aumentam. Em dez anos, o valor do ingresso diário do Lollapalooza subiu 193%, e o do Rock in Rio, 148%. São altas maiores do que a inflação acumulada no período, de cerca de 80%, segundo o IPCA, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.

As maiores altas são recentes. Neste ano, a entrada do Lollapalooza ficou 43% mais cara, e a do Rock in Rio, 27,2%. São aumentos que também estão acima da inflação, de 4,66% para o período de realização do evento paulistano e de 8,65% para o carioca.

As turnês de Ivete Sangalo e Ludmilla tinham ingressos a partir de R$ 100, mas havia discrepâncias entre as cidades. Para assistir ao show de Ludmilla em Manaus, seria preciso desembolsar no mínimo R$ 190, quase o dobro do que em São Paulo.

Continua na pág. C5

INÊS 249



Continuação da pág. C4

Contudo, entre as cidades por onde a cantora passaria, a capital amazonense é a que tem a menor renda média por habitante, segundo um estudo da Fundação Getúlio Vargas a partir de dados do Imposto de Renda.

Dessa forma, a entrada da apresentação representaria quase 20% dos R$ 1.000 que, em média, um manauara ganha por mês. Isso sem contar os gastos com deslocamento e alimentação. Segundo o Serasa, o valor empenhado em comida e bebida, vendidas a preços inflacionados nos eventos, gira em torno de R$ 200, o que poderia comprometer mais 20% da renda de um fã de Manaus.

As cantoras atribuíram o cancelamento de suas turnês a uma suposta falta de condição logística da produtora 30e para realizar os eventos, sem detalhes ou explicações. Elas não quiseram dar entrevistas. Já a 30e afirmou que teve "boas vendas em algumas cidades e não tão boas em outras", mas que estava disposta a contornar a situação adotando estratégias como o adiamento de alguns shows, o cancelamento de outros e o reforço na divulgação de todos, mas as artistas não aceitaram um acordo e "optaram por um cancelamento unilateral".

Inevitavelmente, os cancelamentos geraram uma crise de imagem para os envolvidos, ante o espanto do público. Como artistas com números superlativos no streaming não conseguiram vender ingressos suficientes para uma turnê? O caso ilustra outra crise da indústria musical —a distância entre o sucesso na internet e no mundo de carne e osso.

Luísa Sonza, com seus 13 milhões de ouvintes mensais no Spotify, sabe disso. Sua última turnê teve shows cancelados e adiados, com ampla distribuição de ingressos para agentes do mercado, influenciadores e jornalistas. Ainda assim, houve apresentações, como a de João Pessoa, que virou notícia nos jornais locais pelo espaço vazio na casa de shows.

Isso porque, mesmo que estivesse em alta nas redes sociais, na crista de polêmicas geradas por seu último namoro, com o influenciador Chico Moedas, Sonza havia sido cautelosa —os shows aconteceram em casas menores. Em São Paulo, foi no Espaço Unimed, com capacidade para 8.000 pessoas, quase cinco vezes menor do que a do Allianz Parque, que Ivete e Ludmilla desejavam.

Uma das principais justificativas para o aumento no preço dos ingressos, sobretudo os de shows e festivais que reúnem astros internacionais, é a alta do dólar, já que os cachês são negociados na moeda americana, com uma cotação que dobrou na última década.

Mas o cachê dos brasileiros também subiu. Segundo produtores e funcionários de empresas do ramo ouvidos em anonimato —uma condição comum imposta à reportagem, já que a maior parte de seus contratos têm cláusulas rígidas de confidencialidade—, a razão do aumento é a alta demanda de contratações.

Um dos maiores nomes contemporâneos do pop, Jão, que encerra sua turnê nas próximas semanas, ilustra isso. Antes da pandemia, seu cachê era de R$ 90 mil. Em 2022, com a retomada dos shows, o valor quase triplicou, para R$ 250 mil, segundo um de seus empresários. No fim do ano passado, Jão já cobrava R$ 600 mil —o valor pago pela prefeitura da capital de Sergipe para um show.

Em que pese o aumento de seguidores e de plays que o cantor teve no streaming, é um aumento superlativo, de 566%. E Jão não é o único. Outro exemplo é Gusttavo Lima, o mais famoso dos sertanejos. Hoje, ele cobra até R$ 1,2 milhão por show, um aumento de 70% em relação aos R$ 700 mil cobrados antes da pandemia, conforme demonstram seus contratos com prefeituras.

As prefeituras, a propósito, também estão inflando os cachês, dizem os produtores. A Virada Cultural da capital paulista deste ano, por exemplo, foi a mais cara da história. Se em 2022 o show mais caro contratado pela prefeitura custou R$ 300 mil aos cofres públicos, este ano oito cachês ultrapassaram esse valor.

Nos rincões do país, prefeitos têm gastado milhões para levar cantores de sucesso a cidades com poucos milhares de habitantes, não raro se aproveitando dos shows para fazer propaganda e tentar se reeleger.

Os showmícios são proibidos desde 2006, mas não é difícil encontrar nas redes vídeos em que os artistas chamam os políticos para subir ao palco, elogiam a sua gestão e puxam até coros de "já ganhou", ao se referir ao pleito marcado para outubro.

Diretor da Abrape, a Associação Brasileira de Produtores de Eventos, Nei Ávila afirma que precisou cancelar um de seus eventos, o Forró do Piu Piu, em Amargosa, no centro-sul da Bahia. Em sua última edição, com um line-up que incluía Gusttavo Lima, o evento foi um sucesso de público, mas não deu lucro.

"Na Bahia, que tinha ao menos nove grandes eventos privados, com 20 anos de tradição, quase todos foram cancelados. Às vezes, o artista que eu contrato faz um show de graça noutra cidade a 30 quilômetros de distância", diz Ávila, que neste ano produziu o festival beneficente Salve o Sul, no Allianz Parque, em São Paulo.

"Os shows privados têm compromisso com uma planilha de custo e a saúde financeira. A iniciativa pública não, porque as prefeituras nem pechincham nos cachês. Eles não têm necessidade de vender ingresso."

As marcas também estariam inflacionando os cachês, segundo os produtores. O caso mais expressivo foi o de Madonna, em maio, que reuniu cerca de 1,5 milhão de pessoas na praia de Copacabana, nas estimativas da prefeitura carioca.

A apresentação foi paga pelo banco Itaú, que fez parcerias com a cervejaria Heineken e outras empresas para viabilizar o cachê de R$ 17 milhões da americana. A produtora BonusTrack, responsável pela realização do evento, não quis conversar com a reportagem.

Madonna também participou de uma campanha publicitária do banco, gravada na Ópera de Paris. O cachê do comercial, exibido massivamente na televisão e nas redes sociais, não foi revelado pelo banco.

Agora, será a vez de a Budweiser bancar um show com Bruno Mars, outra estrela americana da música pop. A apresentação, em outubro, não é aberta ao público como a de Madonna, mas tampouco tem ingressos à venda. As entradas serão sorteadas a partir de doações ao Rio Grande do Sul, numa campanha para arrecadar fundos para os gaúchos enfrentarem a crise causada pelas enchentes.

Tanto por parte das marcas quanto das prefeituras, há interesses na contratação desses artistas. É que se associar ao nome deles pode não só aumentar a sua popularidade nas redes sociais como até lavar a imagem de uma instituição que enfrenta crises de imagem recorrentes, caso dos bancos, num movimento que os especialistas em marketing de influência chamam de "art washing", ou lavagem com arte.

Em paralelo, aumentou o custo de produção dos eventos, principalmente devido à escassez de fornecedores, que subiram os preços ante a alta demanda registrada depois da pandemia. Antes, a estrutura de palco para uma festa de 10 mil pessoas, por exemplo, custava em torno de R$ 150 mil, e hoje sai por no mínimo R$ 220 mil, segundo os produtores.

Dessa forma, é difícil para uma empresa realizar um evento com ingressos a preços atrativos e que ainda gere lucro. As turnês de estrelas internacionais, como as de Taylor Swift e The Weeknd ou dos grupos Coldplay e RBD, são exceções.

Esses shows, que causam até brigas entre fãs e cambistas na busca por um ingresso vendido a milhares de reais, fogem à regra porque os artistas raramente se apresentam no país. Embora tenha feito um "pocket show" para a imprensa nos anos 2010, ao lado da sertaneja Paula Fernandes, Taylor Swift nunca tinha se apresentado ao público brasileiro.

É difícil os shows nacionais terem uma procura alta assim. Para as massas, pode não haver sentido em pagar para assistir a um artista que fez ou fará um show gratuito bancado por uma prefeitura ou uma marca, ainda que as apresentações possam ser diferentes, com mais investimento em elementos como cenografia, figurino e tecnologia.

Exceções são as apresentações incomuns, como as de Caetano Veloso e Maria Bethânia, com uma turnê que começa em agosto. É difícil ver os irmãos cantando juntos, assim como os Titãs, que se reuniram na turnê "Encontro", no ano passado, depois de 30 anos separados.

Por ser um evento raro, os Titãs reuniram 750 mil pessoas, em 47 shows, com 26 deles esgotados. O Natiruts segue o mesmo caminho, porque sua turnê em curso marca o fim do grupo. Até agora, são 500 mil ingressos vendidos, segundo a produtora 30e, a mesma que faria os shows de Ivete Sangalo e Ludmilla.

Mas Taylor Swift é uma só, os Titãs não existem mais e o Natiruts está no mesmo caminho, lembra Nei Ávila, o diretor da Associação Brasileira dos Promotores de Eventos. "Muita gente achou que estávamos num foguete que nunca ia parar de subir, mas a realidade é outra. Curtida em rede social não cola para quem paga cachê, artistas que não colaboram também não vendem ingressos, e precisamos nos ajustar, senão o foguete vai é cair." ←

INÊS 249



Em busca do look perfeito

[RESUMO] Megaeventos, como festivais e shows, se tornam termômetro fashion e fazem fãs gastarem muito mais do que o valor do ingresso para encontrar a produção de moda ideal. A tendência, que começou no Coachella, nos Estados Unidos, nos anos 2010, ganhou eco no Brasil com as redes sociais e ficou mais evidente em esforços de autoafirmação e homenagens a artistas

Por **Nadine Nascimento**
Editora-assistente da Ilustrada

Ilustração **Silvis**
Designer gráfica e ilustradora

COMO A BANDA TOCA

Era o início dos anos 2010 quando um evento no deserto da Califórnia, nos Estados Unidos, mudou o paradigma do que era um festival de música. O Coachella, ao reunir grandes nomes não só no line-up, mas também de público, e virar o destino favorito de celebridades como Vanessa Hudgens, Selena Gomez e as Kardashians, se tornou referência para pesquisas de tendências de moda e para posicionamento das marcas.

Naquele momento, o Coachella reunia as maiores fashionistas do mundo, muitas delas brasileiras — como Camila Coelho e Alessandra Ambrósio—, que "vlogavam" cada segundo daquela experiência no meio do deserto californiano. E os looks eram quase tão importantes quanto o festival. O evento foi um dos grandes responsáveis pelo boom da tendência "boho-chic" e um divisor de águas no conceito de moda de festival.

Mas o Coachella não foi o primeiro com essa importância. O Festival de Woodstock, que aconteceu em 1969 no estado de Nova York, também teve uma influência que ultrapassou a música e atingiu a cultura pop e, em consequência, a moda. O estilo hippie, que na época tinha mais a ver com ideais e contracultura, ganhou popularidade, e Woodstock é, até hoje, referência fashion com frequência.

No Brasil, festivais como o Lollapalooza, o Rock in Rio e, mais recentemente, o The Town têm mobilizado o público em torno de produções cada vez mais elaboradas. Dessa forma, esses megaeventos, para além de um encontro de grandes nomes da música, se tornam um espaço para ver e ser visto fora dos palcos, o que mobiliza também a indústria fashion.

"Com o crescimento da internet e do interesse pelo 'street style', as pessoas que até então eram anônimas passam a ser foco de interesse. A autenticidade desses estilos pessoais passa a ter grande destaque, o que impulsiona a 'montação' e a autoafirmação", diz o designer Dudu Bertholini.

Se até então definir o que é tendência era algo reservado aos veículos de comunicação, às grifes e às celebridades, a internet passa a "despadronizar" a moda. Os indivíduos se tornam um canal de comunicação para democratizar um espaço restrito. Como vitrines, os festivais são o cenário de expressão dessa autenticidade.

"As pessoas querem estar nos festivais com looks que geram impacto. Com as redes sociais e a monetização dos criadores de conteúdo, isso também vira um investimento. É algo do tipo 'vou investir nesse look porque pode me trazer visibilidade e retorno financeiro em algum momento'", diz a stylist Carolina Castro.

Ainda que a tendência de superproduções para shows não seja nova, ela ganhou novos contornos no ano passado com a "The Renaissance Tour", de Beyoncé, e seus looks prateados que remetiam à era da música disco, ou com a "The Eras Tour", de Taylor Swift, na qual as produções representavam fases da carreira da cantora.

Esse investimento em looks, seja para criar conteúdo ou para homenagear artistas, muitas vezes pode ter um gasto equivalente ou maior daquele empenhado com ingressos.

Em novembro passado, quando Taylor Swift passou pelo Brasil com uma série de shows, as redes sociais ficaram em polvorosa com as produções e os gastos dos fãs para verem a cantora. O tiktoker Walter Moraes, por exemplo, viralizou ao revelar quanto investiu para assistir a todas as apresentações dela.

Entre ingressos, acessórios, camisetas das chamadas "eras" e miçangas para fazer as pulseirinhas relacionadas à artista, o influencer desembolsou cerca de R$ 13 mil. O vídeo no qual ele soma esses gastos passa de 2 milhões de visualizações.

Já a criadora de conteúdo Manu Canielas começou a idealizar seus looks em junho para as apresentações que aconteceriam só em novembro. "É uma ocasião muito especial, algo que a gente esperou por muito tempo. Neste caso, fazia muitos anos que a Taylor não vinha para cá. Como trabalho com moda, vi ali também uma oportunidade de trabalho."

Assim, a criadora de conteúdo fez uma parceria com uma estilista de sua cidade, Porto Alegre, e criou looks que representavam as fases "Red", "Reputation" e "Speak Now" de Swift. Mesmo que as roupas tenham sido feitas com uma parceria, Canielas desembolsou cerca de R$ 7.000 para ver a cantora e criar conteúdo sobre os looks.

No Brasil, festivais como Lollapalooza e Rock in Rio têm mobilizado o público em torno de produções de looks que são cada vez mais elaborados

Ainda que a tendência de superproduções para shows não seja nova, ela ganhou novos contornos em 2023 com a 'The Renaissance Tour', de Beyoncé, e 'The Eras Tour', de Taylor Swift

Esse investimento em roupas, seja para criar conteúdo nas redes, seja para homenagear o seu artista preferido, muitas vezes pode levar os fãs a ter gastos equivalentes ou até bem maiores daqueles com os ingressos em si

Algo semelhante aconteceu com a passagem de Madonna pelo Brasil, em maio, com seu megashow no Rio de Janeiro, para o qual fãs se inspiraram em looks de clipes como os de "Like a Virgin", "Like a Prayer" e "Erotica".

"Percebo que tem essa onda da galera que vai para curtir o show e quer se vestir parecido com o artista. A gente vê o artista no palco e gosta de se sentir parecido com ele", diz Mari Lobo, criadora de conteúdo que confessa ter investido até R$ 500 numa produção para um festival.

Essa febre não acontece só entre artistas internacionais. Ludmilla, com sua turnê "Numanice", mobilizou muitos fãs em busca do look perfeito para assistir à cantora em seu show de pagode. A coordenadora de produtos Hellen Damasceno investiu R$ 700 no ingresso, cerca de R$ 400 em roupas e mais R$ 500 para trançar seu cabelo na ocasião.

"Você precisa estar adequada ao line-up e à setlist daquele evento. Acho que cada show tem uma 'vibe', e você precisa se sentir dentro dela para curtir até o final", diz Damasceno.

Os megaeventos também têm se consolidado como oportunidade para as marcas atraírem mais público. Após a pandemia, as pessoas estão cada vez mais dispostas a viverem experiências coletivas. Em 2022, o Rock in Rio reuniu 700 mil pessoas em sete dias, das quais 60% eram visitantes do Rio, o que gerou um impacto econômico de R$ 2 bilhões para a cidade, valor maior que na edição de 2019, segundo a plataforma de pesquisas de marketing Think with Google.

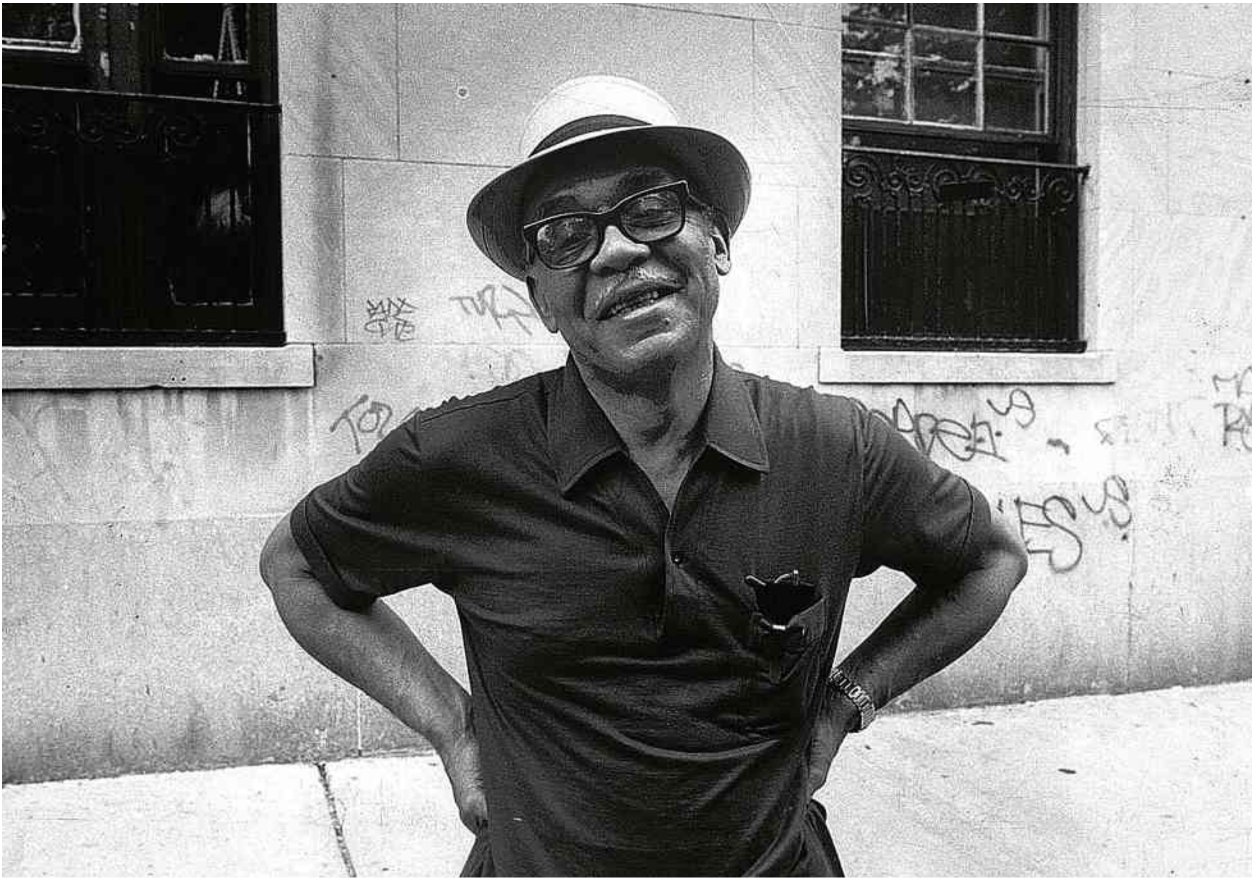
"Na C&A, a gente trata os festivais como um evento. Isso significa que temos uma longa preparação. Pesquisamos muito o comportamento do consumidor que frequenta esse tipo de evento, o 'mood' do festival, as bandas contratadas, aí a gente desenha a estratégia. Depois traduzimos numa coleção", diz Claudia Simon, diretora de operações da varejista.

Segundo ela, patrocinar o Rock in Rio, por exemplo, é uma forma de reafirmar o posicionamento da C&A. "O festival é um lugar de diversidade, que expressa felicidade e desperta a jovialidade nas pessoas, então é o lugar em que a gente quer estar." ←

Um escritor invisível

[RESUMO] Ralph Ellison (1914-1994) publicou apenas um livro de ficção em vida, o romance 'Homem Invisível', mas esse relato sobre a experiência de ser negro nos EUA bastou para assegurar seu lugar no cânone da literatura do país no século 20. Coletânea com contos inéditos escritos antes de sua consagração chega agora ao Brasil, o que permite ver a formação da voz poderosa de um escritor enigmático, que intriga leitores pela sofisticação e ambiguidade com que tratava a questão racial

Por ***Gabriel Trigueiro***
Doutor em história comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro


O escritor americano Ralph Ellison em Nova York, em 1986 Keith Meyers/The New York Times Photo

Ralph Ellison é um autor estranho e, talvez mais do que isso, ambíguo. Ao mesmo tempo em que integra o cânone da literatura norte-americana, sempre conservou, ainda que involuntariamente, algo de maldito.

"Voando para Casa e Outras Histórias", antologia de contos publicada originalmente em 1996 nos EUA, dois anos após a morte do escritor, acaba de ganhar sua primeira edição brasileira. São 14 histórias escritas entre 1937 e 1954, sendo que seis delas estavam inéditas. O livro foi organizado por John F. Callahan, editor de Ellison, após a revisão da viúva do autor.

A tradução da edição brasileira, feita por André Capilé, deu soluções criativas ao adaptar as marcas de oralidade do "black english" usado nos contos para a prosódia de um português de influência afroindígena, aquilo que Lélia Gonzalez chamou de "pretuguês". O resultado é formidável.

Homem negro, neto de escravos, Ellison ganhou notoriedade nos círculos literários no começo dos anos 1950, quando o racismo vigorava com ainda mais evidência e brutalidade nos EUA. No entanto, não costumava emitir declarações sobre a pauta dos direitos civis. Além disso, manifestava um temperamento conservador diante dos debates de seu tempo.

Pensava em si mesmo como herdeiro de autores modernistas como Joyce e T.S. Eliot. Aprendeu com eles a importância de símbolos, mitos e folclore popular na construção de uma escrita atenta aos particularismos regionais, mas cujo horizonte sempre foi aquilo que uma vez definiu como "a unidade básica da experiência humana".

Se é verdade que Ellison recorria a Faulkner, Hemingway e Dostoiévski, a fim de construir uma voz própria como escritor, era igualmente verdade que seu ouvido estava atento à dicção do blues, ao fraseado do jazz e ao sentido de épico dos spirituals e dos gospels.

O romance "Homem Invisível", única obra de ficção que publicou, foi lançado em 14 de abril de 1952, pela Random House. Com ele ganhou o National Book Award, um dos prêmios literários mais importantes dos EUA, de ficção no ano seguinte.

Embora rejeitasse as leituras de sua obra feitas sob um prisma autobiográfico, o protagonista jamais nomeado de seu romance compartilha uma série de traços comuns com sua trajetória. Sobretudo a experiência de lidar com variedades de racismo nos EUA: do Sul, legalmente segregado, ao Norte, com sua versão mais sutil e acanhada.

Ellison, nascido em Oklahoma em 1914, exerceu inúmeros subempregos no Sul, até que foi para Nova York, com o objetivo de se estabelecer financeiramente. Assim que chegou, na década de 1930, se tornou o protegido literário do famoso escritor Richard Wright ao se aventurar no mundo das letras.

Logo se aproximou do Partido Comunista norte-americano, que naquela época se referia aos negros como a "vanguarda da revolução". Não tardou, entretanto, para que se desiludisse e renunciasse ao seu recém-adquirido credo político. Um movimento semelhante ao do protagonista de "Homem Invisível" em relação à Irmandade, um grupo de orientação comunista.

Em entrevista à revista Paris Review, entretanto, Ellison retrucou seu entrevistador, que havia notado o paralelismo, nos seguintes termos: "Bom, em momento algum identifiquei a Irmandade como o Partido Comunista. Mas já que o senhor o fez, eu gostaria de recordá-lo de que ambos são brancos".

Aqui no Brasil, o jornalista Paulo Francis era um dos maiores entusiastas de Ellison. Francis havia se encantado com "Homem Invisível", um livro que considerava "admiravelmente bem escrito", ainda que "despolitizado". A opinião era tomada de empréstimo do ensaísta norte-americano Irving Howe, que havia escrito um texto violentamente crítico ao romance, na época de seu lançamento.

Francis classificava-o como um observador astuto da sociedade norte-americana e simpatizava sobretudo com sua visão de "sincretismo racial": a cultura negra deveria absorver os melhores elementos da cultura branca e, somente a partir daí, construir algo original e mais sofisticado. Ellison exemplificava sua visão com a cantora Ella Fitzgerald, que a seu ver teria "transformado e adensado" os músicos Rodgers e Hart, Cole Porter e George Gerswhin.

Ralph Ellison abordava a questão racial com ironia quase machadiana. Aliás, uma analogia possível com o Brasil seria a seguinte: enquanto Ellison tratava o tópico racial com a sutileza e a galhofa de Machado de Assis, James Baldwin, seu contemporâneo e um dos autores negros mais importantes dos EUA, representava uma literatura muito mais crua e combativa, a exemplo de Lima Barreto.

Nos EUA, Ellison foi aclamado por autores como Saul Bellow e John Cheever. O renomado crítico Harold Bloom, por sua vez, considerava-o "um autor magnífico" e dizia que seu livro "Homem Invisível" era um romance tão poderoso quanto "A Montanha Mágica", de Thomas Mann. Segundo uma anedota, Ellison era o autor negro favorito dos professores de literatura brancos.

Ralph Ellison abordava a questão racial com ironia quase machadiana. Aliás, uma analogia possível com o Brasil seria a seguinte: enquanto Ellison tratava o tópico racial com a sutileza e a galhofa de Machado de Assis, James Baldwin, seu contemporâneo e um dos autores negros mais importantes dos EUA, representava uma literatura muito mais crua e combativa, a exemplo de Lima Barreto

Diante de tanto prestígio literário, havia a expectativa, por parte de ativistas dos direitos civis, de que ele, um intelectual negro com acesso a espaços de poder, encampasse a pauta da equidade racial e se mostrasse um de seus defensores mais entusiasmados.

No entanto, a política não estava entre seus principais interesses, e a sua arte, acreditava, deveria falar por si própria. Ellison era um esteta, um esnobe cultural e, como já afirmaram uma vez, "um obcecado com arte e cultura, mas alguém que sentia horror diante de sua politização".

O Ellison de "Homem Invisível" é um autor de humor afiado, ligeiro e cruel. É alguém que se diverte ao frustrar as expectativas do leitor branco que buscasse uma passagem de primeira classe para uma terra exótica e culturalmente fetichizada.

O romance não oferece conforto ou redenção. Rompe com a tradição de realismo social tão comum à ficção de autores negros da geração anterior —o exemplo mais notável é o do padrinho das letras do autor, Richard Wright— e eleva a literatura negra nos EUA ao mesmo nível de expressividade ficcional de um Henry James. Os personagens do livro são autoconscientes, intelectualmente complexos e moralmente ambíguos.

Se em "Homem Invisível" há uma fraseologia própria, em "Voando Para Casa e Outras Histórias" encontramos um escritor ainda à procura dessa voz particular. Enquanto não a encontra, não hesita em imitar seus mestres.

A sombra de Hemingway está sempre presente, sobretudo na construção dos diálogos. Assim como as passagens de tempo são estabelecidas à moda de um Faulkner, outra referência literária importante.

Nas histórias de Buster e Riley, dois meninos que exploram o mundo com aquele sentido épico que somente as crianças têm, a influência de Mark Twain, tanto na forma quanto no universo temático, é mais do que perceptível.

Os contos mais interessantes são o que abre e o que fecha o livro. No primeiro, "[Uma Farra no Parque]", grafado assim mesmo, entre colchetes, o linchamento de um homem negro é contado da perspectiva de um menino branco. A violência é gráfica e há descrição acurada de como a política se articulava na esfera local nos estados do Sul. No último, "Voando para Casa", um piloto negro acidentado se vê constrangido pelos limites e pelas expectativas impostas simultaneamente por brancos e negros.

Nos contos, de forma geral, não há a ironia sutil presente em "Homem Invisível", mas sim uma crueza seca, novamente à moda de Hemingway. No entanto, outra marca distintiva de seu romance —a construção de longas cenas de tensão emocional, racial e psicológica, que se resolvem com um sentido peculiar de humor— já estava presente em algumas histórias. É o caso do conto "[Tem Hora que é Brabo Acompanhar]", no qual uma mulher negra de pele clara, ao flertar com um homem negro em um bar, é percebida como branca.

"O Meganha de Hymie" aborda a violência policial no registro de realismo social que seria depois questionado pelo próprio autor. "Quem Dera Eu Tivesse Asas" retrata o papel da religião na formação de uma certa sensibilidade e visão de mundo conservadora dos negros nos EUA.

Na coletânea, como se vê, raiva e sentimentalismo, elementos estranhos ao Ellison tardio, ainda são moeda corrente.

Como alguém disse uma vez, Ellison construiu sua obra pautado por três sentimentos: expectativa, orgulho e humilhação.

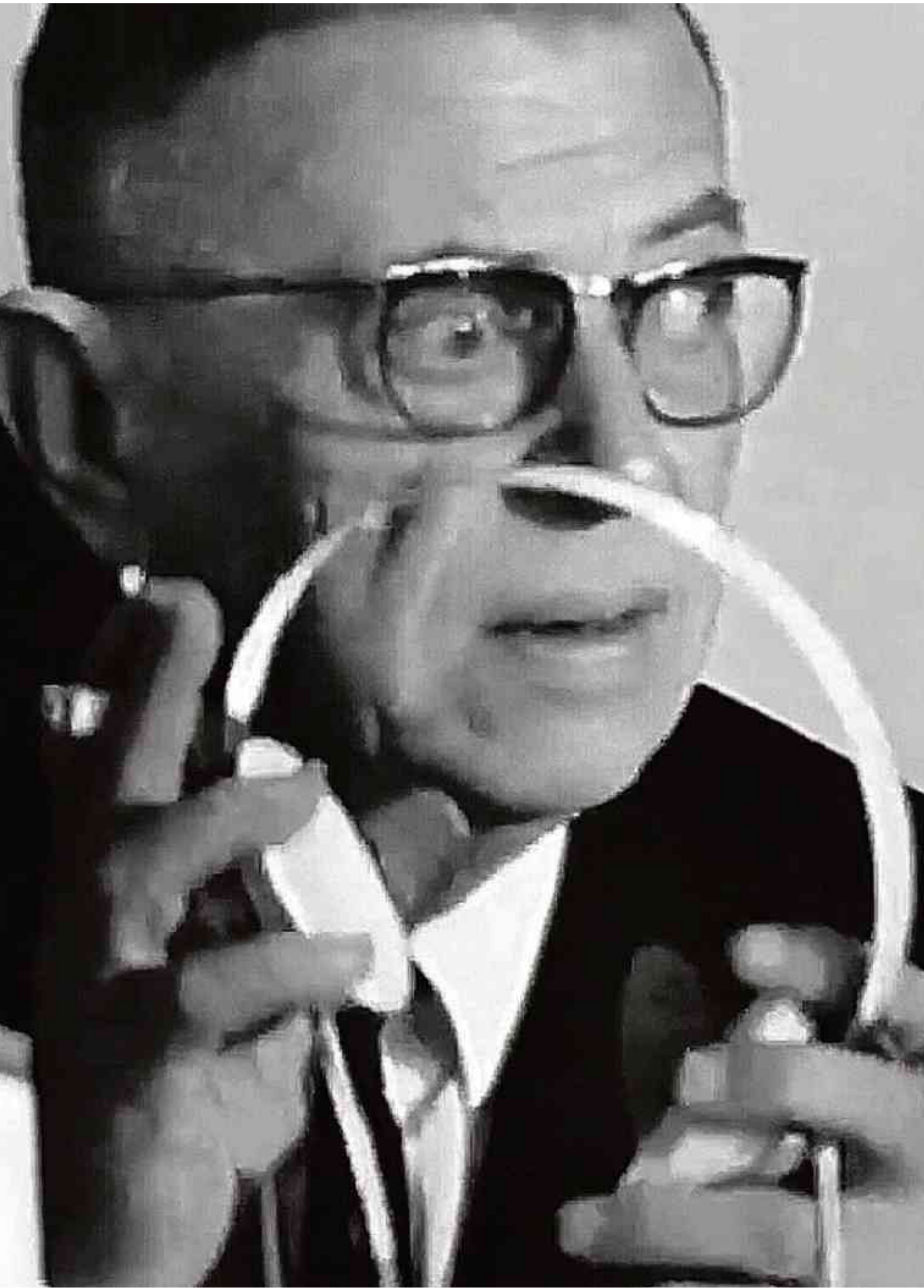
Em 2007, quando publicou uma biografia sobre ele, o crítico literário Arnold Rampersad afirmou que Ellison havia se afastado das questões relevantes às gerações mais jovens de escritores e intelectuais negros. Homens e mulheres que buscavam nele um mentor intelectual, uma liderança política, eram invariavelmente recebidos com uma atitude de apatia e de fria indiferença.

Grupos variados projetaram nele seus anseios e suas expectativas, mas quase sempre ignoraram o Ellison real, o ser humano em sua inteireza, complexidade, contradições e falhas. Seria injusto dizer que o escritor menosprezava o problema racial, mas não via nele um motor essencial para sua vida ou obra. Parecia se pautar por um otimismo inabalável, uma fé na capacidade de transcendência pela arte.

Talvez seu desejo mais ambicioso, sendo um dos principais autores e intelectuais negros de uma sociedade profundamente racista, fosse um dia conseguir responder à questão formulada por personagem de um de seus contos: "Por que você não pode simplesmente ser quem você é?". ←

Voando para Casa e Outras Histórias
Autor: Ralph Ellison. Editora: José Olympio. Tradução: André Capilé. R$ 69,90 (240 págs.)

Homem Invisível
Autor: Ralph Ellison. Editora: José Olympio. Tradução: Mauro Gama. R$ 79,90 (574 págs.)


Jean-Paul Sartre em 1966 Reprodução


Edward Said na Universidade Columbia Ruby Washington - 9.jul.98/The New York Times

Equívocos identitaristas

[RESUMO] A política identitária, rechaçada pela direita, afeta ainda mais as perspectivas de expansão da esquerda na sociedade, escreve autor, que argumenta que movimentos atuais se apropriam da obra de Michel Foucault e Edward Said aos fragmentos, usando noções equivocadas de luta contra formas injustas de poder

Por ***Leonardo Avritzer***
Professor titular do Departamento de Ciência Política da UFMG

Tem se desenvolvido no Brasil um paradoxo político em relação à ascensão das formas identitárias de política que pode ser enunciado da seguinte forma: a política identitária é fortemente atacada pela direita, mas o que ela prejudica, de fato, é a inserção e a expansão da esquerda na sociedade brasileira.

A esquerda não enxerga esse paradoxo porque sua proposta política está ligada a uma suposta afinidade eletiva entre alguns dos objetivos da política identitária, como a inclusão de negros e mulheres na política, na academia e em outras instituições culturais, e sua concepção de fundo acerca da inclusão e da pluralização da sociedade.

No entanto, tem escapado aos atores políticos de esquerda uma dimensão adicional: a tentativa de criar uma narrativa epistemológica na qual tanto a crítica do eurocentrismo associada à apologia acrítica do pós-colonialismo quanto a crítica generalizada da ciência e dos homens brancos acabam assumindo a dimensão de um sectarismo essencialista e antipolítico que tem afetado a capacidade política da esquerda.

Entendo como esquerda uma orientação política centrada na preocupação com a desigualdade a partir de um entendimento de que sua redução implica impor limites à forma como o mercado distribui riqueza. Mas é importante ter em mente uma segunda dimensão, que denomino de organizacional, relacionada à percepção de que a esquerda apenas se torna hegemônica quando consegue ultrapassar politicamente as fronteiras de sua base política. Foi assim na Europa do pós-guerra e na América Latina na primeira década deste século.

Neste artigo, busco analisar a crise da esquerda desde os anos 1980 e 1990 e a maneira como a esquerda, a política do corpo e o anticolonialismo se conectam nas obras de Michel Foucault (1926-1984) e Edward Said (1935-2003).

Hoje, vemos proliferar na esquerda uma ideologia que parece ter muito pouco a ver com a obra desses autores, alvo de apropriações frequentemente equivocadas. A partir do que Foucault deixou escrito, ele dificilmente concordaria com a noção identitária de justiça, muito menos com os tribunais identitários das redes sociais e os processos de cancelamento. Said foi, ao mesmo tempo, um recuperador e um crítico da tradição colonial.

Diante disso, pretendo também mostrar que a apropriação da política do corpo e da crítica do colonialismo pelo identitarismo rompe com o objetivo político desses autores e, assim, bloqueia a tradição de esquerda.

A apropriação que movimentos fazem da obra de Foucault é parcial e frequentemente equivocada. Se o autor teve como intenção ampliar as discussões sobre poder e dominação com o objetivo de criar novas dimensões de emancipação, esses movimentos transformaram essa intenção em um processo individual de busca de identidades pela via da demarcação

A crise da esquerda

O projeto clássico de esquerda, que se consolidou no pós-guerra, esteve centrado nas organizações da classe trabalhadora e nos partidos comunistas e socialistas. O papel dos partidos comunistas na resistência ao nazifascismo, em especial na França e na Itália, e o da União Soviética em sua derrota marcaram o início do pós-guerra como um período de forte redução das desigualdades sociais na Europa e de ampliação do número de governos de esquerda na região, como mostrou o historiador Tony Judt.

Dessa forma, houve uma integração entre dois princípios que nortearam a política do pós-guerra: de um lado, a ideia de justiça centrada em uma organização política, o partido comunista; de outro, a concepção de igualdade social ampla baseada no Estado. Esse projeto começou a naufragar com a intervenção da URSS na Hungria, em 1956, e entrou completamente em crise com a invasão da Tchecoslováquia pelos soviéticos, em 1968.

Um intelectual balizou a forma como a Europa reagiu aos dois episódios: Jean-Paul Sartre (1905-1980), que se tornou o líder intelectual inconteste da esquerda europeia ainda em 1945. Em 1948, o francês foi criticado pela URSS, que tentou impedir que proferisse uma palestra em Helsinque, então sob forte influência soviética. No mesmo ano, Sartre também foi colocado em uma lista de vetos do Vaticano por motivos completamente diversos. Para a Santa Sé, ele era um "denegridor inveterado, um blasfemista, um homem com uma visão perniciosa e venenosa, um claro corruptor da juventude", conforme registrou István Mészáros.

Sartre simbolizou um projeto europeu muito específico que conectou igualdade política e liberdade moral nas décadas de 1950 e 1960. Esse projeto fortaleceu a esquerda no pós-guerra, cruzou o Atlântico e se expressou nos Estados Unidos de uma forma diferente e extremamente relevante, associando esquerda e igualdade racial.

Sartre não condenou a invasão soviética da Hungria e, ainda em 1956, declarou que o marxismo constituía "a filosofia do nosso tempo". Porém, o expansionismo antidemocrático da União Soviética acabaria por afetar decisivamente a esquerda europeia. Sartre, então, foi se afastando completamente do marxismo até renegá-lo.

Uma tradição política não termina porque um pensador desiste dela. A maneira como Sartre e os intelectuais franceses puseram fim à tradição marxista não representou o fim da política de esquerda na França, uma vez que havia um continuador óbvio. Penso que esse papel não foi desempenhado por Perry Anderson ou Susan Neiman, mas por Foucault.

Do marxismo a Foucault

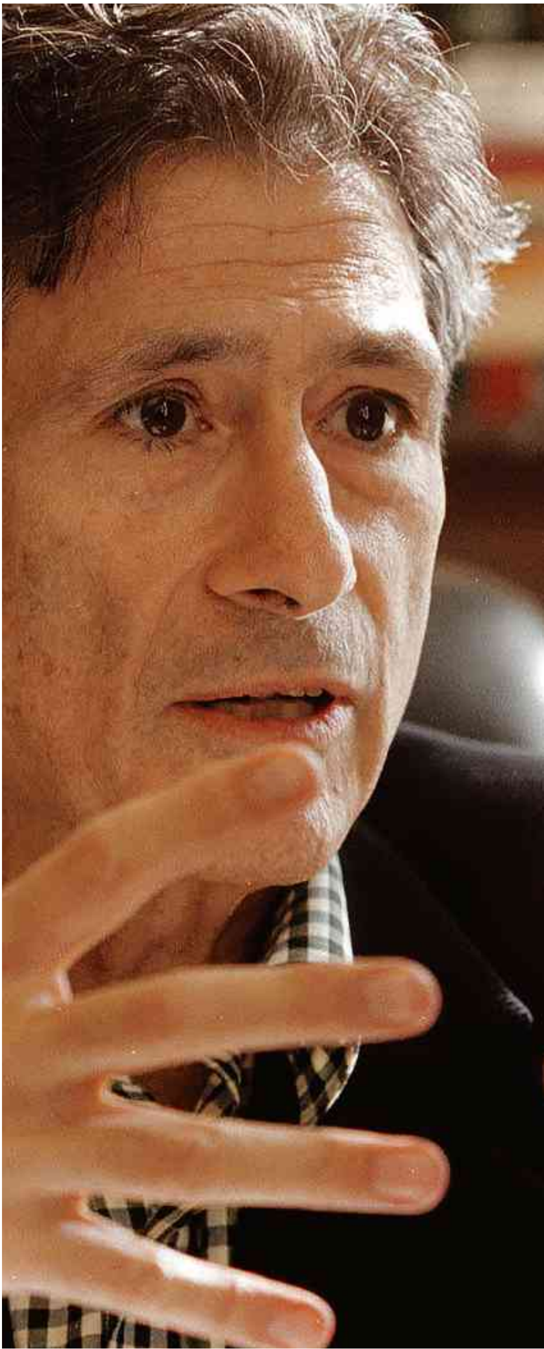
Apesar de alguns autores terem defendido que o colapso da União Soviética representaria o fim da esquerda ou o fim da história, o que ocorreu foi um forte deslocamento naquilo que passou a constituir as preocupações fundamentais dos atores de esquerda no pós-Guerra Fria.

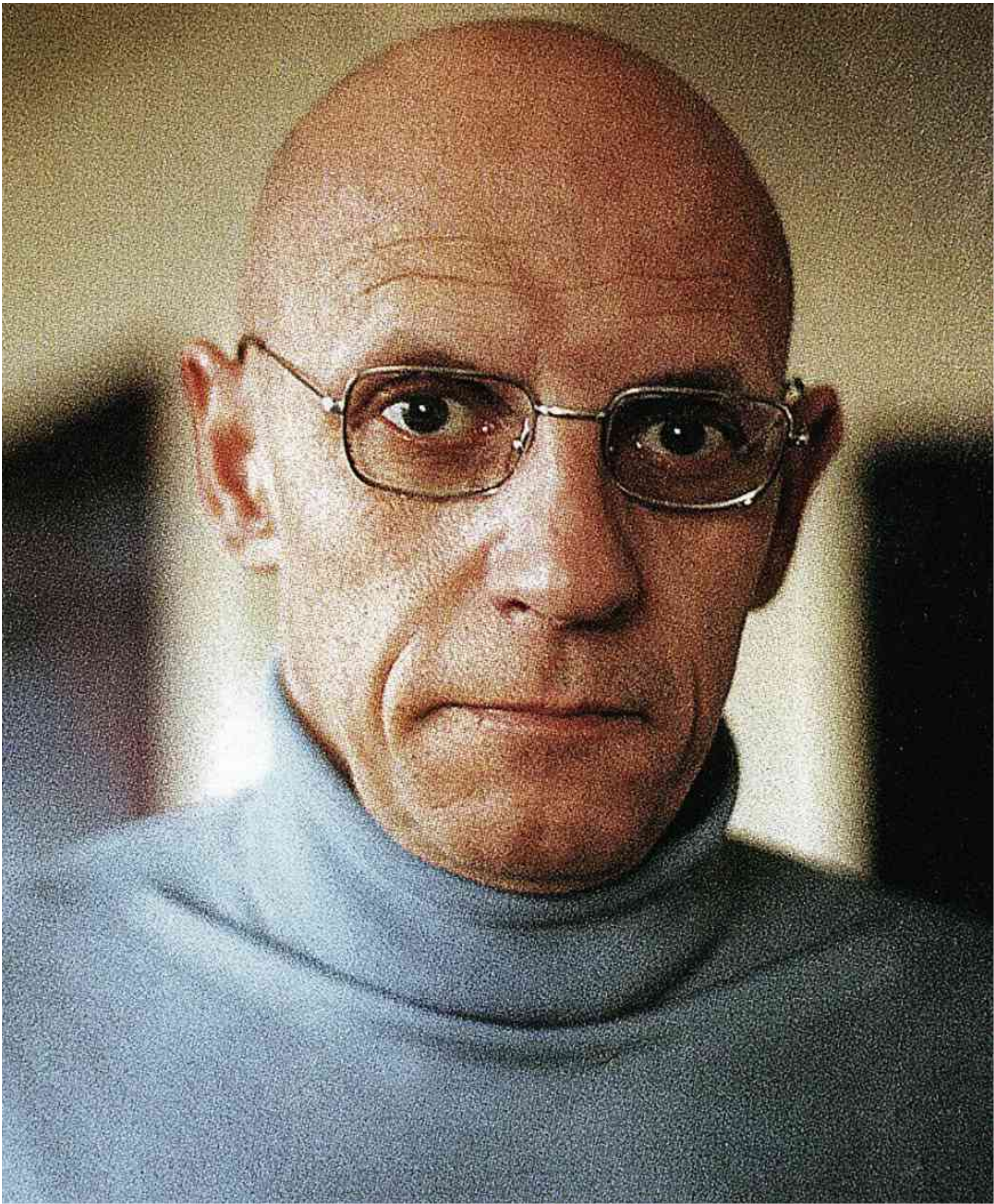
Dois autores simbolizaram esse deslocamento ao colocar questões que passaram a ser a agenda fundamental da esquerda nas últimas décadas: o filósofo francês Michel Foucault e o crítico literário palestino Edward Said. No entanto, o interessante está na maneira como as políticas identitária e pós-colonial se apropriaram dos dois autores, substituindo a parte pelo todo.

Foucault começou sua vida política como membro do partido comunista francês e discípulo do filósofo estruturalista Louis Althusser e, logo em seguida, abandonou ambos. Em um dos centros de suas preocupações intelectuais, há um debate nítido com o marxismo: a questão sobre o entendimento do poder.

Para Foucault, o poder não deve ser compreendido concentrado em uma questão ou em uma estrutura, tal como a teoria e a filosofia política pensaram, de Hobbes a Marx, mas diluído por diversos campos da sociedade. Para entender esses diversos campos, é indispensável o que Foucault chamou de genealogia do poder, isto é, um diagnóstico das relações entre o poder, o conhecimento e o corpo. Aqui reside

Continua na pág. C9





Michel Foucault em fotografia sem data Reprodução

Continuação da pág. C8

o ponto fulcral do que será uma revolução de paradigma: o poder não se concentra apenas no Estado ou no capitalismo, é também uma constelação discursiva.

Essa constelação discursiva não pode ser entendida a partir de um conceito de história uniforme, como Marx pensou em obras como "Manifesto Comunista". Ao contrário, ela deve ser buscada em formas não uniformes de manifestação. A história deve perceber os indivíduos em constante movimento no que diz respeito à verdade, à beleza e, principalmente, ao próprio corpo.

Essa constelação discursiva está em muitos segmentos da obra do autor, principalmente em um texto sobre o corpo e a sexualidade. Em "História da Sexualidade", um dos pontos importantes levantados por Foucault, contra toda a historiografia anterior, está relacionado à chamada era vitoriana não ter sido marcada pela ocultação da sexualidade, mas por sua explicitação. Com isso, Foucault rompeu a demarcação geralmente aceita entre fala e silêncio ou entre lícito e ilícito e procurou mostrar como as diferentes instituições tratam o sexo.

Entre quem entrou em cena para discutir e classificar o sexo, se encontram naturalmente a medicina e a psiquiatria, na interseção entre disciplina e conhecimento. É esse o campo em que Foucault pretendeu associar as ideias de poder e de verdade. Ele quis mostrar que o poder não é só um lugar e não se concentra apenas no Estado, mas em todas as formas de classificação que criam algum padrão de injustiça em relação a práticas reais dos indivíduos.

É dessa ideia de poder que emerge uma concepção de justiça, que também é diferente daquela proposta pelo marxismo e pela esquerda. A justiça é a capacidade de fazer com que práticas ligadas ao corpo não sejam nem classificadas nem reprimidas.

Não existe qualquer espaço para dúvidas sobre se Foucault de fato apresentou uma teoria qualitativamente diferente do marxismo, à medida que ele deslocou o problema da tomada do poder com uma visão de justiça baseada nos interesses de um ator social —no caso, a classe trabalhadora— para uma concepção na qual o exercício de certas liberdades, especialmente no campo sexual, se torna possível.

A apropriação que alguns movimentos identitários fazem da obra do autor é decididamente parcial e frequentemente equivocada. Se Foucault teve como intenção ampliar, na direção sexual, as diferentes discussões sobre poder e dominação com o objetivo de criar novas dimensões de emancipação ou, pelo menos, de autonomia individual, os movimentos identitários transformaram essa intenção muito mais em um processo individual de busca de identidades pela via da demarcação.

Ao mesmo tempo, os movimentos identitários criaram agendas que não passam pela busca de concepções amplas e multifacetadas de justiça, mas por uma identificação individualista e simplista da afirmação de identidades sexuais como forma de justiça.

Como resultado, temos uma perda, no campo da esquerda, da noção de luta contra as formas injustas de poder e de justiça, substituída por diferentes ações de afirmação identitária que podem ser entendidas como pós-justiça —sempre centradas na linguagem, não na ação social.

Edward Said

Edward Said se tornou, entre as décadas de 1970 e 2000, um dos autores fundamentais para repensar a esquerda a partir de uma contribuição central: a revalorização da tradição conhecida como colonial ou decolonial. Nascido em Jerusalém, com doutorado em Harvard e professor da Universidade Columbia, ele se tornou o crítico mais profundo da literatura ocidental, em especial da visão do Oriente ou do colono nessa literatura.

No seu livro mais conhecido, "Orientalismo", o autor buscou mostrar que o Oriente foi uma invenção do Ocidente destinada a designar o outro pejorativamente, à medida que os elementos comuns entre o Japão, a Arábia Saudita e a Índia não eram mais significativos que suas diferenças ou as semelhanças de cada um deles com países ocidentais.

Contudo, o ponto central da tradição que Said inaugurou é a crítica da invenção do Oriente como "um lugar de seres exóticos, memorais e paisagens assombrosas e experiências singulares". Com "Orientalismo" —mas também em suas "Reflexões sobre o Exílio", em que resgata da literatura europeia a figura do latino-americano—, o autor inaugurou uma pedagogia de reconhecimento e de valorização do outro que teve consequências políticas profundas, à medida que tanto a política no não Ocidente quanto a ideia de formas de conhecimento poderão ser entendidas de outra maneira.

Desde "Orientalismo", há na obra de Said, portanto, uma tentativa de mudar a maneira como o Oriente é visto —e, mesmo tratada em termos literários, essa mudança tem fortes consequências políticas. Em "Reflexões sobre o Exílio", Said critica a visão do pensamento liberal ou de esquerda de que países do Terceiro Mundo "sofram de feridas autoinfligidas, sendo eles mesmos seus principais inimigos".

Assim, dois aspectos são fundamentais na obra do autor: uma crítica do Ocidente, que ele remete às ações coloniais da Grã-Bretanha e da França, e uma tentativa de revalorizar as formas culturais do Oriente —aqui cabe um conjunto mais amplo daquilo que se denomina Ocidente.

Na obra de Said, não existe dualismo ou 'nós versus eles', como tampouco houve qualquer descarte de autores ocidentais na construção de seu modelo de análise

O identitarismo naturaliza e essencializa a concepção de homem branco de Said. Assim, Marx, Gramsci, Sartre e Foucault não são mais que brancos privilegiados

O método utilizado por Said para pensar esse imbricamento entre cultura e política implicou em não operar dualisticamente, como têm feito muitos dos seus discípulos e dos defensores do que se chama decolonial. Pelo contrário, a recuperação exitosa que Said fez do pensamento colonial ou pós-colonial se articulou com múltiplas referências próprias do Ocidente na filosofia e na música.

O objetivo de Said, como ele mesmo colocou, é mostrar que os autores não são mecanicamente determinados por ideologia, classe e história econômica. Ainda mais importante é sua afirmação de que o imperialismo, tanto no século 19 quanto no 20, avançou em conjunto com a resistência ao imperialismo, "o que não exime os povos colonizados da crítica. Qualquer análise mínima dos países pós-coloniais revela os acertos e os erros do nacionalismo". Ou seja, na obra de Said, não existe dualismo ou "nós versus eles", como tampouco houve qualquer descarte de autores ocidentais na construção de seu modelo de análise.

Temos, assim, uma obra literária com profundas implicações políticas, mas que tem sido interpretada de forma completamente equivocada pelo movimento que chamamos de esquerda identitária.

Alguns elementos têm sido desprezados pelos supostos continuadores decoloniais do pensamento de Said. O primeiro deles é a visão sobre o homem branco em sua obra. Para o autor, o homem branco é o colonizador europeu da África e da Ásia.

Said escreveu que ser um homem branco nas colônias significava deter "uma forma de autoridade perante os não brancos e mesmo dos brancos se esperava que se curvassem a ela. Na forma institucional que ela assumiu (governos coloniais, corpos consulares, estabelecimentos comerciais), ele constituía uma agência para a expressão, difusão e implementação de uma política em relação ao mundo [...]. Ser um homem branco constituía uma maneira concreta de estar-no-mundo".

O identitarismo naturaliza e essencializa a concepção de homem branco de Said. Assim, Marx, Gramsci, Sartre e Foucault não são mais que brancos privilegiados.

Ao separar a política do corpo da política de esquerda e ao hipostasiar a ideia do homem branco colonial como forma geral do homem branco, o identitarismo assume uma posição inversa à desses atores, que estabeleceram um diálogo produtivo com a esquerda e o marxismo para ampliar a categoria dominação, a situando além do poder do Estado e do capitalismo.

O identitarismo rompe com a tradição de esquerda e não consegue substituí-la por nada mais que um corporativismo epistemológico de ex-dominados que rompe com quaisquer critérios de justiça e igualdade.

A identificação do identitarismo com o pensamento e a prática política de esquerda parece rompida porque o elemento central da política de esquerda é a possibilidade de formação de maiorias entre dominados e não dominados, de forma a consolidar um conceito amplo de justiça no qual o passado pode ter um peso limitado, mas não pode jamais substituir o presente e o futuro.

O identitarismo é uma teoria equivocada do presente na qual só o passado tem peso e nenhuma proposta de futuro comum é apresentada. Esse é o caminho para o isolamento e para a derrota do pensamento de esquerda. ←

Ailton Krenak
Excepcionalmente, a coluna não é publicada nesta edição

INÊS 249


Corpo de Che Guevara é observado por soldados em Vallegrande, na Bolívia, em 1967 Rene Cadima/Reuters

A vingadora de Che Guevara

[RESUMO] 'Surazo' retrata a impressionante história da comunidade nazista formada na Bolívia após a 2ª Guerra e seu entrelaçamento com as turbulências políticas da região nos anos seguintes. Hans Ert, cinegrafista da máquina de propaganda alemã, emigrou para o país andino e lá criou sua filha, Monika, que viria a se tornar guerrilheira de esquerda e assassina do militar que ordenou a morte de Che Guevara

Por **Sylvia Colombo**
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, é colunista da Folha. Foi correspondente em Londres e em Buenos Aires

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, milhares de ex-oficiais nazistas e simpatizantes do regime migraram para a América Latina. Essa história é bem conhecida por conta da vinda de nomes da alta hierarquia nazi para países como a Argentina (Adolf Eichmann) e o Brasil (Josef Mengele), entre tantos.

Menos conhecida, porém, é a instalação de nazistas de menor projeção ou apenas aliados do regime liderado por Adolf Hitler. Um deles chegou à Bolívia, com a família, e foi viver discretamente na fazenda de La Dolorida, a mil quilômetros de La Paz.

Tratava-se de Hans Ertl, cinegrafista e fotógrafo que havia trabalhado na máquina de propaganda alemã. Entre outras coisas, Ertl participou da equipe que realizou filmes de Leni Riefenstahl, incluindo "Olympia" (1938), e documentou os encontros entre o füher e Mussolini.

Na Bolívia, andava apenas na companhia de outros refugiados nazistas, entre eles Klaus Barbie, ex-oficial da Gestapo, conhecido como "O Açougueiro de Lyon". Considerado um criminoso de guerra, Barbie havia sido condenado à morte na Alemanha pelo fuzilamento de milhares de pessoas e pelo envio de 44 crianças para o campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia.

Hans Erlt, embora conectado a essas figuras, permaneceu fora de atividades políticas em território boliviano. Dedicou-se a filmar a natureza e tem obras sobre etnografia ainda hoje consultadas por acadêmicos do país.

Em "Surazo – Hans e Monika Ertl: Uma História Alemã na Bolívia" (ed. Mundaréu), a autora austríaca Karin Harrasser conta a história dos Ertl e dessa comunidade sinistra, assim como o incrível "plot twist" dessa trama.

No meio desse ambiente nazi escondido na Bolívia, cresceu Monika Ertl, uma das três filhas de Hans que chegaram ainda crianças ao país andino. Lá, Monika passou a se comover com causas sociais: a pobreza, os direitos humanos, o racismo e as transformações no ambiente. Também se revoltou com os governos autoritários e brancos do país.

Muito jovem, Monika tornou-se uma guerrilheira de esquerda. Anos depois, entraria para a história como a mulher que vingaria a morte de Che Guevara, matando Roberto Quintanilla, o homem que deu a ordem de assassinar o revolucionário argentino.

"Essa é uma história que precisa ser contada. No cenário internacional atual, em que crescem o autoritarismo e a extrema direita, é preciso conhecer as alternativas de resistência que havia naquela época. Não para usar seus mesmos métodos, como a luta armada, mas para criar consciência", diz Harrasser à **Folha**.

A Bolívia onde a história se desenrola vivia uma sequência de governos militares, esparsas eleições e mandatos interrompidos por golpes de Estado. Essa situação se manteve entre 1964 e 1982.

Em 2021, o atual presidente da República, Luis Arce, recebeu o primeiro relatório geral da Comissão da Verdade que vinha trabalhando desde 2017. Nele, investigaram-se os abusos contra direitos humanos de 10 presidentes militares (René Barrientos, Alfredo Ovando, Juan José Torres, Hugo Banzer, Juan Pereda, David Padilla, Albero Natusch, Luis García Meza, Celso Torrelio e Guido Vildoso) que comandaram o país no período.

A entidade até aqui levantou mais de 6.800 casos de pessoas vítimas de perseguição, mas ainda é difícil estabelecer a cifra de mortos e desaparecidos, calculados entre 6.000 e 8.000. Foram registrados ainda milhares de casos de violência sexual, expulsões e torturas.

"É muito difícil investigar esse período na Bolívia, todos esses militares foram muito eficientes em destruir a documentação e os vestígios de seus crimes", conta Harrasser.

Foi no governo de René Barrientos que se deu o mais conhecido delito dos regimes autoritários bolivianos, o assassinato do revolucionário Che Guevara, em La Higuera, em 9 de outubro de 1967. Depois de ser um dos ideólogos e comandantes da Revolução Cubana (1959), Che havia saído pela África e pela América do Sul, com o sonho de exportá-la a outros territórios.

Monika Erlt tinha em Che um de seus maiores ídolos. Foi inspirada em suas ideias que entrou para o ELN (Exército de Libertação Nacional da Bolívia) ou a guerrilha de Ñancahuazú, grupo de inspiração marxista que pegou em armas para tentar derrubar os militares.

"A transformação de Monika em guerrilheira foi um processo turbulento para ela mesma, já que a conexão com seu pai era muito forte. Mas, na medida em que foi crescendo, observando como viviam os camponeses bolivianos e os mineiros chilenos, foi tomando consciência política e dando-se conta do que tinham feito os amigos de seu pai. Os valores de esquerda vão se fortalecendo nela, mas a esquerda de sua época era também uma esquerda violenta", afirma a pesquisadora.

'A transformação de Monika em guerrilheira foi um processo turbulento para ela mesma, já que a conexão com seu pai [cinegrafista da propaganda nazista] era muito forte', afirma pesquisadora

"Foi comum entre vários jovens da idade dela a descoberta paulatina de que eram a primeira geração após os crimes de guerra cometidos pelos pais ou pelos valores nos quais seus pais acreditavam", diz Harrasser. "É claro que a opção pela resistência armada não era a melhor delas, mas eu hoje entendo porque foi a que ela tomou. Tratava-se de um ambiente de extrema violência em geral", conclui.

Mesmo estando na Bolívia, Monika passou a ter contato próximo com vários grupos europeus, como militantes italianos e maoístas alemães, até que se radicalizou, abandonou o jovem marido, também filho de imigrantes alemães, e passou à clandestinidade com a guerrilha. A partir desse momento, adotou o pseudônimo de "Imilla".

Foi por meio das conexões europeias que Monika localizou, em 1971, o paradeiro de Roberto Quintanilla Pereira, que havia sido chefe de inteligência do Exército boliviano quando Che foi preso no interior da Bolívia. Além de dar a ordem para matá-lo, Quintanilla também determinou que suas mãos fossem cortadas.

Após o episódio, Quintanilla foi transferido para Hamburgo, na Alemanha, onde passou a atuar como cônsul da Bolívia. A operação que Monika executaria era extremamente complicada. Toda a logística havia sido preparada em seus mínimos detalhes.

Ela tomou um voo em La Paz com destino à sua Alemanha natal. Chegando lá, comprou uma peruca loira. Pediu, então, uma consulta com o cônsul, apresentando-se como uma australiana que vivia em Hamburgo e queria ter informações sobre turismo na Bolívia, dizendo que pretendia passar férias no então exótico e distante país sul-americano.

O visual era chamativo, e a ideia era, de certo modo, seduzir Quintanilla, conhecido como conquistador barato na Bolívia.

Ele a recebeu em 1º de abril de 1971 de terno e gravata, mostrou-lhe fole falou das belezas de seu país. A conversa entre eles fluiu. A secretária e tradutora de Quintanilla deixou registros do encontro.

De repente, Monika se levantou e retirou da bolsa a pequena pistola que lhe entregaram para a missão. O tempo era pouco, a ação foi rápida, alguns tiros e Quintanilla caiu ao chão. Estava vingada a morte brutal de Che Guevara.

Teria sido o crime perfeito se Monika não tivesse que enfrentar a mulher de Quintanilla, que acabava de entrar no escritório. Na briga, perdeu a peruca, deixou cair a bolsa e a arma, deixou várias evidências.

Quando escapou e conseguiu voar ao Chile, foi aconselhada a não voltar à Bolívia. Porém, já tinha lá sua próxima missão em andamento: sequestrar Klaus Barbie, o amigo de seu pai, conhecido em sua casa como "tio Klaus".

Animada pelas ações da Mossad, agência de espionagem de Israel, para buscar e levar a julgamento nazistas na Europa, Monika se empenhou na elaboração de uma armadilha para Barbie.

No entanto, o ex-oficial da Gestapo estava mais bem informado que ela, além de ser um importante colaborador do ditador Hugo Banzer, cujo governo era apoiado pelos EUA.

Os serviços secretos bolivianos a emboscam em El Alto, cidade sede de várias organizações sociais e sindicais, na região metropolitana de La Paz, em 1973. Segundo testemunhas, Monika foi fuzilada em plena rua, embora seu corpo nunca tenha sido encontrado.

Hans Ertl, o pai dela, viveu mais 27 anos, reclamando a morte da filha e denunciando os abusos contra ela. Afirmava que Monika tinha sido torturada e violada pelo regime, com o qual, diz, não teria nenhuma ligação.

Segundo Harrasser, Hans fez-se vítima e tentou, o resto de sua vida, afastar-se do rótulo de nazista. No entanto, estava claro que "tudo o que falou e fez antes de morrer havia sido para aliviar sua culpa, era um mentiroso completo", completa a autora. ←

Surazo – Hans e Monika Ertl: Uma História Alemã na Bolívia
Autora: Karin Harrasser. Editora: Mundaréu. Tradução: Daniel Martineschen. R$ 86 (288 págs.)

Equipe econômica defende antecipar sucessão no BC para reduzir custo

Acelerar transição seria um passo para dar sinalizações sobre o futuro da política monetária

Idiana Tomazelli e Nathalia Garcia

BRASÍLIA A equipe econômica vê a mudança de comando no Banco Central como uma espécie de segunda transição no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) —a primeira ocorreu quando o petista foi eleito, em 2022, e começou a definir seu ministério e medidas econômicas.

Assim como naquela época, a incerteza tem cobrado seu preço. Um auxiliar do ministro Fernando Haddad (Fazenda) avalia que o custo dessa segunda transição tem se refletido nos ativos e atribui cerca de R$ 0,15 na cotação do dólar —fechada a R$ 5,604 nesta sexta-feira (19)— à indefinição no comando do BC.

Antecipar a indicação do sucessor de Roberto Campos Neto —cujo mandato na presidência do BC termina em 31 de dezembro— seria, neste contexto, um passo na tentativa de reduzir o preço embutido nessa troca e dar, desde já, sinalizações importantes sobre o futuro da política monetária.



O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, e o ministro Fernando Haddad, no Senado Pedro Ladeira/Folhapress

Na avaliação de pessoas do entorno de Haddad, hoje não há uma orientação clara nesse sentido, o que alimenta a preocupação dos agentes do mercado financeiro com a possibilidade de um BC mais leniente no combate à inflação em 2025. Isso se reflete na piora das expectativas de inflação e, em consequência, na trajetória dos juros.

Para suavizar a transição do comando do BC, Campos Neto defende que o governo Lula indique seu sucessor entre agosto e outubro. A decisão final, entretanto, dependerá do presidente da República.

Segundo a lei da autonomia do BC, em vigor desde 2021, cabe ao chefe do Executivo a indicação dos nomes para a cúpula da autoridade monetária. Posteriormente, os indicados precisam de aprovação na CAE (Comissão de Assuntos Econômicos) e no plenário do Senado Federal.

A ideia de iniciar mais cedo o processo de sucessão busca garantir que haja tempo hábil para que o indicado seja sabatinado pelos senadores antes do recesso de fim de ano.

Nos bastidores, o diretor Gabriel Galípolo (Política Monetária) é dado como praticamente certo para comandar o BC a partir de 2025. Foi um dos conselheiros de Lula na campanha presidencial de 2022 e atuou como número dois da Fazenda. Ele segue tendo canal direto com o petista, e seu nome conta com a simpatia de Haddad.

No mercado financeiro, também há a avaliação de que a transição do BC tem sido custosa.

Para Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor da autoridade monetária e presidente do conselho da Jive Investments, a preocupação cresce quando Lula ataca Campos Neto e a autonomia da instituição e diz que o patamar de juros 'vai melhorar' na próxima gestão.

Ele cita também como exemplo a possibilidade de o governo alterar os depósitos compulsórios dos bancos no próximo ano.

"Na minha visão, o BC teria conseguido reduzir para 9% os juros, talvez até um pouco menos, se não tivesse tanta incerteza fiscal e tanta incerteza sobre o futuro da política monetária. Essas duas coisas juntas fizeram com que o Banco Central parasse [a Selic] em 10,5% [ao ano]. Está claro que tem um custo grande", afirma.

Em junho, o Copom (Comitê de Política Monetária) do BC interrompeu o ciclo de cortes de juros em um cenário de piora da perspectiva fiscal.

Aliados de Haddad reconhecem que os ataques de Lula à autonomia do BC também contribuem para ampliar a percepção de risco.

No entanto, a Fazenda vem fazendo um esforço para convencer o presidente de que criticar a autonomia da instituição não é o mesmo que condenar a postura de Campos Neto —que seria o verdadeiro objetivo de Lula.

Integrantes da equipe econômica e ministros da ala política têm o diagnóstico de que Campos Neto está politizando sua saída do Banco Central. Essa avaliação ganhou mais força após a participação do presidente do BC em jantar oferecido pelo governador em São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), no mês passado.

Segundo o Painel S.A., o chefe da autoridade monetária sinalizou na ocasião que aceitaria ser ministro da Fazenda caso Tarcísio entrasse na disputa pelo Palácio do Planalto e vencesse a eleição. Ele, entretanto, nega que tenha conversado com o amigo sobre um eventual cargo político após o fim de seu mandato no BC.

> "Na minha visão, o BC teria conseguido reduzir para 9% os juros, talvez até um pouco menos, se não tivesse tanta incerteza fiscal e tanta incerteza sobre o futuro da política monetária
>
> **Luiz Fernando Figueiredo**
> ex-diretor da autoridade monetária

No governo Lula, há reclamações nos bastidores sobre os recados especialmente duros que Campos Neto tem dado quanto à política fiscal do governo, alimentando as expectativas mais pessimistas do mercado, na direção contrária do que busca o Executivo.

Segundo um interlocutor, em reunião com Lula no início de julho, membros da Fazenda alertaram o presidente de que é preciso defender a autonomia técnica do BC, deixando claro que isso não significa o mesmo que exercer uma autonomia ampla —para inclusive agir de forma política no cargo, como o governo atribui a Campos Neto.

A incerteza sobre a atuação do BC em 2025 não se limita ao nome do futuro presidente. Além do sucessor de Campos Neto, Lula também terá que indicar até o fim do ano mais dois nomes para cargos nas diretorias da instituição.

Em 31 de dezembro, chegam ao fim os mandatos de Otavio Damaso (Regulação) e de Carolina de Assis Barros (Relacionamento, Cidadania e Supervisão de Conduta) –única mulher na cúpula da autoridade monetária atualmente.

Enquanto diversos nomes são citados na tradicional bolsa de apostas do mercado financeiro para o cargo máximo no BC, as especulações para as outras cadeiras que ficarão vagas são esparsas.

A partir do próximo ano, os indicados pela administração petista serão maioria no colegiado que decide sobre o rumo da política de juros do país – com sete dos nove membros.

Em entrevista à **Folha**, o economista-chefe do Citi Brasil, Leonardo Porto, afirmou que a troca de uma parcela significativa da diretoria é um componente que dificulta o processo de convergência das expectativas de inflação em direção à meta

"Estamos falando de três membros de nove. Vai mudar bastante, incluindo o presidente, que é a posição mais relevante ali. Toda mudança gera um aumento de incerteza um pouco maior e incerteza, usualmente, é cobrada via prêmio [de risco de investir no Brasil]", diz.

Na equipe econômica, a expectativa é que essa incerteza seja debelada na medida em que o tempo passe e as condições se tornem mais favoráveis.

Congresso e Fazenda discutem dar mais poderes à autarquia

Nathalia Garcia, Thaísa Oliveira e Victoria Azevedo

BRASÍLIA Medidas que dão mais poder ao Banco Central estão em discussão tanto pelo Legislativo quanto pelo Executivo. Enquanto o Senado Federal negocia a PEC (proposta de emenda à Constituição) que amplia a autonomia da autoridade monetária, o Ministério da Fazenda estuda um modelo de longo prazo que transforma o órgão em super-regulador.

Na Câmara dos Deputados, o tema ainda é tratado com cautela. No entanto, sob o temor de maior interferência do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no BC em 2025, após a saída do presidente Roberto Campos Neto, representantes da cúpula da Casa avaliam a necessidade de alguma medida para blindar a autonomia da instituição.

As articulações no Senado para conceder autonomia financeira e orçamentária ao BC trouxeram à tona uma plano de longo prazo em estudo pelo Ministério da Fazenda para reconfigurar o modelo de regulação e supervisão do sistema financeiro. A proposta foi divulgada pelo jornal Valor Econômico e confirmada pela **Folha**.



Presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco Gabriela Biló - 31.mar.2022/Folhapress

A ideia —inspirada no modelo "twin peaks", que surgiu na Austrália— consiste em regular o sistema financeiro por função e não por produto (seguro, depósito bancário, empréstimo, títulos, previdência), como é hoje no Brasil.

Isso significa redistribuir forças dos reguladores de forma que o BC e a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) tornem-se super-reguladores. A autonomia operacional do BC seria preservada.

A implementação deve ser feita em etapas, começando pela absorção da Susep (Superintendência de Seguros Privados) —hoje mais fragilizada em comparação aos demais órgãos— pelo BC.

O segundo passo seria reforçar o quadro de funcionários e a estrutura da CVM, que depois de fortalecida assumiria competências de regulação hoje sob responsabilidade do BC, como proteção ao consumidor de produtos financeiros.

Nesse reequilíbrio de funções, o BC assumiria a atribuição de regulamentação prudencial (proteção da solidez das instituições) de fundos de investimentos, hoje a cargo da CVM.

A última etapa seria também incorporar a Previc (Superintendência Nacional de Previdência Complementar) aos dois "superórgãos". O processo seria concluído em cerca de cinco anos.

Um membro do governo considera que, se houver vontade política, a proposta pode avançar por meio de um projeto de lei complementar e ser uma saída para a discussão da autonomia do BC

O tema já vinha sendo debatido pela Fazenda desde o início da gestão de Fernando Haddad, mas a ideia era deixar que o governo Lula se adaptasse à autonomia operacional do BC antes de colocar o plano em prática.

Havia o temor de que a discussão fosse contaminada pelo momento político, desperdiçando o que a equipe econômica avalia como um bom caminho de regulação.

Pela primeira vez, o presidente da República convive com um chefe do BC indicado pelo governo anterior e essa transição tem sido marcada por solavancos.

A PEC (proposta de emenda à Constituição) que trata da autonomia financeira do BC foi encampada no Senado pela oposição e por Campos Neto, mas rechaçada pelo governo Lula.

Apesar da posição contrária à PEC, senadores da base têm afirmado a integrantes do governo que é preciso repensar a situação do BC para garantir que a autoridade monetária tenha capacidade de investimento.

A incerteza sobre o placar da votação na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) fez com que a discussão fosse adiada.

Tanto o governo quanto o BC levaram ao relator, senador Plínio Valério (MDB-AM), diretrizes que poderiam criar um modelo inédito, em que o BC não seria nem autarquia (como é hoje) nem empresa pública (como foi proposto na PEC).

A aprovação da PEC representaria uma marca de gestão para Campos Neto, alvo preferencial das críticas de Lula. Insatisfeito com a condução da política de juros do país, o chefe do Executivo criticou reiteradas vezes o presidente do BC.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

Rodrigo Mesquita

Liberação da maconha exige desbloqueio de fundo milionário antidrogas

O advogado Rodrigo Mesquita é um dos maiores especialistas em cannabis no país. Sua atuação mira um mercado voltado para tratamentos medicinais. Para ele, a liberação do porte de até 40 gramas pelo STF é um marco e cria um constrangimento para que o governo libere recursos destinados à recuperação de usuários e campanhas antidrogas.

A decisão do STF sobre o consumo de maconha exige mudanças na política antidrogas? Houve um constrangimento institucional, porque o Supremo pediu uma série de medidas, entre elas o descontingenciamento integral dos recursos no Fundo Nacional Antidrogas, algo em torno de R$ 200 milhões.

Por quê? Ao mesmo tempo que identificou que a lei tratava como criminoso quem precisava de cuidado, algo inconstitucional, o STF viu que a política pública de amparo não vinha sendo implementada. Era uma dupla camada de violação de direitos de quem usa essas substâncias.

O governo vai acatar? Há uma imposição institucional de que esse fundo seja usado.

Em que, exatamente? Justamente por reconhecer que essa pessoa precisa de tratamento e que há um estigma, a decisão recomenda educação preventiva contra o uso de drogas, respeito ao usuário e que ele tenha um tratamento de recuperação. A Senad (Secretaria Nacional de Política sobre Drogas), à qual está vinculada o Conselho Nacional de Política sobre Drogas, tem o seu funcionamento vindo desse fundo, que, com os contingenciamentos, tem limitações até executar suas competências. Com o julgamento, o STF disse 'olhem, essas ações de políticas públicas são prioritárias'.



Raio-X
Advogado (UFPI), mestrando em Direito Regulatório (UnB), é pioneiro na construção da regulação da cannabis no Brasil. É relator do grupo de trabalho de regulamentação da cannabis do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas e Vice-Presidente da Comissão de Direito da cannabis da OAB Nacional

A decisão não estimula o consumo? O limite de 40 gramas é uma presunção de que o portador é usuário. Agora, também não é um vale-tudo. O STF decidiu que [com essa quantidade] não é mais crime, mas continua sendo um ilícito. Não se pode, por exemplo, fumar em praça pública. Por outro lado, é um ganho em direitos fundamentais. Usuários de cannabis não serão presos.

Isso movimenta o mercado? Houve a descriminalização do cultivo, que circunda a conduta ilícita [de fumar em público]. Estamos falando de lojas que fornecem insumos para cultivo, tabacarias, toda uma rede de pequenos empreendimentos. Isso também impulsiona novas pesquisas científicas para fins medicinais com recursos do próprio fundo.



Mammoth, a maior planta de coleta de CO_2 da atmosfera, localizada na Islândia Climeworks/Divulgação

Startups eliminam toneladas de carbono, mas custo é entrave

Usinas do tipo em operação no mundo extraem anualmente 10 mil toneladas de gás carbônico do ar

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Tamara Nassif

SÃO PAULO Em Hellisheidi, cerca de meia hora de Reykjavik, capital da Islândia, oito caixas de aço se impõem em uma paisagem dominada pela neve. Cada torre tem o tamanho de um contêiner marítimo, e todas são equipadas com ventiladores e camadas de filtragem movidos à energia geotérmica.

O objetivo é remover toneladas de gás carbônico, o CO_2, da atmosfera—algo como um purificador de ar a nível molecular, de impacto planetário.

Pode parecer coisa de ficção científica, mas é o que a empresa suíça Climeworks tem feito. O complexo, em operação desde 2021, leva o nome de Orca e foi a primeira planta de larga escala de captura direta de carbono da atmosfera —ramo conhecido como DAC, na sigla em inglês— do mundo. Ela é capaz de remover, todo ano, 4.000 toneladas de CO_2 do ar, o equivalente às emissões anuais de 850 carros.

A startup inaugurou, em maio, a Mammoth (mamute, em inglês), com capacidade de remover 36 mil toneladas anualmente. É a mesma tecnologia da "irmã" mais velha, mas dez vezes mais potente.

Mammoth é a maior usina do mundo voltada para captura direta de carbono do ar.

A velocidade é um caso raro, ainda mais em uma área incipiente. Hoje, segundo a IEA (Agência Internacional de Energia), há 27 usinas do tipo em operação no mundo, que extraem, anualmente, 10 mil toneladas de gás carbônico do ar. A construção desse tipo de complexo leva de dois a seis anos para ser concluída, e, atualmente, existem ao menos 130 usinas em desenvolvimento, das mais avançadas às ainda em fase conceitual.

Se todas saírem do papel, a IEA estima que elas serão capazes de remover 75 milhões de toneladas da atmosfera até 2030 —o necessário para que o setor DAC cumpra a sua parte na meta de zerar as emissões líquidas de carbono até 2050, chamada de "net zero".

Mas há uma grande ressalva que freia o otimismo: boa parte dos projetos em desenvolvimento estão nas fases iniciais e ainda não tem fonte de financiamento definida.

"O que fazemos como [indústrias de] DAC exige muito capital intensivo", diz Peter Freudenstein, gerente de política climática da Climeworks, em entrevista à **Folha**.

"Estamos essencialmente construindo instalações industriais de grande escala, e isso tem muitos custos, ainda mais ao pensar que são as primeiras do mundo. Precisamos de uma boa interação de diferentes partes interessadas [na remoção de carbono], de investidores a clientes pioneiros que entendem o que está em jogo e que remover carbono é uma necessidade."

A principal fonte de receita da Climeworks, assim como de outras startups do setor, como a canadense Carbon Engineering, é o mercado voluntário de carbono —grandes empresas, com grandes carteiras, que querem atingir metas ambientais pela compra de créditos de carbono como forma de compensar as próprias emissões.

No portfólio da startup estão gigantes como Microsoft, BCG (Boston Consulting Group), JPMorgan Chase, UBS e Shopify, que injetaram milhões de dólares para a remoção de toneladas de CO_2 e deram celeridade à construção da Mammoth.

Mas nem todas as empresas do setor têm o cofre cheio. O método DAC é o mais caro de todas as tecnologias de CCUS (captura, uso e armazenamento de carbono, na sigla em inglês), sopa de letrinhas cuja importância no combate ao aquecimento global vem sendo reforçada por órgãos internacionais de autoridade máxima em questões climáticas.

Para o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), da ONU, por exemplo, remover carbono da atmosfera, e não "só" zerar as emissões, é uma tarefa crucial para impedir que as temperaturas do planeta fiquem 1,5 °C mais quentes do que nos tempos anteriores à Revolução Industrial.

"É a mesma lógica dos oceanos", diz Freudenstein. "Nós queremos mantê-los limpos. E mais do que não jogar mais lixo, é preciso retirar o lixo que já está neles. O mesmo vale para a atmosfera."

Mas é um produto caro: estima-se que uma tonelada de carbono removida do ar custe entre US$ 500 e US$ 1.000. Para se ter ideia, o planeta emite, ao ano, mais de 35 bilhões de toneladas de CO_2.

Os custos envolvem transporte de gás carbônico e armazenamento, materiais químicos necessários para filtragem e, sobretudo, uma imensa quantidade de energia limpa —motivo pelo qual as plantas foram instaladas nos arredores da usina geotérmica de Hellisheidi, sexta maior do mundo e a maior da Islândia.

O alto custo leva empresas a buscarem créditos de carbono mais baratos, como incentivar a preservação de florestas, que, pela fotossíntese, retiram CO_2 da atmosfera. "São métodos que precisam andar juntos. O DAC faz o que fazem as florestas, mas é uma tecnologia que permite capturar uma quantidade muito grande de CO_2 em um curto período de tempo", diz Colombo Celso Gaeta Tassinari, docente da divisão de tecnologia de petróleo, gás natural e bioenergia do Instituto de Energia e Ambiente da USP (Universidade de São Paulo).

"Se fôssemos substituir o DAC por florestas, precisaríamos de áreas muito, muito grandes. Não é um ou outro. Precisamos das florestas e das tecnologias que aumentam a captura de CO_2, porque temos muito carbono para remover e pouco tempo para fazer isso."

Daí a necessidade de financiamento, dizem especialistas. Não são todos projetos que obtêm viabilidade econômica.

"Os governos precisam contribuir para que os projetos industriais atinjam larga escala. O setor de CCUS como um todo precisa remover bilhões de toneladas anualmente até 2050, então tem muito o que ser feito", diz Freudenstein.

"E, essencialmente, a captura de carbono é, em parte, um bem público. Pode-se dizer que é uma forma de gerenciamento de resíduo. Esperamos que, nos próximos cinco, dez anos, haja muita discussão sobre regulação desse mercado mundialmente."

> Precisamos de uma boa interação de diferentes partes interessadas [na remoção de carbono], de investidores a clientes pioneiros que entendem o que está em jogo e que remover carbono é uma necessidade
>
> **Peter Freudenstein**
> gerente de política climática da Climeworks

É uma preocupação que toma corpo na União Europeia, que estabeleceu leis para certificar a remoção de carbono como forma de impulsionar a tecnologia, e nos Estados Unidos, que começou a subsidiar a construção de usinas DAC.

Em agosto de 2023, o governo norte-americano anunciou o investimento de US$ 1,2 bilhão em dois projetos de captação de CO_2, "o maior já feito" na tecnologia. Ambos miram remover um milhão de tonelada de gás carbônico do ar anualmente.

O primeiro, no Texas, é capitaneado pela Occidental Petroleum, que pretende usar parte do dióxido de carbono que irá capturar para extrair mais petróleo —um uso controverso da tecnologia. O segundo, na Louisiana, é uma parceria da Climeworks com a norte-americana Heirloom Carbon, também do setor DAC, que quer selar o CO_2 em concreto para sempre.

No Brasil, o PL do Combustível do Futuro, tramitando no Senado, prevê regulamentar o setor CCUS, mas não mira o DAC em específico. Outro projeto sobre o CCUS, proposto pelo então senador Jean Paul Prates, hoje presidente da Petrobras, está parado na Câmara desde dezembro, aguardando parecer de comissões.

Para a IEA, há outra solução possível, além do financiamento governamental: a criação de demanda para produtos derivados do gás carbônico capturado. "A inovação nas oportunidades de utilização de CO_2, incluindo combustíveis sintéticos, poderia reduzir os custos e criar um mercado para o DAC", diz a Agência, em texto institucional.

Combustíveis sintéticos para a aviação, feitos à base de CO_2 e hidrogênio, já estão em desenvolvimento. Outro exemplo foi uma parceria da Climeworks com a Coca-Cola, que "reciclou" o gás carbônico da atmosfera em refrigerantes, além da instalação de um cano de transporte nos arredores da Orca que leva o CO_2 a uma estufa vizinha, onde o carbono serve de fertilizante.

Até diamante já foi feito a partir do gás carbônico. A pedra preciosa —por definição, um pedaço muito condensado de carbono— é comercializada pela joalheria Aether, dos Estados Unidos, que diz que diamantes de laboratório são idênticos aos extraídos de minas, e só análise química aprofundada poderia distingui-los.

São pequenos passos, mas o mundo dos negócios parece estar otimista. O BCG, um dos clientes da Climeworks, espera que mais empresas comecem a comprar créditos para remoção de CO_2 e que mais governos incentivem a tecnologia. A expectativa do grupo é que, até 2040, todo o mercado CCUS cresça dos menos de US$ 10 bilhões atuais para US$ 135 bilhões.



Rafaela Araujo/Folhapress

Heleno Torres
Advogado. Professor titular de Direito Financeiro e chefe do Departamento de Direito Econômico, Financeiro e Tributário da Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo). Livre-Docente de Direito Tributário (USP), doutor em Direito do Estado (PUC-SP) e mestre em Direito Tributário (Universidade Federal de Pernambuco). Superintendente de relações institucionais da USP, membro titular da cadeira 43 da Academia Paulista de Direito

Heleno Torres

Reforma tributária incentiva formalização e vai desonerar empresas

Professor da USP diz que é preciso mudar a chave e acabar com coisas pavorosas que levaram sistema a se tornar monstruosidade

ENTREVISTA

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO A reforma tributária vai incentivar a formalização de pequenos empreendedores e desonerar as empresas, que precisam mudar a chave em relação à forma de enxergar o funcionamento dos novos impostos sobre consumo.

Essa é a avaliação do advogado Heleno Torres, professor titular de Direito Financeiro e chefe do Departamento de Direito Econômico, Financeiro e Tributário da Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo).

Ele afirma que muitas pessoas físicas, como motoristas de Uber, vão se converter em MEI (Microempreendedor Individual) ou empresa do Simples Nacional para aproveitar a desoneração prevista para as empresas com o novo sistema.

Torres minimiza o impacto das exceções inseridas na reforma pelo Congresso e destaca os ganhos trazidos com a unificação das legislações de estados e municípios e o fim de incentivos fiscais regionais.

Para o tributarista, muitas discussões setoriais ainda são feitas com a mentalidade do sistema atual, no qual todo imposto sobre insumo é custo. "Essa é a chave que a gente tem que mudar. Pensar com a cabeça do novo modelo. Se continuarmos pensando CBS e IBS [contribuição e imposto sobre bens e serviços, respectivamente] com a cabeça de ICMS e PIS/Cofins, estamos fadados ao insucesso."

Torres afirma que a reforma tem como objetivo acabar com certos males que foram introduzidos, de forma danosa às empresas brasileiras, nos tributos que serão extintos. "Coisas pavorosas que levaram o sistema a se tornar essa monstruosidade que nós temos hoje."

*

A Câmara melhorou o projeto de regulamentação da reforma tributária? Houve uma melhoria da técnica jurídica, e isso contribui para a melhor aplicação do texto. Diversas passagens que antes tínhamos muitas dúvidas, de fato foram esclarecidas. Coisas como discussões sobre quem seria o contribuinte, o responsável tributário. Nesses aspectos técnicos, houve uma melhoria muito relevante.

Do ponto de vista das questões que estão mais próximas das pessoas, a inclusão da carne na cesta básica é algo que certamente chama a atenção. É uma escolha política. Isso afeta alíquotas. Para empresas que exportam, não altera nada, porque a exportação é imune. Então o que interessa é a venda da carne no mercado nacional.

Com essa e outras exceções que foram colocadas no projeto ainda é possível dizer que haverá uma simplificação significativa do sistema tributário? Essa reforma por si só é transformadora da economia brasileira, e teremos uma grande mudança da estrutura federativa. Essa eliminação de incentivos fiscais regionais, estaduais, setoriais etc., isso é muito virtuoso.

Teremos legislação única para todos os estados, todos os municípios, tanto das leis que criam o tributo, quanto da lei que define o contencioso administrativo. Isso traz segurança jurídica e simplificação para o sistema.

A outra questão é o Pix. Se isso for levado para as relações tributárias da forma como está prometido, não tenho dúvidas que essa tecnologia gerará um fluxo de caixa nas empresas que vai dinamizar muito a economia. Estou muito satisfeito com o resultado.

Como fica o impacto das exceções na alíquota? A Câmara colocou uma trava. No ano passado, o Senado colocou, e depois a Câmara derrubou, o limite constitucional da alíquota. Agora, é possível que o Senado derrube esse limite, porque isso pode criar dificuldades federativas e quebrar um parâmetro constitucional. A Constituição não trabalha com essa limitação. O município, o estado, mais adiante, pode dizer que isso não está na Constituição. O titular da alíquota será o Congresso Nacional, definindo por lei específica as alíquotas padrão. É nessa lei específica que o Legislativo terá a oportunidade de se manifestar sobre os parâmetros a serem adotados e os limites.

Há outros pontos que podem ser melhorados no Senado? Vários. Vamos ter serviços de saúde com tributação normal e outros com a redução de 60%. Isso não é positivo. Precisa aprimorar a Zona Franca de Manaus, ter uma visão melhor sobre o imposto seletivo. Penso que o Senado vai se debruçar menos sobre a técnica, porque a Câmara já ajustou bem a técnica tributária, e mais nesses pontos.

O imposto seletivo, que inicialmente seria para fumo, bebidas alcoólicas e armas, ficou maior do que deveria? Essa questão da prejudicialidade à saúde ou ao meio ambiente não estava na versão original. Era imposto adicional apenas para alguns produtos para compensar a perda do IPI [imposto sobre industrializados]. Em boa hora, o senador Eduardo Braga [relator da reforma] e todos que ali estavam criaram essas hipóteses mais restritivas. Agora, na lei complementar, estamos vendo um movimento de ampliação.

Por exemplo, não tem na Constituição autorização para tributar exportação de minérios. Os estados sempre quiseram tributar isso e conseguiram inserir ali no texto uma tese deles, mas uma tese inconstitucional. Certamente as empresas mineradoras levarão isso ao Supremo Tribunal Federal, e não tenho dúvida que irão ter o julgamento pela inconstitucionalidade.

Também não poderia colocar nenhum carro, nem elétrico, porque o carro em si não é um elemento poluidor. O combustível fóssil, esse sim justifica que você tenha uma tributação com o imposto seletivo.

Para bebidas alcoólicas, o seletivo ficou como o senhor defendia? Eu me alinho à Organização Mundial da Saúde. A própria OCDE tem publicações nesse sentido. Qualquer bebida alcoólica pode levar ao vício, mas as de menor teor alcoólico trazem menores danos à saúde. O princípio que está na Constituição para autorizar o seletivo é aquele da prejudicialidade à saúde. Quanto mais prejudicial, maior a tributação. Há uma previsão [na lei complementar] de que a gradação alcoólica vai servir como parâmetro para definir a diferenciação de alíquotas entre as bebidas.

> Qualquer bebida alcoólica pode levar ao vício, mas as de menor teor alcoólico trazem menores danos à saúde. O princípio que está na Constituição para autorizar o seletivo é aquele da prejudicialidade à saúde. Quanto mais prejudicial, maior a tributação

O senhor falou sobre os impactos econômicos da reforma. Qual a avaliação sobre a mudança para as pequenas empresas? Você vai ver pessoa física se converter em MEI [Microempreendedor Individual] ou em empresa do Simples Nacional. Por exemplo, os motoristas de Uber seguramente serão estimulados a serem MEIs, para que a alíquota seja menor, porque ele vai ter um regime especial.

Vai ter empresas do Simples que serão pressionadas pelos seus tomadores de serviço ou compradores para terem uma tributação normal [apenas em relação aos novos tributos]. Para o IBS e a CBS, é opcional ficar no Simples ou optar pelo regime normal. A empresa que comprar esse serviço, esses bens, vai dizer, "eu quero tomar o crédito cheio, não quero esse crédito menor. Compro do seu concorrente com o crédito cheio, então eu só vou comprar de você se você optar pelo regime normal".

Teremos essas mudanças nas relações entre as empresas, e isso pode ser muito favorável, para o próprio aumento da arrecadação. Sem que isso gere aumento de tributo. Porque a pequena empresa vai vender, quem compra pagará isso no preço, mas vai tomar o crédito. Então não vai ter aumento de carga tributária nem de preço, de modo geral.

Ainda estamos vivendo com a cabeça no ICMS, no PIS/Cofins, que soma muitas vezes [o tributo] ao preço e o crédito não aparece. Então a empresa tem que ficar fazendo o custo do produto como se ele não fosse tomar aquele crédito ou não fosse recuperar aquele tributo. Isso vai acabar e gerar um novo momento virtuoso para a economia brasileira.

> Você vai ver pessoa física se converter em MEI [Microempreendedor Individual] ou em empresa do Simples Nacional. Por exemplo, os motoristas de Uber seguramente serão estimulados a serem MEIs, para que a alíquota seja menor, porque ele vai ter um regime especial

Estamos discutindo uma lei nova, mas pensando na realidade atual? Essa é a chave que a gente tem que mudar. É pensar com a cabeça desse novo modelo, esquecendo as dificuldades do anterior. Se continuarmos pensando CBS e IBS com a cabeça de ICMS e PIS/Cofins, estamos fadados ao insucesso. Temos de superar isso e lembrar que, nesse novo tributo, a carga inteira é de quem compra, mas quem compra toma crédito integral, imediato. Não vou ficar esperando seis meses, como é hoje no caso da substituição tributária [sistema em que uma empresa recolhe os tributos de toda a cadeia], que é um absurdo completo.

A substituição tributária não entrou no projeto, apesar da pressão dos governadores. Alguns estados se movimentaram fortemente para reincluir a substituição tributária. Perderam feio, porque a Câmara não caiu nesse conto do vigário. Seguramente eles vão tentar de novo no Senado, mas as chances são cada vez menores. Essa reforma só existe para acabar com certos males que foram introduzidos no ICMS e no PIS/Cofins de forma danosa a todas as empresas brasileiras. A maior delas foi a substituição tributária dessa forma alargada e sem permitir que os créditos do ICMS-ST compensassem com o crédito do ICMS normal. Coisas assim, pavorosas, que levaram o sistema a se tornar essa monstruosidade que nós temos hoje.

> Se continuarmos pensando CBS e IBS com a cabeça de ICMS e PIS/Cofins, estamos fadados ao insucesso. Temos de superar isso e lembrar que, nesse novo tributo, a carga inteira é de quem compra, mas quem compra toma crédito integral, imediato

As promessas econômicas de Trump 2

Apesar do desastre da campanha de Joe Biden e do atentado, eleição nos EUA é incerta

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

É ainda mais temerário fazer prognósticos sobre uma eleição em que um candidato quase foi assassinado e outro pode ser deposto.

Mas os últimos acontecimentos provocaram mais especulação sobre Donald Trump 2. Segundo pesquisa YouGov/CBS feita entre os dias 16 e 18 de julho, Trump tem 52% dos votos, Joe Biden, 47%. A margem de erro é de 2,7 pontos percentuais.

Dados o estado calamitoso da campanha de Biden, a hipótese de que o sangue de Trump inflaria sua votação e que faltam três meses e meio para a votação, não parece vantagem insuperável. De resto, o resultado da eleição muito depende de meia dúzia de estados que oscilam entre democratas e republicanos, onde a disputa está apertada.

Biden é impopular. Apenas 5% dos eleitores consideram que os EUA vão "muito bem"; outros 19% acham que vão bem ("somewhat well"). Para 33%, vão "mal"; para 42%, "muito mal".

Mas é fácil perceber que mesmo a péssima avaliação de Biden não leva mais eleitores para Trump. Poucas pessoas dizem votar em Biden "principalmente porque gostam dele": 27%. Outras 23% votam no atual presidente porque ele é o candidato democrata; 50% porque querem derrotar Trump.

Mesmo a desprestigiada vice de Biden, Kamala Harris, faria disputa mais apertada com o republicano. A eleição parece ainda aberta.

O escrutínio sobre Trump 2 é mais intenso também porque ele é a novidade.

Na especulação mais comum, se diz que Trump 2 saberia manejar melhor a máquina pública, com maior chance de levar à prática suas ideias. Se diz que seus nomeados implementariam programa mais detalhado.

Isto posto, Trump é um oportunista picareta extremo, que muitas vezes se adapta a circunstâncias, embora seja perturbado. O programa dele é ele.

Poucos antes do atentado, o Wall Street Journal publicou pesquisa com economistas sobre as consequências econômicas de Trump 2.

As previsões eram de inflação e juros maiores, o que influencia a economia do mundo, aqui inclusive. Uma alta grande de impostos de importação e barreiras à imigração, como quer Trump, encareceriam produtos nos EUA.

Ok. Mas essas mudanças pequenas em indicadores financeiros parecem risíveis perto do tumulto que o republicano pode causar na ordem política e econômica mundial, para nem falar dos danos à civilização e à democracia.

Trump diz que quer paz na Ucrânia. Isto é, rendição: que a guerra termine com os ucranianos cedendo territórios à Rússia. Quer cortar o subsídio militar para a Ucrânia e para a Europa. Se levar tais planos adiante, obrigará europeus não apenas a gastar mais em defesa, mas também a mudar sua diplomacia, elevando a tensão mundial.

Terá uma Suprema Corte a seu favor; quem sabe um Congresso republicano. Assim, poderia desmontar as agências de regulação fiscalização do governo e facilitar a demissão e manipulação de servidores federais. Não terá de se preocupar com reeleição (não pode se candidatar a um terceiro mandato).

Trump pode querer mudar a regulação sobre as "big techs", apertando-a em uns casos, de desafetos, liberando em outros. Não é liberal: escolhe vencedores.

Se ficar solto para aumentar ainda mais déficits e dívidas do governo (cortando impostos), pode causar mudanças estruturais no sistema monetário internacional e nos juros dos EUA e do mundo. Se diminuir impostos sobre empresas, vai colocar pressão sobre o sistema tributário do resto do planeta.

Mas a eleição está aberta. Ainda não é tarde para os EUA e para o mundo.



A tela azul, que indica erro no sistema, é vista em painel da United Airlines Bing Guan/Reuters

CEO da CrowdStrike responde como robô e comete erro comum

George Kurtz falha na primeira manifestação após pane em sistemas de computadores que gerou apagão global

Matthew Boyle

BLOOMBERG O CEO da CrowdStrike, George Kurtz, é um dos autores de um livro que é comumente referido como a Bíblia da segurança de computadores. No entanto, quando se trata de gerenciamento de crises, ele está em terreno mais instável.

Em uma postagem na rede social X (antigo Twitter), na manhã de sexta-feira (19), ao falar sobre a atualização malfeita de um software de segurança que derrubou inúmeros sistemas de computadores no mundo todo, Kurtz deixou claro que o incidente não foi um ataque cibernético, que sua empresa havia identificado o problema e implantado uma "correção".

O que ele não disse —pelo menos inicialmente— foi a frase mágica que os especialistas em relações públicas aconselham todas as empresas a gritar aos quatro ventos em momentos como este: "Sinto muito."

"Este não é um incidente de segurança ou ataque cibernético. O problema foi identificado, isolado e uma correção foi implementada", disse Kurtz no post.

O erro de relações públicas de Kurtz, que ele posteriormente corrigiu em uma aparição na televisão e em declarações subsequentes mais tarde nesta sexta, pode ser resultado de várias coisas, disseram especialistas em comunicação de crises.

Uma possível razão é a pressa em incluir muitos detalhes sobre a resposta da empresa na mensagem inicial. Um potencial desejo de evitar responsabilidade legal também pode ter sido um fator.

Mais provavelmente, no entanto, a falta de um pedido de desculpas pode ser resultado de uma longa luta do setor de tecnologia da informação (TI) para se relacionar de maneira mais personalizada e menos robótica com o público.

"Esta é uma resposta revisada por uma equipe jurídica com processos judiciais em mente. Ela [a resposta] tem pouca ou nenhuma responsabilidade, o que torna os pedidos de desculpas tão poderosos. E posiciona Kurtz quase como uma voz de inteligência artificial —automatizada, sem alma. Na verdade, o ChatGPT faz um trabalho melhor de parecer se importar do que ele", disse Davia Temin, fundadora e CEO da empresa de comunicação de crises Temin & Co.

A CrowdStrike não respondeu imediatamente a um pedido de comentário sobre a declaração inicial de seu CEO.

Outros profissionais de relações públicas foram mais generosos em sua avaliação da forma como Kurtz lidou com a situação, mas todos concordaram que a falta de um pedido de desculpas no início não foi sábia. As ações da CrowdStrike caíram mais de 11% durante o dia —sua maior queda desde novembro de 2022.

"A fórmula é sempre a mesma, não importa o quê —você começa dizendo que houve um erro e pede desculpas por isso", disse Paul Argenti, professor de comunicações corporativas na Tuck Escola de Negócios, em Dartmouth. "A declaração que ele fez é o tipo de declaração que você recebe de pessoas de TI o tempo todo. Eles não estão pensando no lado humano, apenas querem fazer o trabalho."

"[A postagem] parece ter sido escrita para departamentos de TI", afirmou Ron Culp, ex-executivo de relações públicas corporativas que agora é conselheiro na Faculdade de Comunicação da Universidade DePaul. "É essencial acalmar os medos, começar a resolver o problema e pedir desculpas. Todos os três devem ser feitos na mesma comunicação."

O erro colocou um holofote nos desafios do setor de tecnologia em forjar conexões humanas, mas não é nada novo.

Seriados como Silicon Valley e The IT Crowd, do Reino Unido, zombaram dos trabalhadores de tecnologia como arrogantes e fora de contato. Líderes da indústria que conseguiam se comunicar bem com o público, como Steve Jobs, da Apple, aprimoraram essas habilidades apesar —ou talvez por causa— de uma escassez de habilidades técnicas.

Quando uma crise atinge, essas falhas são ampliadas, disseram os especialistas. Mas não são fatais. A maioria dos especialistas em relações públicas deu a Kurtz uma nota "B" por sua resposta geral até agora, observando que suas declarações posteriores foram muito melhoradas. E ele pode não ter terminado de pedir desculpas por um tempo.

"Embora eu respeite o instinto de George de ser honesto e pedir desculpas", disse Malik Khan, analista da Morningstar, "o verdadeiro pedido de desculpas provavelmente ocorrerá quando os clientes começarem a ligar."



Esgoto é despejado a céu aberto em palafitas na periferia de Macapá Maksuel Martins/Folhapress

Esgoto não tratado no Amapá é desafio de sócia da Sabesp

Estreia da Equatorial no setor tem realidade oposta à do novo investimento

Nicola Pamplona e Caio Coutinho

RIO DE JANEIRO E MACAPÁ Entre montes de lixo misturado ao esgoto doméstico e aterro irregular, é possível encontrar até restos de sofás e baterias. Irá da Luz, 41, reclama do despejo de dejetos e da falta de esgoto doméstico em Passarela Piauí, comunidade de palafitas no bairro Pacoval, zona norte de Macapá.

A cidade, que tem a terceira pior cobertura de serviços de água e esgoto entre as 27 capitais brasileiras, passou neste ano a ter seus serviços de água e esgoto operados pela Equatorial —empresa que se tornou neste mês sócia estratégica da Sabesp, a companhia de saneamento do estado de São Paulo.

A concessão no Amapá foi a primeira no setor de água e esgoto do grupo. Chamada de CSA (Companhia de Saneamento do Amapá), foi arrematada por R$ 930 milhões, com a meta de universalizar o fornecimento de água e esgoto nas áreas urbanas dos 16 municípios do estado —áreas rurais permanecem sob responsabilidade da estatal Caesa.

É uma experiência diferente da que a Equatorial terá em São Paulo, estado com a melhor cobertura de serviços de saneamento do país, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No Amapá, quando a concessão foi transferida, apenas 38% da população tinha acesso a água, ainda assim de baixa qualidade, e a rede de esgoto chegava a 15% das residências, mas sem tratamento adequado antes do despejo nos rios que cortam a cidade.

Nesses dois primeiros anos, a empresa diz ter priorizado obras de revitalização de instalações de tratamento de água e esgoto deterioradas e a expansão da rede de abastecimento de água, com investimentos acumulados de R$ 150 milhões.

Ainda não há dados do Snis (sistema de informações sobre saneamento) para comprovar o avanço, mas a Equatorial diz que ampliou o acesso à rede de água para perto de 60% e que o tratamento de esgoto, antes quase inexistente, hoje atende cerca de 12% da população.

Três municípios do interior já estariam com o atendimento de água universalizado: Amapá, Calçoene e Pracuúba, ainda segundo a companhia.

A água chegou para a aposentada Andreza da Silva, 72. Há três décadas morando no bairro do Muca, ela conta que nos primeiros anos precisava "pelejar" para captar água.

"Tinha que pedir pra quem tinha poço em casa. Depois disso chegou a água tratada aqui no lago, mas ainda era suja e tinha muita interrupção. De uns dois anos para cá que o serviço melhorou e nunca mais faltou água na torneira."

Já quanto ao tratamento do esgoto doméstico, que é inexistente na comunidade, ela diz que "é cada um por si". "Cada morador tem seu banheiro, sanitário e pia, mas todo o despejo vai pra água. Onde é aterrado tem gente que faz fossa mesmo."

Com o aumento da rede, a concessionária quase dobrou o número de clientes, que passa de 90 mil, e ampliou a receita de R$ 92 milhões para R$ 150 milhões em 2023, seu primeiro ano completo de operação. A melhora no resultado também tem efeito de aumento de tarifa. Logo após a concessão, as tarifas foram elevadas em 50%, uma alta prevista no edital sob o argumento de que a universalização demandaria elevados investimentos.

"A privatização requer, primeiro, que o empresário não perca", diz o diretor do Sindicato dos Urbanitários do Amapá, Francinaldo Flexa, que reclama de constantes interrupções no abastecimento e da qualidade da água fornecida pela companhia.

Mas o prejuízo da concessionária também subiu, de R$ 146 milhões para R$ 234 milhões, nos dois primeiros anos de operação. A companhia diz em relatório que "os resultados apurados foram melhores do que o esperado, frente ao desafio para construção e entrada em operação da empresa".

Neste início de gestão, continua, decidiu priorizar investimentos com impacto em geração de receita, aumento da arrecadação e combate às perdas para melhorar o fluxo de caixa, saneamento do cadastro de clientes e fortalecimento de ações de cobrança e combate a fraudes.

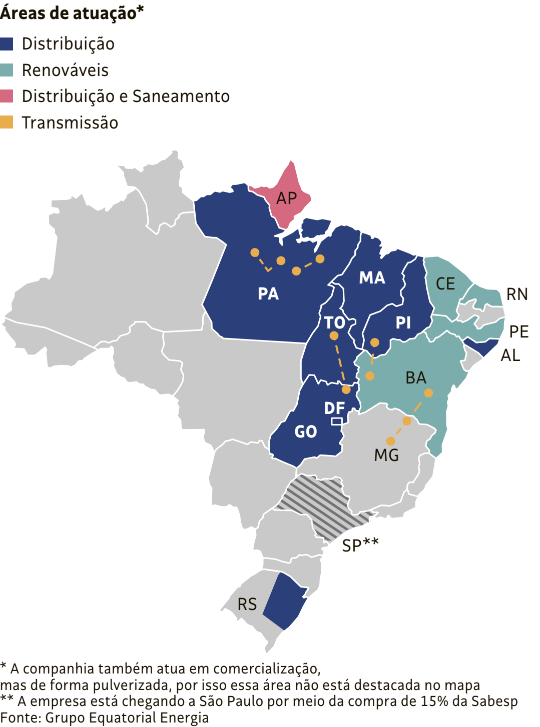
Estratégia diferente do que deve adotar em São Paulo, segundo fontes próximas. Com elevado nível de cobertura da rede de água, o desafio principal é chegar com esgoto a comunidades e despoluir o rio Tietê, projeto no qual a Sabesp espera gastar R$ 5,6 bilhões.

A nova sócia espera que, livre das amarras da lei de licitações, a maior empresa de saneamento do Brasil tenha mais agilidade para contratar obras. Sem controle estatal, ganha mais liberdade também para demitir e contratar, como se viu no caso da privatização da Eletrobras.

Entre os planos apresentados a investidores para a concessão paulista estão programas de demissão voluntária, reestruturação de equipes e estabelecimento de uma cultura voltada a resultados. A empresa quer ainda otimizar benefícios e políticas de remuneração.

Fundada há 20 anos, a Equatorial tem atuação majoritária no segmento de distribuição de energia, mas atua também em transmissão, comercialização, energias renováveis e telecomunicações.

Atuação da Equatorial Energia no Brasil



* A companhia também atua em comercialização, mas de forma pulverizada, por isso essa área não está destacada no mapa
** A empresa está chegando a São Paulo por meio da compra de 15% da Sabesp
Fonte: Grupo Equatorial Energia

Raio-X da Equatorial

Fundação: 2004

Lucro líquido no 1º trimestre de 2024: R$ 384 milhões

Valor de mercado: R$ 38 bilhões

Funcionários: 11.124

Municípios atendidos: 1.046

População atendida: 14,1 milhões

Composição acionária:
- Opportunity (6,3%)
- Atmos (5,5%)
- Capital World Investors (5,2%)
- Squadra Investimentos (5,0%)
- Canada Pension Plan (5,0%)
- BlackRock (5,0%)
- Outros (67,9%)
- Tesouraria (0,1%)

Demora para religar energia é alvo de queixas no serviço em Goiânia

Cleomar Almeida

GOIÂNIA Moradora do Residencial Campos Dourados, em Goiânia, a gerente Stela Oliveira, 39, diz que perdeu as contas de quantas horas ela, o marido e os dois filhos ficaram no breu em casa neste ano. "Muito medo de perder carne na geladeira."

A autônoma Fabiana Melo, 36, diz que sua TV queimou devido a quedas de energia em Minaçu (500 km da capital goiana). "Até um transformador explodiu."

Interrupções frequentes de energia e demora na retomada do serviço são problemas antigos no estado, onde a Equatorial Goiás opera como distribuidora de energia desde dezembro de 2022. "Serviço muito ruim. Pior agora", afirma Stela.

Em nota, a Equatorial Goiás informa que, no início da operação, apresentou plano de ações e investimentos. Para 2024, a holding brasileira diz que planeja aumentar em 41% as manutenções preventivas em todo o estado.

A Equatorial opera sete concessionárias. Em ranking da Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), a Equatorial Goiás teve o pior desempenho entre 29 grandes concessionárias distribuidoras de energia em 2023. Suas operações no Rio Grande do Sul, no Maranhão e no Pará ocupam, respectivamente, 28º, 21º e segundo lugares. As de Alagoas, do Amapá e do Piauí não foram listadas porque são menores.

Dados da Aneel mostram que, em média, em 2023, os goianos ficaram sem energia elétrica por 21 horas e 34 minutos, quase o dobro do limite permitido, e passaram por 11 interrupções no sistema, em vez das 7 permitidas.

São métricas de DEC e FEC, indicadores globais de qualidade do fornecimento da energia, que verificam tempo e total de interrupções.

Em maio, por meio de convênio com a Aneel, a Agência Goiana de Regulação, Controle e Fiscalização recomendou "atenção especial da distribuidora no cumprimento das ações e obras previstas com o objetivo de melhorar o desempenho dos indicadores dos conjuntos de sua área de concessão". É o que diz o mais recente relatório de fiscalização trimestral.

O documento mostra que, no primeiro trimestre, entre 128 conjuntos de unidades consumidoras avaliadas, a Equatorial ultrapassou o limite de tempo permitido para interrupção de energia no ano em 113 (88,2%) e violou o número aceitável em 88 (68,7%). A subestação Pamplona, no Entorno do Distrito Federal, bateu recorde de violação nos dois indicadores.

O vaivém no setor elétrico goiano se arrasta há pelo menos 14 anos. Em 2010, o governo iniciou o processo de federalização da Celg-D. A Equatorial assinou, em 2011, um acordo de confidencialidade com a Celgpar (então controladora da Celg-D), demonstrando interesse em avaliar a viabilidade de investimentos ou parcerias para explorar mercados de distribuição, geração e transmissão de energia elétrica no território goiano. A Equatorial não se manifestou sobre esse acordo.

Na época, o governo de Goiás insistiu na federalização, por ser mais ágil que o leilão. Em 2012, a Eletrobras assumiu o serviço até que houvesse a privatização da distribuidora goiana, que foi arrematada em 2016 pela italiana Enel Brasil. A holding estrangeira foi acionista majoritária até dezembro de 2022, quando a Equatorial passou a ser responsável pela distribuição no estado.

Presidente da Associação Brasileira de Engenheiros Eletricistas em Goiás (ABEE-GO), Petersonn Caparrosa afirma que a Equatorial tende a não cumprir as metas regulatórias nem fazer os investimentos necessários no prazo, de forma que os consumidores vejam melhoria. "É importante que a Equatorial observe a concessão no horizonte de 25 a 30 anos, não no curto prazo", diz.

Ex-coordenador nacional das Câmaras Especializadas de Engenharia Elétrica do Confea (conselho federal de engenharia), Jovanilson de Freitas diz que a situação hoje reflete o histórico ruim. "Espero que, a partir de janeiro, a empresa possa apresentar resultados melhores dos investimentos, com retorno na qualidade do serviço para a população."

A Equatorial afirma que foram investidos R$ 2 bilhões na área de concessão em 2023. A companhia diz que modernizou e ampliou 161 unidades, construiu seis novas linhas de distribuição de alta tensão, entregou cinco novas subestações e reformou outras quatro. Estão previstas novas obras e a ampliação e modernização de outras 97 subestações.

A Aneel informou que a Equatorial participa de plano para alcançar, em quatro anos, o cumprimento dos limites regulatórios dos indicadores DEC e FEC em no mínimo 80%. Caso não evolua de forma satisfatória, a distribuidora poderá ter penalidades administrativas, que podem ir de advertência e multa à caducidade da concessão.

Moradoras como Fabiana e Stela têm urgência. Sem TV, a vendedora diz ter medo de que as quedas de energia queimem a geladeira, o micro-ondas e a lavadora.



Stela Oliveira, 39, vive em Goiânia e se queixa da frequência nas quedas de energia Weimer Carvalho/Folhapress

Educação e crescimento econômico no Brasil

Cada ano a mais de escolaridade está associado na Coreia do Sul a dez vezes mais PIB por trabalhador do que no Brasil

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

A figura apresenta duas estatísticas para diversas economias. No eixo horizontal, a escolaridade da população, medida por anos médios de estudo. A informação foi obtida na base de dados do PNUD da ONU. No eixo vertical, a evolução do produto anual por trabalhador. O produto por trabalhador é medido em dólares constantes de 2021, controlando-se por diferenças sistemáticas de custo de vida entre as economias. A informação foi obtida do Banco Mundial.

Para cada país, temos uma reta ligando dois pontos. O primeiro representa o par educação e produtividade do trabalho em 1991 e o segundo as mesmas estatísticas em 2022.

Por exemplo, para a Coreia do Sul, entre 1991 e 2022, a escolaridade da população elevou-se 3,2 anos, enquanto o produto por trabalhador cresceu US$ 56 mil. Cada ano a mais de escolaridade da população está associado à elevação do produto por trabalhador em US$ 17,6 mil.

Para o Brasil, a relação é menor: para uma elevação de 4,4 anos de escolaridade da população, a elevação do produtividade foi de US$ 7,6 mil, ou US$ 1,7 mil por cada ano de escolaridade a mais. Cada ano a mais de escolaridade correlaciona-se, na Coreia, a dez vezes mais produto por trabalhador do que no Brasil.

Uma possível explicação é que a qualidade da educação brasileira é muito baixa. No entanto, apesar de ser baixa, o retorno da educação medido pela elevação de salário associada à maior escolaridade do trabalhador é expressivo no Brasil.

De fato, estudo recém-publicado (https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/214618) de colegas do Observatório da Produtividade Regis Bonelli do FGV IBRE elabora um indicador de qualificação da mão de obra para o Brasil que incorpora os ganhos salariais associados à maior escolaridade. O indicador teve um aumento de 81% entre 1995 e 2022, muito maior do que a elevação da produtividade do trabalho de 24% observada entre 1991 e 2022.

Ou seja, apesar da baixa qualidade da educação pública, o baixo crescimento nas últimas décadas não pode ser atribuído a ela. A evidência é que houve outros fatores que reduziram a produtividade.

Os economistas consideram uma medida de produtividade chamada de produtividade total dos fatores (PTF). A PTF mede a eficiência pela qual a economia combina capital e trabalho. Segundo o estudo, a PTF brasileira caiu 21% entre 1995 e 2022. No cálculo da PTF, foi empregado o indicador de qualificação da mão de obra do FGV IBRE.

Voltando para o gráfico desta coluna, nota-se que o México tem um comportamento bem próximo ao da economia brasileira. No caso mexicano, o produto por trabalhador caiu entre 1991 e 2022, enquanto a escolaridade da população se elevou. Para o México o estudo muito cuidadoso do economista mexicano Santiago Levy, "Esforços mal recompensados: a ilusória busca pela prosperidade no México", de 2018, documenta que toda a legislação tributária e trabalhista se alterou na direção de estimular a alocação do capital e trabalho em unidades produtivas com menor eficiência. A PTF mexicana também caiu nas últimas duas décadas e meia.

A educação brasileira precisa melhorar muito. Mas ela tem entregado bons resultados. Trabalho de Rodrigo Soares, publicado em uma das melhores revistas acadêmicas do mundo, documentou que a melhora educacional foi o principal determinante da queda da informalidade nos anos 2000.

O crescimento depende das habilidades embutidas nos indivíduos, mas também depende de um marco legal e institucional que estimule a boa alocação dos fatores. Nas últimas décadas, pioramos muito nessa dimensão.

Escolaridade vs. PIB do trabalhador

Em anos e US$ mil em PPC (paridade do poder de compra)

*Dados de 1991 e 2022 | Fontes: PNUD e Banco Mundial

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Notas da primeira família do real serão recolhidas

SÃO PAULO A primeira família do real segue para o mesmo destino que a antiga cédula de R$ 1 teve há 20 anos: o desaparecimento.

O BC (Banco Central) determinou no dia 9 de julho que todas as notas da primeira versão da moeda brasileira devem ser recolhidas pelas instituições financeiras.

As notas antigas que continuarem em circulação, no entanto, manterão seu poder de compra preservada, ressalta o BC.

Há mais de dez anos, a autoridade monetária iniciava a circulação da segunda família do real com um novo desenho para elevar a segurança, dificultando falsificações, e facilitar a interação de pessoas com deficiência visual, já que as notas passaram a ter marcas em relevo.

As cédulas ficaram visualmente mais limpas em sua frente e conservaram a efígie da República, as cores e os mesmos animais de suas versões antigas.

Do lado direito, foi adicionada uma faixa com o valor da nota, e do lado esquerdo, um grafismo com figuras do habitat de cada animal.

As notas ganharam também novos itens de segurança. Se antes o principal elemento para se proteger era a marca d'água, na segunda família entraram em cena faixas holográficas, quebra-cabeças, fios de segurança, microimpressões e números escondidos.

As dimensões também mudaram. Era tudo do mesmo tamanho na primeira família. Na segunda, a de R$ 2 é a menor, a de R$ 5 um pouco maior, e assim sucessivamente, a exemplo do euro.

Cerca de 3% de cédulas em circulação atualmente são da primeira família, segundo o BC. Considerando que a segunda família está em circulação há 12 anos, a autoridade monetária apontou que as cédulas mais antigas já não estariam em condições para circulação.



Liberdade e destino

A forma como toleramos quase sem reação o agravamento do aquecimento global faz lembrar a passividade frente ao avanço do nazismo

Candido Bracher

Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos.

Ler bons livros é um dos grandes prazeres da vida. Vez por outra, esse prazer é ampliado quando uma leitura nos surpreende por fugir ao roteiro por nós imaginado.

Experimentei essa surpresa recentemente, ao ler "Sem Destino" de Imre Kertész (1929-2016), ganhador do Nobel de Literatura em 2002, livro que me foi recomendado por uma amiga querida e boa leitora.

O personagem Gyorgy Koves, como Kertész judeu húngaro, é deportado —também como Kertész— a Auschwitz com 14 anos. É importante lembrar que na Hungria a perseguição mais dura aos judeus deu-se a partir de 1944, após a invasão alemã.

Acompanhamos Gyorgy ao longo de um ano, por Auschwitz, Buchenwald e Zehdnick, até sua libertação e retorno para Budapeste em 1945.

Durante a maior parte do livro, imaginei estar diante de um relato como o pioneiro "É Isto Um Homem", de Primo Levi, publicado logo após os eventos em 1947, ou "Noite", do também ganhador do Nobel, Elie Wiesel, publicado em 1960.

Ambos textos da melhor qualidade humana e literária, enfatizam o grau de desumanidade a que o homem pode chegar; sejam os algozes com sua indescritível crueldade, sejam suas vítimas, reduzidas à mais primitiva luta pela sobrevivência.

Levi e Wiesel defendem a importância de resistir durante o calvário e a importância ainda maior de divulgar o ocorrido com toda a sua crueza, para que jamais se repita.

Há muitos pontos comuns aos relatos dos três livros, afinal os personagens —reais ou fictícios— estiveram no mesmo campo, na mesma época. Um desses pontos é a importância de "dar um passo após o outro", estabelecer objetivos imediatos, como sobreviver mais um dia apenas, pois o desafio de resistir muitos meses parece tão intimidante a ponto de ser desencorajador.

Parêntese: esse pode ser um recurso salvador em situações diversas. No livro "Tocando o Vazio", de Joe Simpson —um dos melhores relatos de aventura que conheço—, um alpinista ferido e solitário recorre a ele para conseguir retornar ao acampamento base, estabelecendo repetidos objetivos, cada um deles a poucos metros de distância.

É no reencontro em Budapeste de Gyorgy com dois senhores judeus, seus vizinhos, após saber da morte de seu pai em Matthausen, que Kertész traz o elemento que tanto me surpreendeu. Gyorgy se recusa a ser considerado uma vítima inocente e reivindica responsabilidade e um papel ativo na experiência que viveu: "Se existe um destino, a liberdade não é possível; porém, se existe liberdade, não há destino".

Em seguida, insinua a seus indignados interlocutores que eles são corresponsáveis, dada a passividade com que assistiram à escalada da opressão nazista. Lembra-os que na noite em que todos se despediram do seu pai, que fora convocado aos trabalhos forçados e partiria na manhã seguinte, chegaram a discutir se era mais prático ir de bonde ou de ônibus.

A ideia é a mesma contida no poema "Invictus", de William Henley, que inspirou Nelson Mandela durante seus 27 anos de prisão, cujos versos declamava recorrentemente para si e para seus companheiros. O final do poema retrata o sentimento expresso por Gyorgy: "Eu sou o senhor do meu destino: eu sou o comandante da minha alma".

Sentimento que exige muito de quem o pratica, preferindo-o à busca de harmonia contida na conhecida frase de Sêneca: "O destino conduz a quem consente e arrasta a quem a ele resiste".

"Sem Destino" trouxe ainda mais uma surpresa para mim, na frase final de Gyorgy: "Pois lá [no campo de concentração], entre durezas, havia... na pausa das torturas, algo que se assemelhava à felicidade". A felicidade, creio eu, de ver-se capaz de resistir, de dar mais um passo, alcançar mais um pequeno objetivo.

Essa surpresa final remeteu-me imediatamente a um texto que já citei nesse espaço há exatamente um ano: "O Mito de Sísifo". Camus conclui o texto afirmando ser necessário sermos capazes de imaginar Sísifo feliz (apesar de condenado a empurrar eternamente um rochedo morro acima, só para vê-lo rolar morro abaixo em seguida), pois "a própria luta para ascender ao cume é suficiente para preencher o coração de um homem".

A leitura do romance de Kertész ampliou minha compreensão da afirmação de Camus, ao levar-me a me perguntar se a felicidade de Sísifo repousa sobre sentir-se agente do seu destino, em que pese sua condenação.

Não creio que seja necessário extrair nenhuma lição prática imediata desses pensamentos. O simples exercício de estabelecer relações entre leituras novas e conhecimentos antigos basta em si mesmo. Mas não resisto ao impulso de perguntar-me se há algum campo em que identifico —em mim e à minha volta— um comportamento de vítima, onde caberia buscar ser mais agente do meu, do nosso destino.

Creio encontrar na forma como toleramos quase sem reação o agravamento do aquecimento global, como se estivéssemos condenados a suportá-lo passivamente, um campo em que há necessidade de maior protagonismo.

Acho que cabe perguntarmo-nos se estamos dando suficiente importância ao assunto, se alteramos nossos hábitos, se escolhemos nossos candidatos levando esse aspecto de suas propostas em consideração, se nos manifestamos em nossos grupos, se procuramos educar nossos filhos e netos e se nos abrimos para apreender com eles.

No mês passado, 1.400 peregrinos pobres (pois não contavam com os cuidados que recebem os peregrinos "oficiais") morreram durante a celebração do Hajj, em Meca, na Arábia Saudita. Não morreram em uma inundação, tornado, incêndio, ou fome provocada por uma quebra de safra; morreram sob o efeito direto do calor de 51 graus. O aquecimento global não precisa mais de intermediários para matar.

Não dá mais para ignorar. E, se não ignoramos, não podemos permanecer passivos.

DOM. **Ana Paula Vescovi,** Marcos Lisboa, Candido Bracher

Casais jovens dos EUA moram juntos cada vez mais cedo

Para economizar, alguns dividem moradia após namorar por curto período

Melissa Rohman

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES
Para Caroline Li e Colin Wang, morar junto após um namoro de oito meses foi uma questão de sorte e urgência.

No fim do ano passado, Wang, 28, estava concluindo do seu último ano de faculdade de medicina na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, quando descobriu que o apartamento de dois quartos que dividia com um colega estava infestado de mofo. Ele precisou se mudar, mas teve dificuldade em encontrar uma nova moradia.

"Achei difícil encontrar algo que fosse próximo do campus, com preço razoável, e era o meio do ano letivo", disse Wang, que havia atingido o limite de três anos de moradia estudantil da UCLA.

Ao mesmo tempo, Li, 24, enfermeira registrada, descobriu que uma de suas colegas de quarto estava se mudando de seu apartamento perto de Santa Mônica, Califórnia, no meio do contrato de aluguel, de US$ 5.000 (R$ 27,3 mil) por mês. Li e Wang perceberam que poderiam resolver os problemas se Wang se mudasse para o apartamento de Li.

Eles estão entre muitos casais jovens que optam por mudar-se juntos antecipadamente para economizar dinheiro com moradia e custos de vida.



Casal em Nova York; alto custo de locação antecipa mudanças Andrew Kelly - 6.nov.22/Reuters

Diante de um baixo estoque de moradias acessíveis, forte concorrência entre compradores e locatários, uma lenta queda nos preços dos aluguéis e aumento das taxas de hipoteca, jovens nos EUA estão sendo empurrados a encontrar maneiras de arcar com os custos de moradia.

"As gerações mais jovens realmente precisam procurar maneiras de economizar e reduzir seus custos de moradia, especialmente em grandes cidades, onde os aluguéis e os preços das casas ainda são muito altos", disse Hannah Jones, analista sênior de pesquisa econômica da Realtor.com.

Segundo pesquisa recente da Realtor.com, 80% dos entrevistados da geração Z e 76% dos entrevistados millennials que moram com seus parceiros disseram que finanças ou logística, ou ambos, contribuíram para sua decisão.

Li e Wang dividem o custo das contas mensais de serviços públicos e mantimentos com outra colega de quarto. "Na verdade, elas me deram um desconto quando me mudei para cá, porque eu não tinha salário até recentemente", disse Wang, que acabou de começar seu programa de residência e tem mais de US$ 200 mil (R$ 1,09 milhão) em dívidas da faculdade.

Li e Wang disseram que, desde que começaram a morar juntos, melhoraram sua comunicação e otimizaram seu tempo juntos. Mas continuam trabalhando para mesclar seus estilos de vida. "Mesmo com colegas de quarto, é preciso respeitar os limites e tudo mais", disse Li.

Embora dividir o custo do aluguel tenha seus benefícios, morar junto cedo em um relacionamento pode causar problemas se um casal ainda não tiver uma boa compreensão dos estilos de comunicação e habilidades de resolução de conflitos um do outro, disse Nicolle Osequeda, terapeuta de casais e famílias.

"Se houver diferenças significativas e não houver uma base sobre como falamos sobre coisas difíceis, seja finanças ou qualquer outra coisa, então isso pode exacerbar algumas dessas tensões que você já sentiria", disse Osequeda.

Depois de sete meses de namoro, Kaitlin Cadagin, 26, e seu namorado de 28 anos se mudaram para um apartamento de um quarto em um arranha-céu de Chicago.

O apartamento deles custava US$ 2.400 (R$ 13,1 mil) por mês de aluguel e oferecia várias comodidades. O casal decidiu dividir o aluguel com base em suas rendas: Cadagin, gerente de eventos, pagava US$ 1.000 (R$ 5.460) por mês, e seu namorado, advogado licenciado, pagava os US$ 1.400 (R$ 7,6 mil) restantes.

"Eu entrei nisso dizendo: 'Posso pagar US$ 1.000 como minha parte do aluguel'", disse Cadagin, que anteriormente alugava um apartamento de dois quartos com um colega em outra área de Chicago, onde cada um pagava US$ 900 (R$ 4.914) por mês.

Quando seu colega de quarto decidiu se mudar, Cadagin disse que ela e seu namorado concluíram que morar juntos seria mais econômico para Cadagin do que se ela alugasse um apartamento sozinha. Cadagin disse que poderia se dar ao luxo de morar sozinha, mas preferiu economizar dinheiro morando com outra pessoa.

Ao pagar por serviços públicos e mantimentos, o casal dividia o custo igualmente. No entanto, manter o controle de suas finanças compartilhadas nem sempre foi perfeito, disse Cadagin. "Ele é muito cuidadoso com suas finanças, e às vezes eu não sou", disse ela.

O namorado de Cadagin disse que embora não tivessem feito um bom trabalho em estabelecer expectativas financeiras antes de morarem juntos, aprenderam a definir melhor metas financeiras e se tornaram um casal mais forte.

Cadagin disse que morar com o namorado tem sido uma experiência positiva e sente que seu relacionamento tem espaço para crescer.

Mas nem todos os relacionamentos sobrevivem depois que um casal mais novo decide morar junto.

Em 2021, Eva Hersch, 26, e seu namorado se mudaram juntos para Philadélphia depois de um ano de namoro em Nova York. Hersch alugava um pequeno estúdio e seu namorado alugava um pequeno apartamento de um quarto.

Quando Hersch recebeu uma oferta de emprego na Philadélphia, ela o convenceu a se mudar com ela. Eles escolheram um imóvel de dois quartos por US$ 4.000 (R$ 22 mil) por mês e dividiram o aluguel. "Isso era tão barato comparado ao que cada um de nós estava pagando em Nova York", disse Hersch.

Dois anos depois, porém, decidiram terminar o relacionamento e se mudar, o que exigiu que eles quebrassem o contrato de locação.